este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 265 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

THE Sun

O JORNAL DO ANO (EM INGLATERRA)

É MAIS UM GRANDE EXCLUSIVO DO Diário de Lisboa

O JORNAL COM MAIOR AUMENTO DE TIRAGEM EM PORTUGAL

Telegramas das agências noticiosas internacionais informaram ontem que o diário londrino «The Sun» foi considerado *o jornal do ano* em Inglaterra. Acrescentava a notícia que «The Sun» conseguiu em 1970 um espantoso aumento de tiragem, passando de novecentos mil para dois milhões de exemplares diários.

No artigo de José Cardoso Pires que publicamos, recentemente enviado de Londres, o leitor encontrará uma clara explicação da ascensão de «The Sun».

Entretanto, o «Diário de Lisboa» pode hoje anunciar, com compreensível satisfação, que havia já assegurado o exclusivo para Portugal do *jornal do ano*. Esse contrato começou a vigorar no dia 1 de Janeiro corrente e vem aumentar a importante rede de exclusivos do «Diário de Lisboa», seguindo-se a «The Washington Post», «Los Angeles Time» e «Le Monde».

Esta a notícia que hoje damos aos nossos leitores, com a certeza de se tratar de um passo importante no caminho de incessante valorização do nosso jornal, que é actualmente o que regista maior aumento de tiragem no nosso País. E para corresponder a essa aceitação do público, o «Diário de Lisboa» procura cada vez mais ultrapassar limites para estar presente no mundo e no tempo que hoje se vive

INAUGURADA A BARRAGEM DE ASSUÃO

ASSUÃO, 15 — (R.) — Foi hoje inaugurada oficialmente ar gigantesca barragem de Assuão, no Egipto, numa cerimónia a que assistiram membros e delegados dos governos dos países de todo o Mundo.

A barragem custou cerca de quatro milhões de contos e demorou dez anos a construir, com o auxilio da União Soviética

«REPÚBLICA»

Começou a publicar-se há sessenta anos — que hoje se completam — o nosso prezado colega «Republica», fundado pelo eminente democrata dr. António José de Almeida e que persiste na linha de rumo do seu ideário republicano. Apresentamos aos director e director-adjunto, respectivamente, sr. Carvalhão Duarte e dr. Alfredo Guisado, as nossas cordiais saudações.

o sol sobe

por JOSÉ CARDOSO PIRES

LONDRES (Janeiro) — Fez em Novembro um ano, as bancas de jornais, as ruas e o metropolitano de Londres acordavam diàriamente com O Sol (The Sun) anunciado em letras radiosas. Com neve, com chuva ou no mais espesso nevoeiro, o novo Sol aparecia pontualmente, oferecendo-se a milhões de britânicos como o jornal da idade lunar. À luz dele, as ilhas do Superdesenvolvimento iriam contactar com o mundo sob um ângulo mais dinâmico, mais actualizado, mais etc.

(Continua na 3.ª página)

O féretro á saída da residência do Presidente do Conselho

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

OS PRÉMIOS

OS PRÉMIOS instituídos para a iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» têm provocado o maior interesse da parte dos nossos leitores, muitos dos quais se nos dirigiram congratulando os organizadores da iniciativa pelo cuidado e pelo esmero com que elobararam esta lista encimada pelo maior prémio até hoje concedido na história da Imprensa portuguesa.

O facto de já termos em nosso poder cartas de leitores pedindo características dos automóveis e de outros prémios, tem de considerar-se sintomático do interesse com que está a ser seguida a nossa iniciativa, motivo porque

(Continua na pag. seguinte)

NAS PÁGINAS CENTRAIS; LISTA COMPLETA DOS PRÉMIOS DESTINADOS A ESTA INICIATIVA

MORREU ONTEM EM LISBOA E FOI HOJE SEPULTADA A ESPOSA DO CHEFE DO GOVERNO

Constituiu manifestação de pesar a que se associaram as mais eminentes personalidades da vida nacional e representantes do Corpo Diplomático, o fune-

(Continua na ultima página)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

nos podemos considerar orgulhosos de um êxito que de forma nenhuma se pode classificar de acidental — os prémios que tanto interesse têm despertado foram criteriosamente escolhidos e a lista, que hoje voltamos a publicar nas páginas centrais, foi elaborada de forma a satisfazer o maior número possível de leitores. O apartamento de Parque Residencial e Turístico de Miraflores, por exemplo, tem de considerar-se verdadeiramente excepcional e quem o for visitar constatará tratar-se do lar ideal.

O «Mercedes Benz-220», que faz parte do primeiro prémio, goza de tal reputação em todo o mundo que apresentá-lo é inteiramente desnecessário. E os restantes automóveis que figuram na lista dos prémios, sobejamente conhecidos pela sua resistência e pela sua economia — o «Rebel-700» e os «Fiat-600-D» —, encontram-se na mesma situação: haverá quem não ambicione ter um carro destes?

Outro prémio, senão inédito, pelo menos pouco frequente em iniciativas desta natureza é a magnífica «roulotte» Sprite-Cadet que vai proporcionar muitas férias agradáveis a uma família feliz.

Os leitores que já nos enviaram os seus cupões-duplos de identificação estão de parabens e os que ainda o não fizeram não devem perder tempo porque julgamos, efectivamente, notável a lista dos prémios instituídos.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e facultativamente a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1 - Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuido em sorteio, terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos ★ do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

CONTINUAM A CHEGAR numerosos pedidos de informação e esclarecimentos. Não podemos, porém, ainda revelar mais pormenores. Confirmamos apenas a revelação feita nestas colunas: os vendedores do «Diário de Lisboa» que os premiados na iniciativa tiverem indicado como sendo aqueles a quem adquirem habitualmente o jornal, também vão receber prémios.

Dentro de poucos dias, revelaremos mais pormenores acerca deste aspecto sem dúvida importante da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa».

Chamamos entretanto a atenção de todos os interessados: podem beneficiar o seu vendedor habitual identificando-o devidamente nos cupões-duplos que têm de preencher e enviar para os nossos serviços e lhes permitirá participar na iniciativa.

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

É SÓ O «CABEÇALHO» DA 1.ª PÁGINA (TÍTULO E DATA DO JORNAL), QUE, DESDE 2 DE JANEIRO E ATÉ 31 DE MARÇO, DEVE GUARDAR. É PERMITIDA A FALTA DE CINCO EXEMPLARES POR MÊS. QUEM AINDA NÃO TIVER COMEÇADO A COLECCIONAR OS «CABEÇALHOS», PODE OBTER OS NÚMEROS ATRASADOS NOS NOSSOS SERVIÇOS

— — — — RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA» — — — —

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

— — — — RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA» — — — —

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

o sol sobe

(Continuação da 1.ª página)

The Sun trazia milhões no orçamento inicial e vinha substituir o *Herald* que, como tabloide, não ultrapassara os 800 mil exemplares — uma miséria na opinião de Mr. Murdoch, eminência do jornalismo, que de um dia para o outro monopolizara os dois colossos da Imprensa britanica, constituindo o mais poderoso «trust» do mundo neste ramo. Nos *pubs* jornalísticos de Bouverie Street o novo periódico era criticado com as imprecisões e os sensacionalismos dos golpes de insuspeitável alcance.

PARA COMEÇAR, MAUS PRESSÁGIOS

Mas *The Sun* tinha nascido em má conjuntura, parece. Veio sob o signo Harold Wilson, que, sobretudo no último quadrante do ano, era casa pouco propícia a empreendimentos de escrita e letra de forma. Revelava influências maléficas bem evidentes: greves e aumentos nas tarifas de transportes, subida do preço do papel e dos jornais, crise sindical nos gráficos e inquietação nos meios profissionais e financeiros pela fusão Mirror-IPC. Curta linha de vida, previam os astrólogos da bolsa jornalística.

Com tudo isto, Mr. Murdoch, o Mago, não se desorientou. *The Sun* era o seu fio de Ariane, ia enredar-se nele mais e mais. Os *mass media* foram mobilizados com verbas fabulosas de publicidade; nas ruas, nos cinemas, de porta em porta, nos clubes do Soho (com um bailado que se tornou popular, *The Sun at Midnight*) o jornal sacudia a rotina e provocava os «press clubs» de Fleet Street. *The Sun* iria triunfar, bradavam do alto do empório IPC os tecnocratas de Mr. Murdoch. Possìvelmente pretendiam tranquilizar a City, dizia-se á boca fechada.

Mas tranquilizar como, se os meios da finança vigiavam tão atentamente o lento gráfico de vendas e se o signo do *The Sun* se revelara tão carregado de maus presságios?

Mr. Murdoch acreditava mais nos especialistas de marketing que tinha recrutado do que nos astrólogos do jornalismo. Dispunha de uma equipa redactorial experimentada mas sem os vícios do jornalismo sensacionalista, afirmava o seu braço direito, Ted Benson, que fora buscar ao *Observer*. «Na situação actual (palavras do mesmo Ted Benson) esta será a primeira condição para criar um jornal do grande público diferente dos restantes».

Conclusão: *The Sun* iria vingar. Sómente, neste caso, o Sol não nascia da noite para o dia. Era preciso dar tempo ao tempo.

Que tempo? Um ano, um triénio? Os estrategas do IPC não se comprometeram com prazos, evidentemente. E quando o jornal festejou o seu primeiro aniversário, já era por demais significativo que os parabéns tenham vindo em primeiro lugar de Mr. Harold Wilson e de jornais tão exigentes como o *Guardian* e *The Observer*.

As estatísticas não se fizeram esperar: em doze meses a tiragem registava 1 milhão e 800 mil exemplares e chegaria aos 2 milhões antes do final do ano. Números controláveis, como sempre.

A MARCHA PARA O ZÉNITE

Peter Fidick (no *Guardian*) faz a análise da «Escalada *The Sun*» através do mapa da concorrência:

«Cerca de 1 milhão dos seus leitores correspondem com toda a segurança a perdas de público dos outros quatro jornais populares do país [...] O *Sketch* baixou para 750 mil exemplares e os seus proprietários devem sentir-se menos confiantes do que nunca, especialmente se o seu irmão, *The Mail*, continuar a sofrer flutuações de tiragem inquietantes. Só o *Mirror* (5 milhões de exs.) se encontra em diferente posição, embora se preveja uma baixa para os quatro milhões e nesse caso a equação crucial dos custos e das receitas de publicidade torna-se-lhe ainda mais adversa do que para os outros.»

Mas o *Mirror* e *The Sun* são parentes muito chegados, pertencem ao mesmo trust. A política trabalhista do primeiro pode neste momento estabilizar-lhe o volume de leitores e, sendo assim, as vítimas previstas reduzir-se-ão aos três restantes jornais.

Política — aí está um coeficiente que conta no balanço do mercado. Enquanto o *Express*, o *Mail* e o *Sketch* alinham em tendências direitistas, *The Sun* demonstra desde a primeira hora um certo radicalismo que, no actual desprestígio de Heath junto das camadas populares e da média burguesia, lhe é indiscutívelmente favorável. Mais ainda: a ideologia dos seus concorrentes, como é natural neste tipo de imprensa, procura ocultar-se; e jamais o acontecimento é apresentado de forma abertamente crítica ou com conotações políticas. O público sem doutrinação nem critério, o público, inclusivamente, que lia o *Express*, o *Mail* ou o *Sketch* nos tempos do regime de Wilson, não tem agora neles os assuntos que viriam ao encontro do seu quotidiano traído pelo voto de Heath. Por outro lado, há todo um *plumken proletariat* que se vê neste momento em dificuldades mais directas do que nunca e que tende a politizar-se, dadas as restrições e o controle governamental dos sindicatos.

The Sun, pelo contrário, aparece como primeiro tabloide com opinião. Não obstante «essa inovação representar um risco, teve a felicidade de ir ao encontro de um vasto público que, sendo convencionalmente passivo, manifesta actualmente uma necessidade de esclarecimento determinada pelas alterações de vida». (Malcolm Durkin, *The Listener*).

O mapa astrológico mudou o Sol, em vez do eclipse, caminha para o zénite. *The Sun says...* — anuncia o cabeçalho dos editoriais, e o que *The Sun* diz interessa a dois milhões de cidadãos. Por enquanto.

O «SEXATIONALISM»

Num debate sobre «Comunicação de Massas» na London School of Economics, o prof. Patrick Ridler apontou, de passagem, o caso *The Sun*. Segundo ele, o traço de personalidade do jornal está numa abordagem menos directa e menos explosiva dos temas sexy e na atitude crítica, precisamente, com que sublinha as reportagens e a informação. Atitude discreta, salientou, que não pretende abranger a essência das questões na sua complexidade e que muitas vezes resulta em superficialismos deturpadores. De qualquer maneira, isso representa um *turning point* em relação aos tabloides e á imprensa popular, acrescentou o sociólogo, assinalando que a linha tradicional destas publicações consiste em não inferiorizar o público nos seus complexos culturais, recusando-se a todo o comentário e a todo o tipo de comunicação que os incompatibilize com o *dear reader*, o prezado leitor.

Sabe-se: a trilogia Crime-Espectáculo-Sexo é a bíblia quotidiana da imprensa popular. *The Sun* obedece-lhe, mas com discreção e liberdade: sempre que possível junta-lhe ingredientes complementares ou valoriza a simples notícia com informações á margem. Muito particularmente, a rubrica Sexo é nele tratada com cuidado especial, tendo em vistas um público juvenil saturado de sensacionalismos e cada vez menos aliciável pelo tema nos moldes em que tem vindo a ser explorado. Abono-me novamente em Malcolm Durkin: «O *Sexationalism*, servido pelos excitantes da perversão, do crime e da pornografia tem-se vindo a revelar progressivamente inoperante nas sociedades permissivas. São apelos que enfraqueceram pelo abuso que se tem feito deles e pelo acesso fácil que atingiram».

É certamente por isso que alguns tabloides procuram novos atractivos de aliciação. As paginações esotéricas, as folhas perfumadas, os cupões-brinde fizeram a sua época, agora há que secundar a concorrência com golpes originais. O último número de *Private Eye* aparece com um disco colado na capa, o *Bloom* inclui slides coloridos de *folk singers*. *Flag* substitui a vamp dos nossos dias pelas figuras abomináveis de todos os tempos, desde Quasimodo a Sammy Davies Jr. Entretanto as explorações eróticas (pseudo-eróticas, para ser rigoroso) há muito que tinham sido moderadas por [illegible]zines de grande categoria como *Playboy* e *Town* e por outros de menor qualidade como *Nova*, *Knight* ou *Adam*. Em todos estes periódicos o véu de garantia do sensacionalismo sexual é fabricado com [illegible] de psicanálise, de sociologia aplicada e com alguma informação histórica.

Foi justamente por este caminho que *The Sun* enveredou, embora em doses modestas e cautelosas. Como primeiro tabloide a adoptar a solução, e tendo em conta a segurança das suas orientações, é de prever que os concorrentes lhe sigam o exemplo. Mas por enquanto o Sol é só um — e vai queimando os astros que se cruzam com ele na sua ascensão através do firmamento da Imprensa popular.

JOSÉ CARDOSO PIRES

NOTA do dia

EDUCAÇÃO, ENSINO, CULTURA

LEVANTOU UM DEPUTADO o problema da eventual criação de mais um ministério. Por estas palavras: «Enquanto não criarmos o Ministério da Cultura, é ao Ministério da Educação Nacional (...) que tais atribuições terão de ser conferidas». Cabem aqui, como se vê, dois problemas. O primeiro é o do departamento para cuja carência se pretende chamar a atenção. O segundo é o da própria organização interna do actual Ministério da Educação, evidentemente limitada para o conjunto de encargos que lhe estão cometidos ou que de si se reclamam com melhor ou pior fundamento e que estão longe de ser tão poucos como alguns serão capazes de supor.

Tentemos ver os dois aspectos. O primeiro pode ter como ponto de partida uma asserção tipo M. de La Palice, isto é, que pode muito bem haver cultura sem haver ministério próprio com o seu nome, ao que pode acrescentar-se, pelo contrário, que só o facto de haver um ministério da dita não é penhor certo e seguro de que a cultura nasça e cresça como consequência inevitável. Mas é de reconhecer efectivamente que os problemas susceptíveis de ser classificados dentro dessa designação hoje corrente são tantos que bem merecem ser contemplados numa visão de conjunto e com um critério aberto e esclarecido sobre o verdadeiro sentido da cultura.

Nos serviços que são hoje os do Ministério da Educação Nacional incluem-se naturalmente em primeiro lugar os do ensino, com todos os seus ramos e graus, ou sejam os ensinos que têm sido chamados primário, liceal, técnico, artístico e universitário. Há depois tudo que se relaciona com os museus e bibliotecas, há os teatros do Estado, há os desportos, há ainda a organização da Mocidade Portuguesa. Daqui já se vê que há bibliotecas e museus que são do Estado e os que não são, há uns teatros sim e outros não: a Inspecção dos Espectáculos, dependente da Secretaria de Estado da Informação e Turismo não exerce funções meramente administrativas, pois estabelece critérios selectivos de programas relativamente aos teatros que não são do Estado.

Este panorama possível, que se refere de memória a título quase exemplificativo, excluindo de todo a ideia de inventário exaustivo, dá uma ideia, porem, da variedade de assuntos que é possível relacionar e nos aparecem, com o actual arranjo orgânico, manifestamente fragmentados. Mas só o que é hoje específico do ensino, programas, escolas, professores, é verdadeiramente um mundo, para mais, como bem sabemos, em profunda ebulição, movimentado por poderosas forças de tempo que se manifestam de vários lados simultâneamente. Isso tudo faz compreender, desde logo, que pôr de pé uma reforma como a que o ministro da Educação há dias anunciou implica também a reforma do próprio ministério.

E a cultura o que é? Qual o seu destino? É certo que, também aqui, os esquemas tradicionais parecem destroçados. Com os conceitos actuais de educação permanente, talvez venha a ser difícil pôr de lado o que é «passado» para se pegar preferencialmente no que for «futuro». Uma coisa liga-se à outra e é precisamente esse o lugar e o papel do «presente». A cultura não se interrompe. Ela é, ao mesmo tempo, o resultado da evolução das sociedades e o próprio molde para essa evolução. Onde é que ela começa e onde é que ela acaba? Para ajudar um raciocínio recorde-se a velha definição de que cultura será o que fica depois de termos esquecido tudo quanto aprendemos. É isso, o que fica.

ECONOMISTA

Gabinete de engenharia, de reputação internacional, pretende contratar para assumir funções de gestão económico-financeira e supervisão da contabilidade, ao nível de assistência directa à Administração.

Requere-se: cerca de 30 anos de idade, espírito empreendedor e grande iniciativa pessoal.

Oferece-se: trabalho profissionalmente interessante e possibilidade de progresso na organização apenas condicionado às qualidades demonstradas.

Indicar na resposta o curriculum pessoal, referências, ordenado pretendido e data a partir da qual estaria disponível.

Resposta a este jornal ao n.º 691.

AUXILIAR DE CONTABILIDADE

Com conhecimentos de mecanografia de preferência OLIVETTI.

Resposta a este jornal ao n.º 684.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

ELAINE DELMAR
vedeta da Rádio e da TV inglesa

KARL KARSONY
famosa atracção mundial

HELENA TAVARES com
RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

LES BALLETS DE
GEORGES REICH

MÚSICA E CANÇÕES DO FOLCLORE DE S. TOMÉ
OS UNTUÉS

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

JAN BERKELEY SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

No CINEMA, às 17 e 21.30 h. (M. 17 anos):
A FESTA

PINTER ABRIU O CICLO DE TEATRO FRANCÊS

«Le Gardien», de Harold Pinter. Adaptação de Eric Kahane. Encenação de Jean-Laurent Cochet. Cenário de Jacques Marillier. Intérpretes: Jacques Dufilho, Sacha Fitoëff e Claude Giraud.

O novo «Ciclo de Teatro Francês», organizado pelo São Luiz, abriu com um autor e um texto ingleses já conhecidos de algum publico português: «O Porteiro», de Harold Pinter, que entre nós foi encenado por Jorge Listopad, com cenário de João Vieira e interpretação de Jacinto Ramos, Augusto de Figueiredo e Henrique Viana.

A peça de Pinter contém, nítidas, dedadas do teatro absurdo, em especial de Beckett e dos seus vagabundos de «Á espera de Godot». No entanto, o texto do dramaturgo britanico é menos alegórico, mais cingido á realidade quotidiana, e há nas suas personagens um impulso, muito ténue mas vivo, para uma comunicação, ainda que embrionária ou balbuciante, para a tentativa (falhada embora) de construção de uma comunidade humana. Nas personagens elementares de Pinter — um atardado mental que apenas sabe trabalhar com as mãos, um vagabundo sem eira nem beira mas com pruridos racistas, um jovem de reacções imprevisíveis — bruxuleia ainda qualquer coisa que talvez já não possa chamar-se esperança ou amor, mas é, com certeza, um atestado das humanas potencalidades de sobrevivência. O talento de Pinter consistiu, exactamente, em ter sabido captar essa vibração quase imperceptível através de uma linguagem — palavras e silêncios — que no seu aparente naturalismo dá com eloquência os seus sinais. Na sua elementaridade, estas personagens acabam por revelar uma riqueza de vivências insuspeitada, uma estrutura de significações que lembram Tchekhov, embora sejam tão diferentes tanto no que se refere a estratos sociais como ópticas estéticas.

O que identifica este teatro com o de Beckett, e reflecte as suas limitações, é a sua a-historicidade, a sua negatividade em relação á capacidade de transformação do homem. Em «O Porteiro» — como na peça de Beckett — as personagens surgem e desaparecem sem que nelas haja não só qualquer mutação como a própria possibilidade de a haver. Dir-se-ia que estas personagens estão ali desde sempre e ali continuarão para sempre sem que possam agir, pensar ou sentir de outra forma.

Nesta interpretação francesa agradou-nos especialmente o facto de todos ou quase todos os sinais definidores das personagens principais serem dados através das deformações vocais utilizadas, de forma magistral, por Jacques Dufilho e Sacha Pitoëff. É certo que a interpretação dos dois actores é mais rica em cambiantes e vai mais longe sob o ponto de vista de expressão corporal, de definição de ritmo, de ocupação do espaço. Bastaria, no entanto, esse trabalho com as vozes para qualificar estes actores. No que se refere a Sacha Pitoëff, não se pode esquecer o seu trabalho com as mãos: a maneira como segura os objectos, os acaricia, os trabalha, traduz, sem duvida, o seu atardamento mental (provocado por choques eléctricos). No entanto, a meu ver, o actor não marcou com suficiente clareza essa sua condição psicopata a não ser no final, o que deu á sua interpretação (aliás, um prodígio de interioridade que se patenteou no longo monólogo do ultimo acto de forma inolvidável) uma curva demasiado pronunciada.

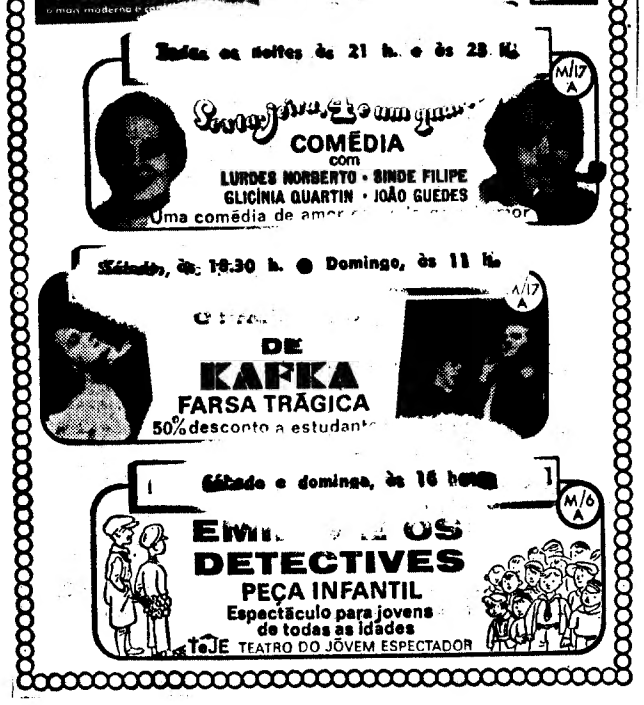
A interpretação de Jacques Dufilho constitui, também, uma autêntica criação. A voz como a posição em palco (veja-se a sua gramática gestual que foge sempre ao tique, veja-se como anda, como está em palco, pesando sobre ele, sendo de facto uma presença física até pela maneira como coloca as pernas), os gestos como a expressão facial, o jogo corporal como a intencionalidade do olhar, são, na verdade, de um grande actor — de um actor capaz de passar de um registo cómico a um registo trágico com aquela simplicidade de processos que define os grandes actores. É claro que um trabalho deste tipo está muito próximo do cabotinismo ou, se se preferir, da possibilidade de alienação que lhe é inerente, pois o actor consegue desviar a atenção do espectador dos restantes significantes do espectáculo. Não está em causa, é evidente, a qualidade da interpretação de Jeques Dufilho, a qual é um tratado minucioso de representação, uma amostragem dos notáveis recursos mímicos e vocais do actor. Mas notei, por momentos, que Dufilho prolongou excessivamente o seu jogo com prejuízo da economia do espectáculo. Claude Girad acompanhou-os a uma certa distancia.

A encenação de Jean-Laurent Cochet parte de uma concepção naturalista, ao contrário da encenação de Jorge Listopad, que tinha uma carga simbólica (muito bem servida pelo cenário de João Vieira) que aqui, em parte, se perdeu. Essa concepção, não deixando de se adequar ás propostas do dramaturgo, faz delas uma leitura talvez mais elementar. Parece-me que o encenador teve em vista servir mais os actores do que o texto, o que me parece um pressuposto errado.

Estas restrições não pretendem minimizar os méritos de um espectáculo em que encontramos aquela homogeneidade de valores que define o teatro. O teatro que passa por vários caminhos, menos por um: aquele que faz da bilheteira o seu próprio fim. Neste círculo vicioso, em que teatralmente vivemos, voltamos, pois, ao zero: chame-se ele Roussin ou qualquer outra coisa do género.

CARLOS PORTO

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL gat



Organização e Actualização
DE ESCRITÓRIOS E CONTABILIDADE
Consulte: CONTOR
CENTRO TÉCNICO CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO, LDA.
R. António Pereira Carrilho, 38, 1.º — Telef. 53 54 93
Apartado 5057 — LISBOA

S. MARCOS
PRAÇA DE LONDRES, 4-F
RESTOS DE COLECÇÕES
CALÇADO DE SENHORA
BAIXA DE PREÇOS

NO (Adultos)
VARIEDADES
COM
SALVADOR
FLORBELA
CARLOS COELHO
a colaboração de
MARIEMA
pela 1.ª vez em revista
MARIA DO CÉU GUERRA
Victor Mendes
Carlos Gonçalves
Luís de Mascarenhas
e a atracção nacional
DUO OURO NEGRO
TODAS AS NOITES 2 SESSÕES, às 20.45 e 23 h.
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam
O espectáculo que Lisboa prefere!
A SUPER REVISTA
DO LUXO, DA GARGALHADA E DAS MULHERES BONITAS

A COMPANHIA DO
TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — Telef. 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Apresenta hoje e todas as noites, ás 22 horas
SOTOBA KOMACHI
de UKIO MISHIMA
tr. ORLANDO NEVES
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS
de GIL VICENTE
Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da Companhia
ADULTOS

Em ALFARELOS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no «Restaurante da Estação da C. P.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(Maiores de 17 anos)
Temperatura confortável | 8.ª SEMANA
TODAS AS NOITES, ÀS 21.45
AMANHÃ, TARDE POPULAR
com a mesma tabela das noites de 5.ª-feira
Balcão: 10$ e 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$
Igrejas Caeiro protagonista de um êxito que o público está a promover

o Inocente
Os jovens dos 17 aos 24 anos, aos sábados à tarde e nos 2 espectáculos de domingo, têm nas normas habituais 50% de desconto

FOLCLORE DE S. TOMÉ NO CASINO ESTORIL

Considerado o mais representativo agrupamento musical da ilha de S. Tomé, o conjunto «Os Untués» estreia-se hoje, á noite, no Casino Estoril, integrado no «show» que ali se apresenta diáriamente. Desta forma, os continentais têm possibilidade de admirar a beleza das canções e variedade do folclore daquela ilha portuguesa.

TEATRO EM LEIRIA

LEIRIA, 15 — A peça do dramaturgo norte-americano Arthur Miller «O preço», em cena no Teatro Laura Alves, de Lisboa, será esta noite (21 e 45) representada em Leiria para comemorar mais um aniversário do Teatro José Lucio da Silva.

VIDA MUSICAL

Concerto da Orquestra Gulbenkian

Mantém-se a regularidade das quartas-feiras musicais no Grande Audtório Gulbenkian. O *Concerto de violino* em sol menor (K. 216), de Mozart, resultou um pouco tolhido na sua alacridade, na sua envolvência lírica, e em especial no «Adagio», uma das mais altas inspirações do autor, uma daquelas páginas em que o sentido do inefábel, digamos assim, se manifesta de maneira particularmente cativante. Não que faltem qualidades ao solista da tarde, o japonês Koji Toyoda. Ele dispõe de uma técnica excelentemente alicerçada e os seus recursos de primeira ordem, nomeadamente no capítulo de arcada e em matéria de sonoridade, ficaram bem demonstrados ao longo da actuação. Mas talvez que um certo tipo de introspecção, tendente a uma expressividade concentrada, pouco dadivosa, que parece definir a personalidade do intérprete, possa responsabilizar-se pelo estilo compassado em demasia que prevaleceu na versão proposta. Aliás tornaram-se bastante sensíveis alguns desequilíbrios de ordem rítmica entre solista e orquestra. E é provável que um tal ou qual desajustamento entre violinista e regente, quanto a concepções interpretativas, explique certas imperfeições neste aspecto.

Pois a verdade é que a categoria do regente, Theodor Guschlbauer, um austríaco ainda novo e já com um «curriculum» apreciável, não está em causa. As suas características temperamentais levam-no a cultivar um estilo claro na explicitação das linhas mestras do discurso sonoro, com preponderância do vector rítmico. Isto assumiu relevo particularmente significativo na 2.ª *Sinfonia* de Schubert. Sem duvida que isto foi á custa de um menor realce para o sensualismo melódico que é explorado mais frequentemente na execução da citada partitura. Mas, longe de nos chocar, tal orientação — visando um Schubert «dinamizado» através sobretudo dos valores rítmicos (incisividade de acentuações e agógica pouco complacente para a lentidão) — interessou-nos realmente, pelo que contraria certa melifluidade sentimental em que se cai por vezes e põe em evidência determinados aspectos, não raro desprezados, do mundo expressivo de Schubert.

O maestro Guschlbauer deu-nos uma versão límpida, pendendo para o extrovertido, da *Petite Suite* de Debussy. A abrir o programa, uma 1.ª audição em Portugal: *Noite de Verão*, de Kodaly, páginas de musica luminosa e agradável, mas de frouxa densidade harmónica.

Continuamos a verificar a boa forma em que a Orquestra Gulbenkian se encontra: maleável, disciplinada e impondo-se, geralmente, pela cuidada e bonita sonoridade. Vê-se que o agrupamento alcançou um equilíbrio notável, superando «crises» que chegaram a afectá-la seriamente. Ainda bem que assim aconteceu.

NUNO BARREIROS

Banda da Armada

Por iniciativa da F.N.A.T., de colaboração com o Ministério da Marinha, a banda da Armada vai realizar uma série de três concertos no Teatro da Trindade, sob a direcção do capitão-tenente Marcos Romão dos Reis.

A COLUMBIA Filmes e LIRA Filmes apresentam
SAMANTHA EGGAR OLIVER REED STEPHANE AUDRAN
ANATOLE LITVAK
UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL
COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA
(THE LADY IN THE CAR WITH GLASSES AND A GUN)
JOHN Mc ENERY JACQUES FABBRI BERNARD FRESSON MARCEL BOZZUFFI PHILIPPE NICAUD
SEBASTIEN JAPRISOT MICHEL LEGRAND RAYMOND DANON ANATOLE LITVAK
PANAVISION COLORIDO
21;30 SÃO LUIZ HOJE GRANDE ESTREIA ALVALADE 21,45
O LIVRO «UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA», DE SEBASTIEN JAPRISOT FOI EDITADO PELA EDITORIAL ESTÚDIOS COR.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
QUINTAS E
TERRENOS
COMPRAM-SE
ORCOSI
Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA

MARIA VITÓRIA (ADULTOS)
TELEFONE 36 17 40
O ESPECTÁCULO QUE LISBOA MERECE!
HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS ENORME ÊXITO!
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM, EM TRIUNFANTE 4.º MÊS OS POPULARES ARTISTAS:
JOSÉ VIANA AIDA BAPTISTA
BARROSO LOPES DORA LEAL
NA SENSACIONAL REVISTA DA GARGALHADA
PIMENTA NA LÍNGUA
O TRIUNFO TOTAL DE UM GRANDE ELENCO, COM:
NICOLAU BREYNER
A «VEDETA» DO FADO ANA ROSMANINHO
A ATRACÇÃO BRASILEIRA RONY VALY
E NO «COMPÈRE»,
OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA ÓPTIMA COMPANHIA!
DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

DORA LEAL na «Sara Monteiro»
OCTÁVIO DE MATOS no «Compère»

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRÉDIO
CAMPO DE OURIQUE
Construção de cimento armado, revestido a evinel, composto por 6 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa e hall.
PREÇO — 4.500.000$00
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS
N/M «KEHDINGEN»
Sai de LISBOA no dia
21 de Janeiro
para BREMEN
ACEITAM-SE CARGAS
CONTACTE COM OS NOSSOS SERVIÇOS NA
AV. D. CARLOS I, 42-4.º — TEL. 690151 — LISBOA-2

KONI
O PREÇO ESQUECE
A QUALIDADE FICA
Quando comprar os seus amortecedores KONI verificará que o seu preço é um dos mais elevados do mercado. Temos, no entanto, argumentos suficientes para lhe provar que comprou os amortecedores mais baratos do mundo. E não só. Aquele que lhe darão maior satisfação e segurança. Terá melhor aderência das rodas sobre a superfície da estrada. Maior segurança nas curvas a média ou alta velocidade. Desgaste mínimo de pneus e molas. Carro em posição perfeitamente equilibrada, sem ceder ao peso da carga. Reguláveis, ajustáveis e reparáveis, os amortecedores KONI não acabam mais.
O amortecedor mais barato por Km percorrido
Representante em Portugal:
SOGERIM • SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-B - LISBOA
TELEF. 561616

Ford

EXPO 71

a maior exposição automóvel jamais realizada em Portugal

com a nova estrela Ford-o novo Cortina na FIL-Feira Internacional de Lisboa*

GANHE UM **CORTINA 1300 L** E MUITOS OUTROS VALIOSOS PRÉMIOS.

SORTEIOS DIÁRIOS. SEMPRE GRATUITOS.

TODA A GAMA FORD em exposição: automóveis-comerciais ligeiros-camiões-tractores.

Presente, a contribuição que os produtos nacionais têm na montagem do seu Ford.

Sessões de cinema. Leve a família. Pode jantar no Restaurante da FIL a preço especial.

PARA O RECEBER OS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA: AUTO-BOAVISTA, AUTO-RALI, J. MENDES COELHO, LINCURI, STAND MODERNO, SINDUL TRACTORES.

A Ford Expo 71 manter-se-á até ao dia 23 ...visite-a as vezes que quiser — nos dias úteis das 18h às 23,30h. e aos sábados e domingos, desde as 15h.

* Ambiente climatizado. Entrada livre. Facilidade de estacionamento.

Ford à frente!

(DESIGN E.C.K. Expo 1)

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

UMA PEÇA ONDE TUDO SE PERDEU,

Clara — Teté, minha filha, tu viste aquela vergonha de ontem? Tu viste? Tu viste e estás aí tão calada?

Teté — Ó Clarinha, eu estou tão calada porque tu ainda não me deixaste dizer uma palavra ao menos. Vamos a saber: a que vergonha te referes tu?

Clara — Aquela peça de ontem á noite...

Teté — O quê, pois tu ainda ligas a essas coisas?

Clara — Não digas que não viste!

Teté — Vi, filha, vi. Agora que queres tu que eu faça, valha-te Deus.

Clara — E eu que me importo bem com isso! Quero lá saber se as peças são boas ou más. A mim o que me importa é a ideia que as pessoas vão fazer de nós. Então tu não achas que é um escândalo? Estamos nós muito sossegadas da nossa vida, chega-se um senhor ao pé de nós, nem me lembra o nome dele...

Teté — O senhor Leite, Fausto Correia Leite.

Clara — Isso. Chega-se ao pé de nós e pergunta-nos: «Acaso V. Ex.as não se importariam de entrar numa peça de minha autoria a transmitir pela televisão?» Foi assim ou não foi, Teté?

Teté — Foi tal e qual.

Clara — Nós dissemos que sim, aparecer na televisão é coisa de que as pessoas gostam muito. Olha, filha, se tu soubesses o que certos individuos são capazes de fazer para aparecer no postigo...

Teté — Lá começas tu com a tua linguinha de prata...

Clara — Bom, mas isso agora não vem ao caso. É claro que nós dissemos logo que sim, não me desagradava nada ser vista.

Teté — Nem a mim.

Clara — Ser vista, mas a representar, percebes? Eu sou uma actriz falhada, foi sempre o meu sonho. Imaginas o meu alvoroço... como eu imagino o teu. Até pediste logo ao sr. Leite que te tratasse por Teté.

Teté — Sabes bem que é hábito. Abomino que me chamem Teresa.

Clara — Lá vamos nós muito convencidas de um grande papel, e vai-se a ver, olha: a mim pôs-me a dizer umas tretas àquela parvinha da Maria, ao pé da Carlota, que tem a mania que é muito ajuizada.

Teté — Ih! Ih! Ih!

Clara — A ti, pôs-te com aquele vestido horroroso...

Teté — Ó filha, olha que é um Féraud...

Clara — Pois sim, pois sim. Lá horroroso, era — o pior de tudo é que te põe a falar a respeito do vestido... A ti, que até és uma pessoa que falas bem, podia puxar-te pela língua.

Teté — Lá nisso tens razão.

Clara — Claro. Até fazias um vistaço. Assim, o que é que tu lá foste fazer, não me dirás? O que é que eu lá fui fazer, não me dirás?

Teté — E a Joana, coitadinha, essa disse meia dúzia de palavras, e pronto. A própria Carlota, que tem a mania de falar melhor que o David Mourão-Ferreira...

Clara — A parva. A mim não se atreva ela a dizer-me isso, a mim!

Teté — Essa mesmo só lá foi armar aos cardos, a fingir que sabe dizer umas tretas. *(Arremedando)* «Vale mais uma mentira bonita, do que uma verdade feia.»

Clara — É, é. Por isso é que o marido lhe diz muitas mentiras bonitas, que é para lhe esconder certas verdades.

Teté — Isso não sei.

Clara — Mas sei eu. Agora quem está furioso é o Ferreira.

Teté — Aí está?

Clara — Foi aos arames. Claro que esse também lá não foi fazer nada.

Teté — Nadinha.

Clara — Ao menos sempre leu uns versos de sua autoria, uma quadra dedicada à D. Alice.

Teté — Se o marido da Alice não se põe a pau...

Clara — A D. Alice, nem te conto nada. Telefonei-lhe esta manhã, não estava. Voltei a telefonar, não estava.

Teté — Desapareceu.

Clara — De vergonha, filha, de vergonha! Não volta a Lisboa tão cedo. Imagina a D. Alice, toda não me toque, com o seu filhinho, a julgá-lo solteiro, e de repente vai lá o sr. Leite a casa e põe-lhe a careca á mostra: é viúvo...

Teté — E a desfambida da Maria não sabia...

Clara — Pra mim não pega. Então e os papéis, não dizem? Então uma mulher casa assim de olhos fechados?

Teté — Só soube quando abriu a gaveta...

Clara — Essa da gaveta é muito boa. O palerma do filho guarda um segredo numa gaveta e deixa a gaveta assim á disposição da mulher que já sabe que lá existe um segredo...

Teté — Não conhecia as mulheres, era um anjinho...

Clara — Se ele era, não nos queira fazer a nós, essa é boa! A propósito dessa história a gaveta, havia de ser com o meu marido. Ficava-lhe de emenda... A mim, o que me está a danar mais ainda é a sonsinha da Gabriela. Coitada, as peneiras!

Teté — Lá séria é ela!

Clara — Cala-te boca! Olha, sempre te digo que só ela é que me fazia rir. Lembras-te quando a Maria diz que está grávida e mais isto e mais aquilo e o pai do criança para a esquerda e o pai do criança para a direita e de repente a *Gabriela, chavo e baleia* sai-se com esta: «os homens, quando são pais, incham...».

Teté — Pois aí é que está o mal. Se fossem eles a inchar talvez não achassem tanto graça...

Clara — Aquelas conversas da Maria e do Pedro, cá pra mim, ainda faziam mais bem ao fígado do que as termas do Gerês. Olha, o meu vizinho de cima ria tanto, com tantas gargalhadas, que até o 115 lá foi a casa.

Teté — Lá vens tu com o ratanço do costume...

Clara — *(Arremedando)* «*Ó Pedro diz que me amas*». *Vamos ter um filho! — É verdade? — Tenho a certeza! — Vou então ser pai? — Acho que sim...*

Teté — Não digas mais nada, por favor, já não posso rir mais.

Clara — O melhor de tudo ainda foi a conversa deles a respeito da cegonha: «Senhora D. Cegonha, leve-o! «Senhora D. Cegonha, deixe-o ficar». «A sr.ª D. Cegonha fará apenas o que eu disser». «Sou terrível quando discuto!» «Pedro, tu eras capaz de discutir comigo diante da cegonha?» E que a cegonha era uma visita, e que a cegonha era uma visita adorável, a cegonha isto, a cegonha aquilo...

Teté — Coitados da Irene Cruz, do Rui Mendes, da Helena Félix, metidos naquelas andanças...

Clara — A mim, te garanto eu, para fazer fitas daquelas é que não me apanham lá mais. O sr. Correia Leite tenha a cegonha que quiser.

MÁRIO CASTRIM

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 655 kc/s — Ás 16: Sinal horário — Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: Vida e trabalho; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Conjuntos ligeiros; 18 e 50: Melodias do cinema; 19 e 15: Passatempo musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Claude Dolling; 20 e 30: 10.º episódio do folhetim «Encruzilhadas»; 20 e 50: O organista: Ray Collignon; 21: Momento 71; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Noite de teatro: «A tempestade», de Shakespeare, em tradução e adaptação do dr. Leopoldo de Araujo; 23 e 13: Noticiário — Boletim metereológico — Grande desfile; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 — kc/s — Ás 16: Ciclo do Barroco italiano; 16 e 45: Musica da vanguarda; 17: O pianista Artur Rubinstein; 17 e 30: «O compositor do mês: Handel; 19: Musica e musicos portugueses, por Nuno Barreiros; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Valsas poéticas (Granados) transcrição e execução em viola dedilhada por John Williams; 20 e 30: Solos e coros; 21: Concerto sintónico — 1.º parte; 21 e 50: Canções pelos pequenos cantores de Viena; 22: Concerto sinfónico — 2.º parte; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana I; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2 Contacto; 3 e 02: A norte é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perpectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

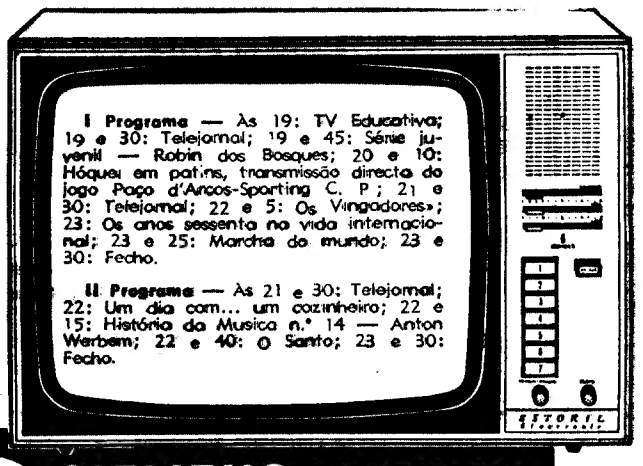
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Ás 16: Radiorama, 18 e 05: Morana Tho; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30: **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

TV dia a dia

HOJE PODE VER



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 12 e 45: Abertura e Desenhos Animados; 13: O Caso da Semana; 13 e 15: «Os Meus Sobrinhos»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó lá si; 14 e 15: Ao Serviço da Nação; 14 e 55: Rugby — França-Escócia; 17: Desenhos Animados («Kimba»); 17 e 20: Programa Feminino; 17 e 50: Estúdio sem Marcação; 18 e 15: Teledesporto; 18 e 45: Série Juvenil «Skyppy»; 19 e 10: Cartaz TV — Jorge Alves apresenta os programas da próxima semana; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Ponto de Vista — O ano 3 Milhões; 20 e 10: ...E a Vida Continua...; 20 e 30: TV Mundo — Ella Fiztgerald; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Reportagem do Exterior; 23 e 05: Folhetim — «Pequeno Mundo de Marie Plaisance»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de cinema — «As Desventuras do Senhor Pickwick»; 23 e 45: Fecho.

A necessidade de ampliar o Metropolitano até Algés

O Metropolitano de Lisboa, que entrou no 12.º ano de funcionamento, pois abriu ao público em 30 de Dezembro de 1959, é objecto de uma carta de um nosso leitor, que passamos a transcrever:

«L. no seu jorna. do dia 12 que, dentro de poucos meses, haverá concurso para levar o «Metro» a Alcântara. Mais: ao projecto de uma nova linha encontra-se concluído e foi analisado, esta manhã pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa»...

Sendo o vosso jornal um paladino e entusiasta pelo progresso da cidade de Lisboa e do bem estar dos seus utentes, venho alvitrar uma sugestão que muito contribuiria para o seu embelezamento. Porque razão não se estuda até ao limite da cidade — Algés — a nova linha do «Metro»?

Este estudo e realização transformava toda a zona ribeirinha da cidade e permitia: 1) Eliminar os comboios até Algés; 2) Eliminar todas as passagens de nível que prejudicam o trânsito e causam desastres como já se tem verificado; 3) Construir na linha férrea hoje existente uma avenida; 4) Permitir a todas as pessoas que vivem na linha de Cascais chegar ao centro da cidade ou até onde vai o «Metro» sem dificuldade e com rapidez facilitando em parte o trânsito da Baixa 5) Fazer a estação da Sociedade Estoril em Algés e demolir a existente; 6) Fazer um acordo com a Sociedade Estoril para sem aumento de preço os bilhetes de comboio — hoje até ao Cais do Sodré — permitir que os seus passageiros utilizem o «Metro».

Sem estar a entrar em mais detalhes de grandes vantagens julgo sr. director não ser descabida esta ideia, embora não conheça as limitações que podem haver para a realização de tal projecto.»

O Coliseu enche até acima na Noite do Fado

O Coliseu dos Recreios tem a lotação praticamente esgotada (restam poucuíssimos bilhetes) para a Grande Noite do Fado que amanhã reunirá amadores de 33 colectividades e os nomes mais conhecidos da nossa música ligeira, com Hermínia Silva à cabeça.

Em espectáculo de variedades, é a maior receita de sempre no Coliseu.

Prolongada até 25 a data da recolha dos boletins de recenseamento

A recolha dos boletins de recenseamento que deveria terminar hoje, será prolongada até ao dia 25 do mês corrente, devido ás dificuldades surgidas na sua recolha.

Informam-nos do Instituto Nacional de Estatística que a demora verificada se deve sobretudo á pouca adesão e colaboração demonstrada por parte das pessoas que se escusam ou adiam a preencher os boletins e até a dar as informações para que o respectivo agente de recolha os preencha, o que leva a repetidas visitas ao mesmo agregado familiar.

Um dos outros motivos que determinaram a demora da recolha dos boletins é o facto da maior parte da população de Lisboa só ir a casa para dormir. Isto leva a que os agentes que trabalham durante o dia não encontrem as pessoas

No conjunto do país estão a proceder á recolha dos boletins cerca de 16 000 agentes, número estimado por 4 agentes por freguesia. Só na área de Lisboa calculam-se estar a trabalhar 100 agentes por Bairro Administrativo, alguns dos quais, porém, em regime de «part-time».

Para obviar os inconvenientes já apontados, os agentes que não encontrem os residentes nas habitações, deixarão o boletim debaixo da porta com a informação do centro onde deverá ser entregue e que, eventualmente, prestará informações quanto ao seu preenchimento.

Nesta perspectiva, o Instituto procedeu á abertura de centros de recolha, esclarecimento e preenchimento nos seguintes locais:

a) juntas de freguesia de: Ajuda, Alto Pina, Alvalade, Campolide, Castelo, Lapa, Mercês, Pena, Santa Engrácia, Santa Maria de Belém, Santiago, S. Francisco Xavier, S. Paulo, S. Sebastião da Pedreira e S. Vicente, das 20 ás 23 horas.

b) juntas de freguesia de: Anjos, Campo Grande, Coração de Jesus, Lumiar, Marvila, Penha de França, Sacramento, Socorro, S. Domingos de Benfica, S. João, S. João de Brito, S. Miguel, Santa Maria dos Olivais, Santo Condestável e Santo Estêvão, das 18 ás 20 horas.

c) esquadras da Polícia de Segurança Pública: 2.ª — T. do Paço — R. do Arsenal; 3.ª — Bairro Alto — Trav. Mercês, 48; 8.ª — Rossio — Largo Regedor, 2, 12.ª — Mónicas — Trav. das Mónicas, 12; 1.ª — Matadouro — R. Tomás Ribeiro; 19.ª — Posto da Charneca; 28.ª Alcântara — L. Calvário e 33.ª — Posto do Arco do Cego — Bairro Social, das 20 ás 24 horas.

No Instituto Nacional de Estatística, na Av. António José de Almeida, continuará a funcionar também o respectivo centro de esclarecimento e preenchimento de boletins.

O Instituto Nacional de Estatística espera revelar em Abril os primeiros dados estatísticos, que serão baseados numa amostra de 5% dos boletins de recenseamento.

VIDA SOCIAL

DR. ABEL CANCELLA D'ABREU

A Federação das Associações Espanholas de Dadores Altruístas de Sangue acaba de conceder a medalha de ouro ao dr. Abel Festas Cancella d'Abreu, «pelos méritos manifestados na organização e desenvolvimento do VI Congresso Mundial da Federação Internacional de Organizações de Dadores de Sangue», a cuja comissão de honra presidiu o Chefe de Estado espanhol.

«O DIRIGENTE É PRIMORDIALMENTE UM FORMADOR DE HOMENS E DE EQUIPAS»

Seminário de aperfeiçoamento psico-sociológico

- Educadores
- Professores
- Directores de Pessoal
- Responsáveis de Formação
- Animadores Sociais

MÉTODOS PEDAGÓGICOS E ESTRUTURAS DE ENSINO

Aperfeiçoamento das relações interpessoais e de grupo no âmbito dos métodos pedagógicos e das estruturas do ensino

DURAÇÃO: 48 horas
INÍCIO: 30 de Janeiro
ORIENTADO POR:

- Professor Doutor FRANCISCO XAVIER PINA PRATA, Professor de Sociologia na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e de Psico-Sociologia da Empresa no Instituto de Estudos Sociais.
- Dr. ALVARO MIRANDA SANTOS, Psicólogo, Professor de Psicologia Genética e Psicologia Social no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Infomações detalhadas:

SINASE s.a.r.l.
Sociedade de Investigação Aplicada ao Serviço da Empresa
Rua Rodrigues Sampaio, 6-1.º LISBOA 2
Telefone: 56 27 46

GALERIA REAL
SINTRA (S. PEDRO) — Tel. 98 16 61
RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ
Direcção de FRANCISCO CORREIA e LUIS DIAS
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado 16, a Sala da Lareira está reservada a partir das 18 horas para um Lanche de Casamento. Servimos no entanto os habituais almoços. Nos outros dias, aceitamos reservas para Jantar, até às 22 horas.

Visite «O CHICO»
TAVERNA TÍPICA-BAR
Arco do Teixeira — Sintra — Tel. 98 19 42
(Até às 2 da madrugada)
— Há sempre um Bom Petisco que espera por si...

COPYWRITER

— Se é mulher.
— Se tem capacidade criativa e lhe agrada a oportunidade de a aplicar numa actividade apaixonante onde aquela capacidade é, a todo o momento, solicitada.
— Se não é uma «copywriter» profissional mas possui elevada cultura geral (formação universitária como factor de preferência).
— Se a responsabilidade a estimula.
— Se pretende iniciar uma carreira numa Agência de Publicidade em expansão.

Escreva-nos

RESPOSTA A ESTE JORNAL, AO N.º 694.

PRÉDIO
À ESTEFÂNIA
Construção moderna, de cimento armado, revestido a azulejo e mármore, composto por 4 pisos, hab. 3 div. soalhadas, cozinha, despensa, casa de banho e hall.
PREÇO — 2.200.000$00
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diàriamente SARRABULHO
ABERTO AOS DOMINGOS

SOLAR DO MINHO
Rua do Vigário, 60—Alfama
(St.º Estêvão) — Tel 866811
COZINHA MINHOTA
ALMOÇOS e JANTARES
cada dose 20$00

PROGRESSO
Restaurante e Snack-Bar
Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef 40' 5
Aos domingos especialidade do caso
ENSOPADO DE ENGUIAS E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 5 anos)

Tágide
BOITE
M/21 anos
SENSACIONAL «SHOW»
Conjunto: JOSÉ PEDRO
— WILSON DE VASCONCELOS
— BALLET SANTYAGO DANCER'S
— Em estreia BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
Largo Biblioteca Pública, 18-20 — Tels.: 35338/362123

As anomalias e complicações dos boletins de recenseamento

Recebemos do advogado sr. dr. Joaquim de Azevedo e Silva a carta que a seguir reproduzimos e cujas judiciosas considerações sobre as anomalias e complicações no preenchimento dos boletins de recenseamento nos parecem dever suscitar a ponderada atenção das entidades competentes:

«*Sr. director.* — Nesta quadra, mais ou menos festiva foi o País inundado por uma série de complicados formulários emitidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

Não pretendo criticar a forma como foram elaborados esses formulários, pois sei que não deixariam de me dizer que o foram à semelhança do que se faz «lá fora». Tenho, apenas, verificado que são de difícil compreensão e que a maior parte das pessoas é incapaz de os preencher. Como V. muito bem sabe, entre nós é costume recorrer aos advogados para as mais diversas coisas. Assim, me tenho visto assediado por clientes, amigos ou familiares que me vêm perguntar como hão-de preencher «aquilo». Lá tenho dado a possível ajuda e, mercê disso, apercebi-me de um facto singular — é que, muito embora o Instituto tenha afixado cartazes em que se lê? «Quantos somos? Como somos?», ninguém está verdadeiramente interessado em saber «como somos».

Efectivamente fechou-se cuidadosamente a possibilidade de averiguação ou de revelação das situações irregulares tão numerosas e socialmente relevantes entre nós, como consequência, principalmente, da indissolubilidade do casamento canónico decorrente da Concordata com a Santa Sé.

Para saber *como somos* não conviria saber quantos, entre nós, vivem em situações de mancebia e porquê? Quantos de nós são filhos ilegítimos e porquê? Parece evidente que sim; mas é, também, evidente que o Instituto Nacional de Estatística *procurou deliberadamente evitar sabê-lo!*

O preenchimento dos verbetes tornou-se, por isso, além de difícil, passivelmente inútil.

Exemplifico: Uma das pessoas que me procurou vive, há anos, com uma senhora casada canònicamente com outro individuo e deste separada judicialmente. Duas filhas dessa senhora e do marido vivem também com o meu consulente. Ora bem: tanto a senhora como suas filhas tiveram que ser arrumadas, para efeitos estatísticos, com as duas criadas e o motorista. Quem analisar o verbete não poderá determinar a que título vivem lá em casa aquela senhora e as meninas...

Tudo isto é muito singular. Tanto mais quanto é certo que o Governo tem perfeita consciência da existência de numerosos e graves problemas decorrentes destas situações irregulares. Como o demonstram inequìvocamente certas modificações legais nestes últimos anos, de que passo a citar algumas:

a) A possibilidade de registar como ilegítimos os filhos nascidos de pais casados com outras pessoas, sem necessidade de consentimento do cônjuge;

b) A supressão no bilhete de identidade do *nome do cônjuge*;

c) A possibilidade de impugnação da paternidade legítima por outrem que não o pretenso pai, e a requerimento de quem se declarar pai do filho de cuja legitimidade se trata (Código Civil, de 1966, art. 1820.º);

d) O reconhecimento do direito a indemnização civil, em caso de morte, àqueles a quem o lesado prestava alimentos no cumprimento de uma obrigação natural (Código Civil, 1966, art. 495.º, n.º 3), direito este que, na prática, aproveita quase exclusivamente à mulher com quem o lesado vivia em mancebia. Muitas outras alterações igualmente significativas se poderiam citar. Mas as que deixei referidas parecem-me já bem reveladoras... É, ainda, de notar que no relatório que antecedeu o Projecto do Código Civil (como pode ler-se a pág. XLVI da edição oficial), que foi oportunamente publicado em toda a Imprensa, se fala a respeito da «dissolução da sociedade conjugal», nos «dados coligidos pelos organismos competentes» e, mais adiante, em «elementos estatísticos», concluindo «em face dos números obtidos» por certas afirmações acerca do divórcio.

O que mostra que os autores do projecto não minimizavam a importância das estatísticas e dos números na solução destes graves problemas. Só o que parece ter de concluir-se é que preferiram limitar-se a extrair conclusões do número de *divórcios* — número que pouco ou nada significa, pois é óbvio que só se divorcia quem se deu ao incómodo de se casar (o que a nossa gente da província nem sempre faz) e que há certa tendência para não se dar ao incómodo de se divorciar quem não pode regularizar a sua situação por o seu companheiro/a ser indissolùvelmente casado com outrem.

Não tomarei mais tempo a V. e, desde já, me desculpo pelo que lhe tomei.

Novos corpos gerentes da Casa do Ribatejo

No decorrer de uma cerimónia a que presidiu o sr. capitão Eduardo da Silva Redondo, tomaram posse os corpos gerentes da Casa do Ribatejo para 1971, eleitos recentemente, e que ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, eng. António Branco Cabral; vice-presidente, dr. Fernando Pires Veríssimo; 1.º secretário, Luís Glórias Ferreira; 2.º secretário, João Gomes Moreira. DIRECÇÃO — Presidente, capitão Eduardo da Silva Redondo; vice-presidente, Fernando Ribeiro Gonçalves; secretários, Afonso Serrão Gomes e Fernando Eduardo Salgueiro de Almeida Campos e Silva; tesoureiro, Benjamim dos Santos Violante; vogal, Comissão de Melhoramentos de Pedrógão; vogal, Felisberto Valério; suplentes, António Neto Salgado, Augusto Vicente Félix e Álvaro de Jesus Dias. CONSELHO FISCAL — Presidente, eng. Sidónio Nunes Dias; secretário, Constantino Nunes Vicente; relator, pintor Noel Perdigão; suplentes, tenente José Rodrigues Clemente, João Faustino Rosa Mendes e António Polainas.

Livros sobre o ensino da língua inglesa

A exposição de livros sobre o ensino da língua inglesa, que esteve patente no Instituto Britânico, poderá ser visitada, a partir desta tarde, e até ao dia 25, na galeria do nosso prezado colega «Diário de Notícias» no Chiado.

ora diga-nos...

— Tem medo da poluição?

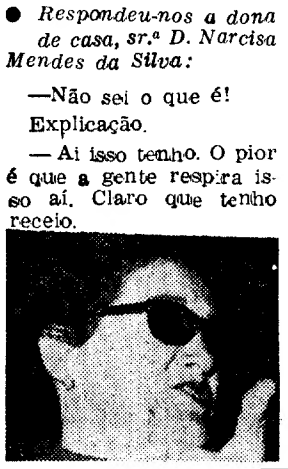
Os escapes dos automóveis e dos aviões, as chaminés das fábricas, o simples fumo do cigarrinho sobrecarregaram o ar de produtos tóxicos. A água começa a ressentir-se da série de detritos lançados ao mar. E de repente, quebrando a paz podre desta sociedade industrial, surgiu o alarme e passou a falar-se de poluição.

● *Respondeu-nos a dona de casa, sr.ª D. Narcisa Mendes da Silva:*

—Não sei o que é!

Explicação.

— Ai isso tenho. O pior é que a gente respira isso aí. Claro que tenho receio.



● *O sr. Fernando Nelson da Rocha, mecanico de máquinas de escrever, perguntou por sua vez:*

— Que é isso?

Explicação.

— Sim. Acho que prejudica a saude.

— Já ouviu falar disso?

— Mais ou menos.

● *O pintor sr. Orlando Patrocínio afirmou-nos categòricamente:*

— Não tenho medo.

— Sabe o que é?

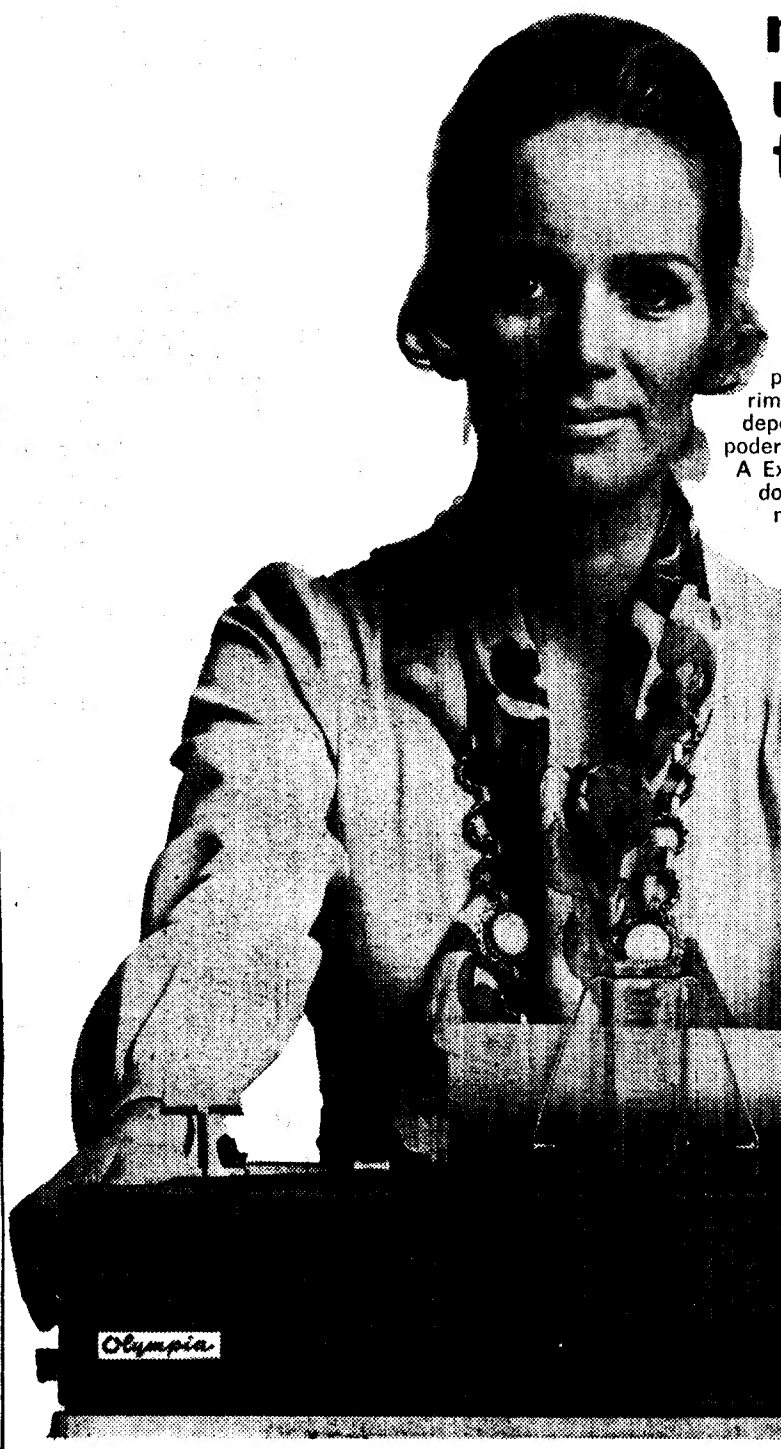
— O que é?

Explicação.

— Não, não tenho. Nunca ouvi falar acerca disso.

morrison

Poderá uma dactilógrafa manter um aspecto tão cuidado?



A resposta é sim. Sim, sempre que trabalhe com uma Excelente SGE. Uma máquina de escrever que «escreve» verdadeiramente. Porque esta máquina de escrever imprime mais do que uma dactilógrafa, graças ao seu regulador de batida. Um ponto é um ponto e não um buraco no papel. E o alinhamento é a própria perfeição. Mas o melhor será você experimentá-la pessoalmente. Só há um perigo. É que depois de escrever numa SGE, como vai você poder escrever noutra máquina qualquer?

A Excelente SGE é uma Olympia. E Olympia é um dos maiores e mais importantes fabricantes de máquinas de escritório em todo o mundo.

E não há país onde Olympia não tenha o seu lugar assegurado.

Olympia fabrica máquinas de escrever. De calcular. De gravar. De copiar e de tratamento de dados. E Olympia diz-lhe ainda qual a máquina ou sistema mais indicado para o seu caso específico.

Olympia International

Representantes exclusivos
Sul: RIMA — RACIONALIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, LDA
Av. 5 de Outubro, 122 B — Lisboa Telef.: 76 51 11/2/3/4/5
Norte e Centro: ARAÚJO & SOBRINHO SUCRS. Porto
Filiais em Coimbra, Covilhã, Guimarães e Viseu

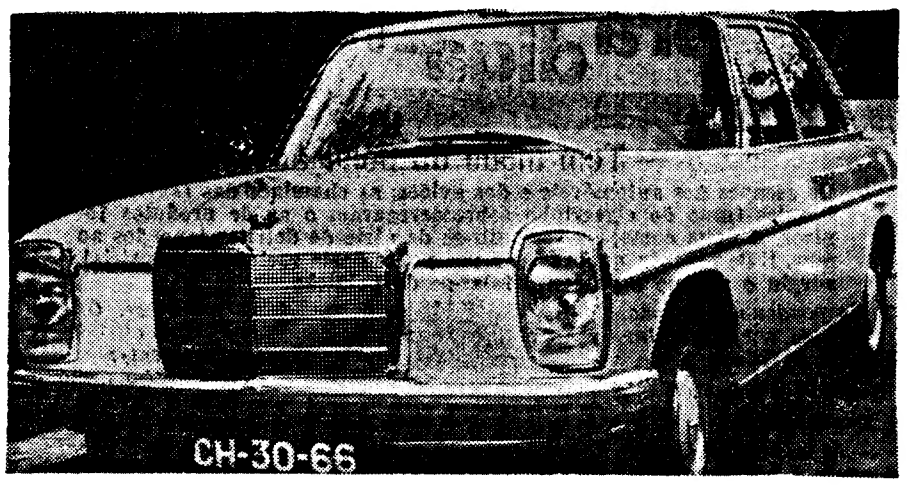
Olympia

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBO

Reunimos prémios in começamo tência do

Surpreen

lista de valio



O «MERCEDES BENZ 220» (EM CIMA) E UM ANDAR EM MIRAFLORES, NO EDIFÍCIO REPRODUZIDO EM BAIXO, CONSTITUEM O PRIMEIRO PRÉMIO. ACRESCE QUE O ANDAR SERÁ MOBILADO COM MÓVEIS GIBO

1.º prémio — um andar em Miraflores (com mobiliário Gibo) e um automóvel «Mercedes-Benz-220»

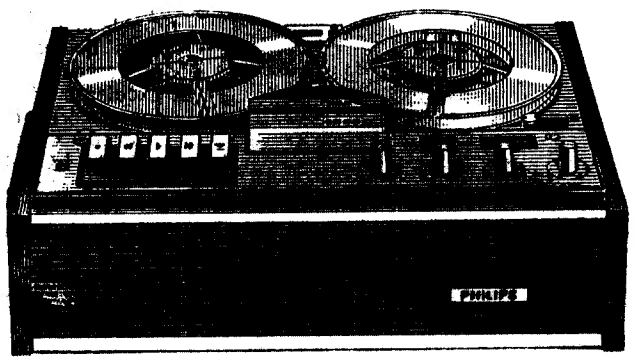
2.º prémio — um automóvel «Rebel-700» e 10 cx. de 12 garrafas de aguardente «Macieira».

3.º prémio — um automóvel «Fiat-600-D», um jogo de pneus «Semperit» e 6 cx. de 12 garrafas de aguardente «Macieira»

4.º prémio — um automóvel «Fiat-600-D», um jogo de pneus «Semperit» e 4 cx. de 12 garrafas de aguardente «Macieira»

5.º prémio — uma «roulotte» «Sprite»— modelo Cadet, um jogo de 4 pneus «Semperit», um gravador «Philips» EL3302 e 10 cx. de 6 garrafas de aguardente «Macieira»

6.º prémio — uma mobília «Olaio» (no valor de 18 000$00), uma máquina de costura «Oliva» mod B-7/45/S., uma máquina de cozinha «Kenwood-Chef», um jogo de pneus «Semperit» e 10 cx de 6 garrafas de aguardente «Macieira»

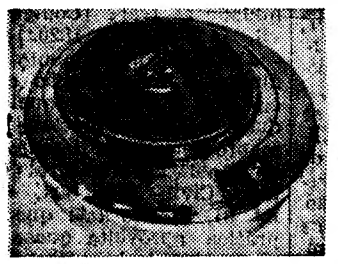


UM DOS GRAVADORES «PHILIPS» MODELO N-4308

7.º prémio — um gravador «Philips» 4308, uma máquina de costura «Oliva», mod. B-7/34/S., uma máquina de cozinha «Kenwood-Chef», um exaustor «Bahco-FTG», um gira-discos «Philips» GF-110, seis confecções «Karim-Sola», uma placa a gás Scholtês-264, uma «Philishave compact», um lote de discos «Philips», uma cabeleira postiça, 10 cx de 6 garrafas de aguardente «Macieira».

8.º prémio — um gravador «Philips» 4308, uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7/45/S., uma máquina de cozinha «Kenwood-Chef», uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7/34/S., uma máquina de cozinha «Kenwood-Chef», um secador de roupa «Bahco TTH», um gira-discos «Philips» GF-110, quatro confecções «Karim-Sola» uma «Philishave compact», um lote de discos «Philips», 10 cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira»

9.º prémio — um gravador «Philips» 4308, uma máquina de costura «Oliva», mod. B-7/34/S, uma máquina de cozinha «Kenwood-Chef», um secador de roupa «Bahco TTH», um gira-discos «Philips», GF 110, quatro confecções «Karim-Sola», uma «Philishave compact», um lote de discos «Philips», 10 cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira»



UM EXAUSTOR «SHAU»

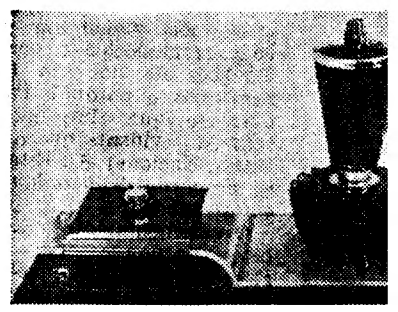
10. prémio — um gravador «Philips» 4308, uma bicicleta «Vilar», um isqueiro «Maruman», de mesa, um lote de livros «Minerva», um gira-discos «Philips», GF 110, quatro confecções «Karim-Sola», uma «Philishave compact», um lote de discos «Philips», 10 cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira»

11. prémio — um frigorífico «Philips» 2144, uma bicicleta «Vilar», um gravador «Philips» EL3302, um lote de livros «Minerva», um gira-discos «Philips» GF 110, quatro confecções «Karim-Sola», 10 cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira», um lote de discos «Philips», uma caixa de vinho «Alvarinho».

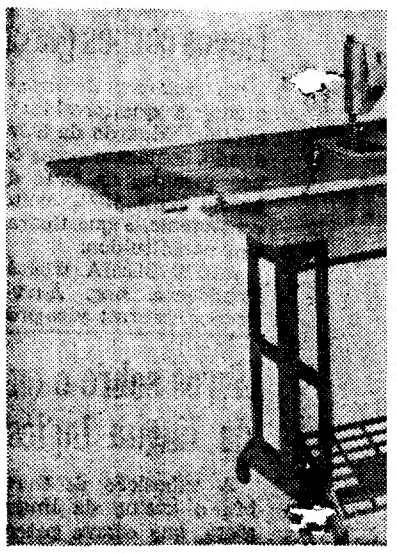
12.º prémio — um frigorífico «Philips» EI3302, um lote de livros «Minerva», um rádio portátil «Philips» RL 392, 8 cx. de 3 garrafas de aguardente «Macieira», quatro confecções «Karim-Sola», um secador de cabelo «Philips» (c/suporte), um rechaud eléctrico RE 164, uma caixa de vinho «Alvarinho».

13. prémio — um frigorífico «Philips» 2144, uma bicicleta «Vilar», um gravador «Philips» EL3302, um rádio portátil «Philips» RL 392, quatro confecções «Karim-Sola», oito cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira», um jogo de buzinas «Mixo»

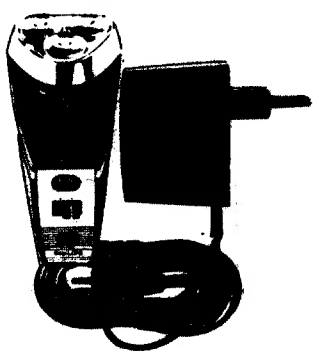
14.º prémio — um frigorífico «Philips» 2144, um lote de livros «Minerva», uma cabeleira postiça, quatro confecções «Karim-Sola», um rá-



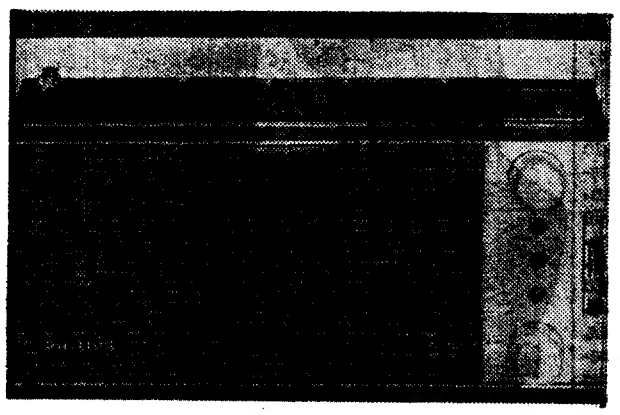
O ISQUEIRO DE MESA «MARUMA



UMA DAS MÁQUINAS DE COSTURA



UM DOS MODELOS DE «PHILISHAVE»

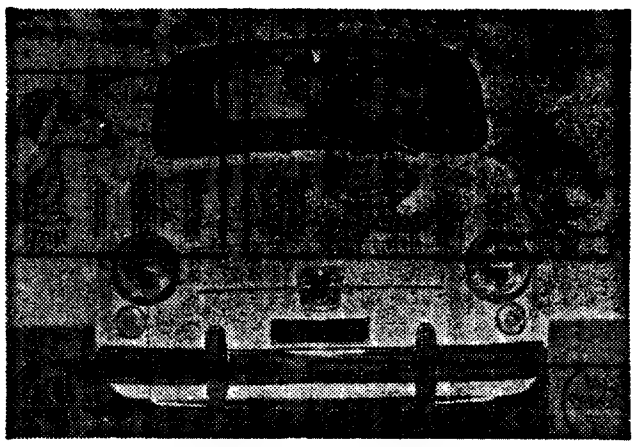


UM DOS RÁDIOS PORTÁTEIS «PHILIPS»

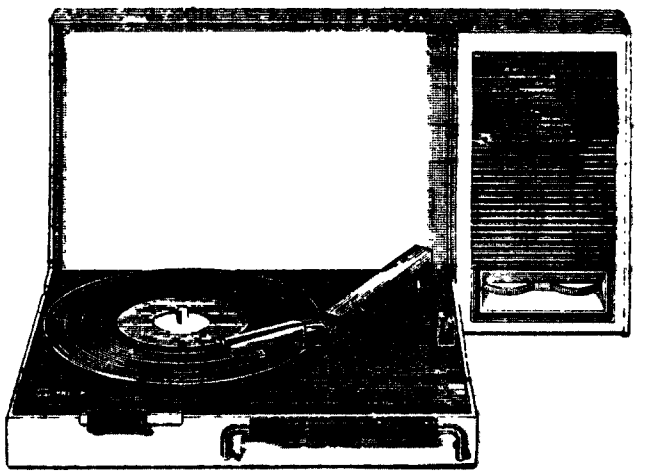
OA"

mos nesta página a lista completa dos os instituídos para a iniciativa com que amos a comemorar os 50 anos de exis- do «Diário de Lisboa».

adente

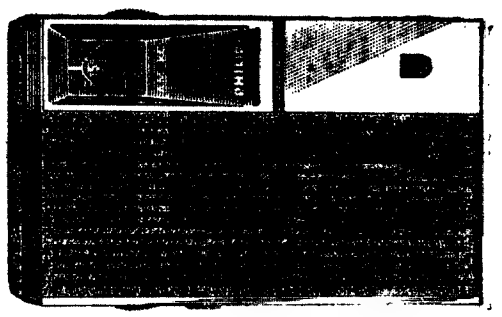


FIAT - 600 - D

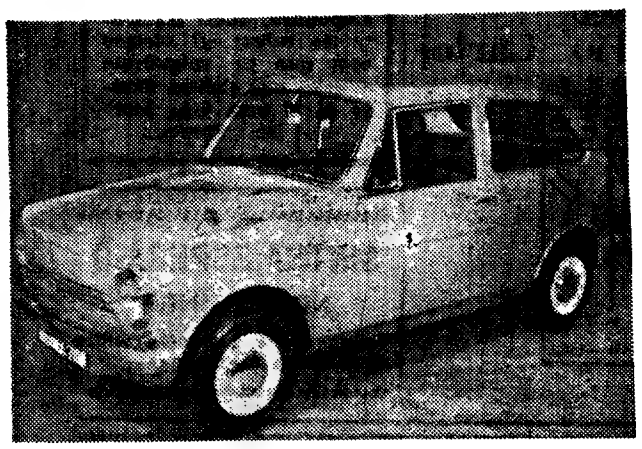


UM DOS GIRA-DISCOS «PHILIPS»

osos prémios



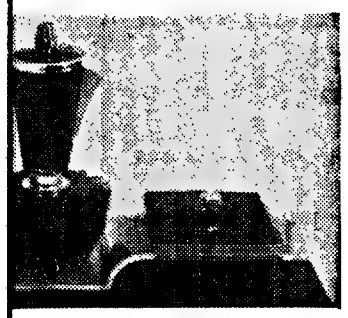
UM DOS RÁDIOS PORTATEIS «PHILIPS»



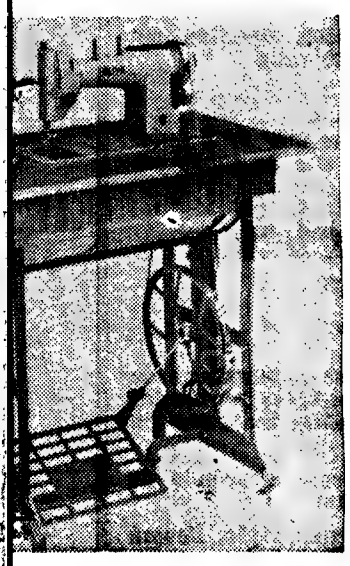
REBEL - 700

UM DOS MODELOS DE BICICLETAS «VILAR»

dio portátil «Philips» RL392, um secador de cabelo «Philips» (c/suporte), seis cx.



RUMAN»



STURA «OLIVA»

de 3 garrafas de aguardente «Macieira», um jogo de buzinas «Mixo».

15. prémio — uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7-34/S. um lote de livros «Minerva», uma

UM DOS MODELOS DE «PHILISHAVE»

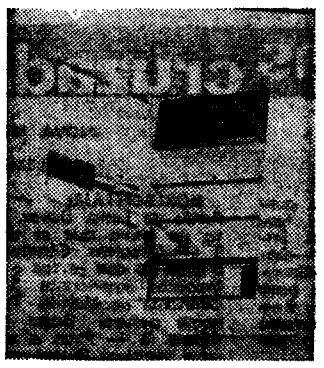
cabeleira postiça, uma «Philishave» HP1313, quatro confecções «Karim-Sola», um isqueiro «Maruman», de bolso, cinco cx. de 3 garrafas de aguardente «Macieira», um secador de cabelo «Philips» (c/suporte).

16.° prémio — uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7-34/S. um lote de livros «Minerva», uma cabeleira postiça, uma «Philishave» HP1313, quatro confecções «Karim-Sola», um isqueiro «Maruman», de bolso, cinco cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira».

17.° prémio — uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7-34/S. um lote de livros «Minerva» uma «Philishave HP1313, uma cabeleira postiça, quatro confecções «Karim Sola», um isqueiro «Maruman», de bolso, um rádio pessoal «Philips» RL 072, quatro cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira».

18.° prémio — uma máquina de costura «Oliva» mod. B-7-34/S. um lote de livros «Minerva», uma «Philishave HP1313, quatro confecções «Karim-Sola», um isqueiro «Maruman», de bolso, um rádio pessoal «Philips» RL 072, quatro cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira»

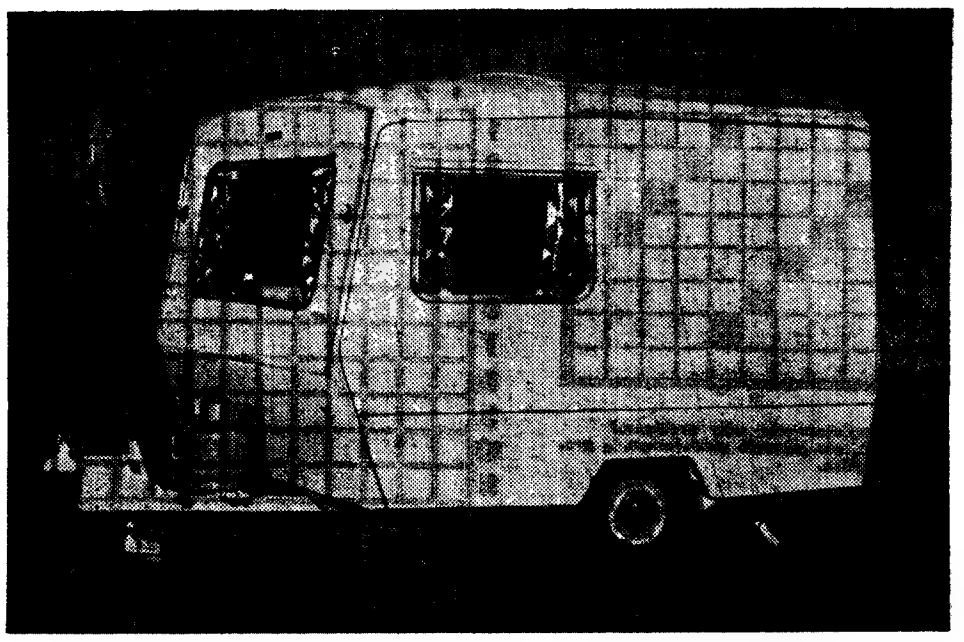
19. prémio — uma máquina de costura



UM DOS FRIGORIFICOS «PHILIPS»

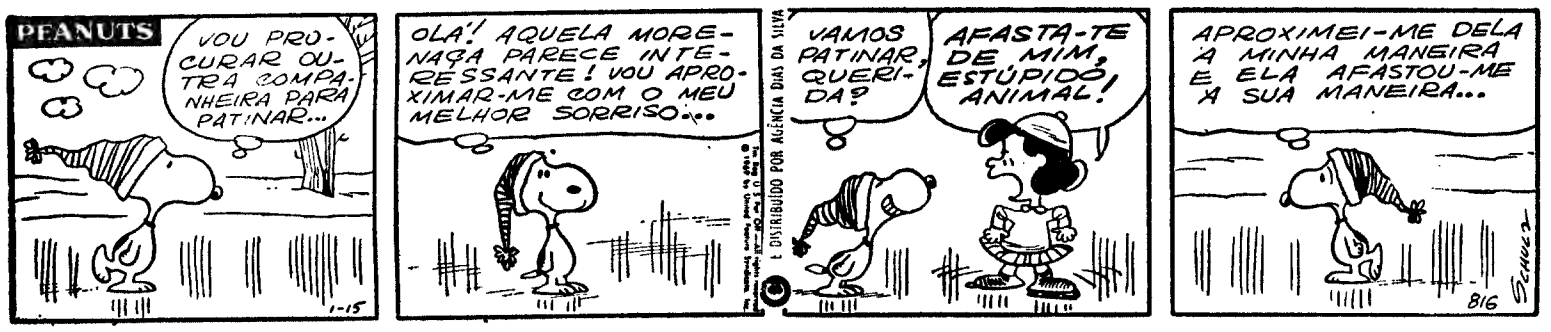
«Oliva» mod. B-7-34/S. um lote de livros «Minerva», uma «Philishave HP1313, quatro confecções «Karim-Sola», um isqueiro «Maruman», de bolso, um rádio pessoal «Philips» RL 072, quatro cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira».

20. prémio — uma máquina de costura «Oliva» mod B-7-34/S um lote de livros «Minerva», quatro confecções «Karim-Sola», um secador de cabelo «Philips» c/suporte, um rádio pessoal «Philips» RL 072, uma «Philishave» compact, quatro cx de 3 garrafas de aguardente «Macieira»



ROULOTTE SPRITE - CADET

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Janeiro de 1941 dizia:

«As ameaças, as violências, o ódio, em suma, nascem precisamente do esmagamento dos direitos alheios.

«Incomodidades, fome, frio, tudo passa. Com murmúrios, mas [illegible]. Agora coarctar um [illegible] e como pisa o rabo ao [illegible].

«...Quando Robespierre subia ao cadafalso — o rosto sangrando da refrega do 9 Termidor, o peito esgoilado, a casaca rota, as meias caídas sobre os tacões, rebentados os sapatos — houve um [illegible] que se precipitou sobre ele, cobrindo-o de insultos e tentando agredi-lo. Então o despota [illegible] a arrogância da véspera, interrogou suavemente: «Que ódio é o teu contra um homem que tem diante de si apenas uns instantes de vida?» E o outro, que perdera um irmão numa das jornadas sangrentas que arrebataram o próprio Danton, respondeu, ainda tremente de raiva: «O mesmo com que tu aniquilaste aqueles que tinham diante de si uma vida inteira.

— Dia Ferreira.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

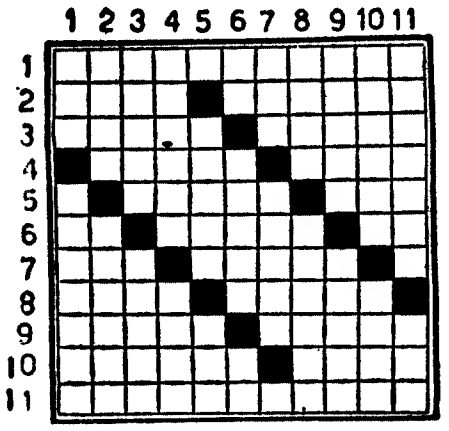
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5775

HORIZONTAIS: — Desvaremos. 2 — De preço elevado. Avaliara. 3 — Serra de Portugal. Nefrítico. 4 — Atravessas (inv.). Rai. 5 — Cure. Ente. 6 — Preposição. Juízo. Nota musical. 7 — Cabelos brancos. Erguera. Artigo definido. 8 — Grande afeição. Comprava garrotes de um ano para revender dois anos depois, para exportação. 9 — Pisem. Empunhara. 0 — Efeminar. Maquinismo para tecer. 11 — Instrumento de ferro para desbastar peles.

VERTICAIS: 1 — Mau cheiro. Matizar. 2 — Progenitores. O mesmo que mamadeira. 3 — Cidade de França. Sovam. 4 — Rataras. Movo os remos. 5 — Recobre a saúde. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 6 — Antes de Cristo. Domina. Rádio (a qual). 7 — Grande quantidade. Rio de França. 8 — As regiões superiores da atmosfera. Rezaste. 9 — Irmãs. Aprontei. 10 — Loucos. Lavrar. 11 — Jornal. Lavra.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5774

HORIZONTAIS: 1 — Assustadora. 2 — Os. Maré. 3 — Pr. BOA. Dó. 4 — Grua. Rer. 5 — Trago. Saco. 6 — Recamaremos. 7 — Elas. Filara. 8 — Aos. VIDA. 9 — Ir. Mim. Ma. 10 — Caras. Te. 11 — Amolaríamos.

VERTICAIS: 1 — Aos. Tremida. 2 — SS. Grelo. 3 — Praças. Co. 4 — RUGAS. Mal. 5 — Sm. Acm. TIRA. 6 — T. A. B. RAF. Mar. 7 — Arou. Vi. Si. 8 — Dea. Selim. 9 — Os. Remada. 10 — Decora. Tó. 11 — Amorosa. Pés.

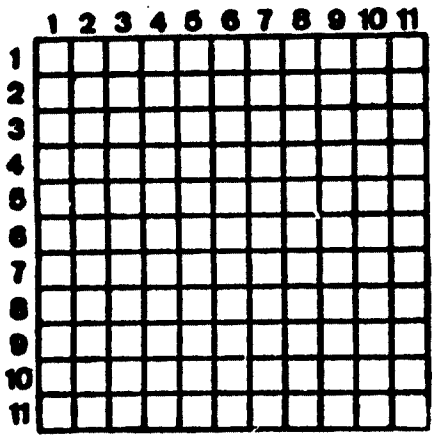
Provérbio: BOA VIDA, RUGAS TIRA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9618

HORIZONTAIS: — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Dever. Pago (abrev.). 2 — Fruta da Índia que se põe em conserva. Limpar. 3 — Circulem. Género de poáceas que produz o grão de que se faz o pão. 4 — Ave trepadora. Macacos americanos. 5 — Futil. Soalheiro. 6 — Cânhamo de Manila. Tomba. Apelido. 7 — Pronome pessoal. Gomo ou rebento nas plantas. Bétele. 8 — Peça a que se prende a lança de uma viatura. Restos mortais. 9 — Erguer. Encoleriza. 10 — Igual. País. Ave da família dos lanídeos. 11 — Liça. Assuntos.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Polónia. Ilha pertencente à província de Macau. 2 — Título dos descendentes de Maomé. Comprar. 3 — Destemida. Oportunidade. 4 — Varrera as brasas do forno para a cozedura. Cidade da Ucrânia, nas margens do Ro Row. 5 — Classe de tropa. Nome do jogo. Cálcio. (s. q.). 6 — Animal doméstico. Berilo (s. q.). 7 — Cidade da Grécia. Sufixo que designa pequenez. Nome antigo da nota musical dó. 8 — Naipe das cartas de jogar. Sufixo que designa abundância. 9 — Pintos. Fecham as asas para descer mais depressa. 10 — Recompensado. Âncora. 11 — Doze dúzias. Guarneceis de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9617

HORIZONTAIS: 1 — Soale. Ácida. 2 — Alais. Retar. 3 — Firam. Riana. 4 — Aã. Ra. Er. Ad. 5 — Pag. Mas. 6 — Casaremos. 7 — Tão. Lãs. 8 — An. Caves. Ni. 9 — Iscas. Salte. 10 — Paio. Pior. 11 — Aroça. Massa.

VERTICAIS: 1 — Safar. Taipa. 2 — Alia. Consar. 3 — Aar. Pão. Cio. 4 — Lioras. Caos. 5 — Esmagaras. 7 — Arremetes. 8 — Caíram. Sapa. 9 — Ita. Sol. Lis. 10 — Dana. Santos. 11 — Arado. Siara.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Mar Alto», da Figueira da Foz; «Notícias de Chaves», «Jornal das Aves» de Vila das Aves; «Povo da Lousã» e «Sempre Pronto», de Lisboa.

O segredo duma boa cozinha...

Reside no uso duma panela de pressão DUROmatic! Ela é o auxiliar mais precioso da boa dona de casa porque: coze mais depressa, gasta menos gás, é fácil de usar e não tem o menor perigo. Comece desde hoje a cozinhar numa DUROmatic e depressa verá a economia que faz!

DUROmatic
A panela de pressão milagrosa
À VENDA EM TODAS AS CASAS DE ARTIGOS DOMÉSTICOS

HOTELCAR
INVESTIMENTOS HOTELEIROS E TRANSPORTES TURÍSTICOS. S. A. R. L.

SEDE:
Avenida da Liberdade, 105 - 4.º, Dt.º — Lisboa
AGÊNCIA DE VIAGENS:
Avenida da Liberdade, 107 — Lisboa
GARAGEM:
Rua Domingos de Sequeira — Odivelas

CAPITAL REALIZADO: 6.000.000$00

3.º AUMENTO DE CAPITAL

De 6.000.000$00 para 12.000.000$00, dividido em 6000 acções de 1.000$00 cada

Tendo sido dado cumprimento ao art.º 7.º § único dos estatutos, que confere o direito de opção aos srs. accionistas, oferecem-se à

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA
3000 ACÇÕES

em títulos de 1, 10 e 100 acções nominativas ou ao portador, nas seguintes condições aprovadas na Assembleia Geral Extraordinária realizada em 17/11/70:

1.º As acções são oferecidas com o prémio de emissão de 150$00 por acção;

2.º O pagamento, no acto da subscrição, deverá ser efectuado na sede da Sociedade;

3.º A subscrição encerra em 31/1/71, ficando sujeita a rateio.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DEVE SER PROTEGIDO O CINEMA DE AMADORES

—afirma a comissão parlamentar que apreciou as propostas da lei do cinema e do teatro

«Temos de empreender um esforço muito grande e persistente no sentido de regionalizar o teatro, instaurando-o nas províncias, quer metropolitanas quer ultramarinas» — afirma-se no parecer da comissão que apreciou, numa vintena de reuniões, as propostas relativas á actividade teatral e á protecção do cinema nacional, e cujo relator, o deputado Veiga de Macedo hoje apresentou á Assembleia Nacional.

Entre outros pontos de interesse apreciados pela referida comissão — a da Educação Nacional, Cultura Popular e Interesses Espirituais e Morais, a que preside o próprio dr. Veiga de Macedo — figura o que diz respeito «á valorização das actividades cinematográficas dos amadores», que a comissão parlamentar, ao contrário da Camara Corporativa, afirma dever ser empreendida, dando, portanto, o seu acordo á proposta governamental designadamente nesse ponto.

O problema da «contingentação» é também largamente referido no parecer, que afirma dever manter-se a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais, aludindo á «velha tendência dos portugueses para denegrir ou minimizar tudo o que é nosso, só pelo facto de o ser».

«São conhecidas condições bem duras ditadas por organizações estrangeiras ou não integralmente nacionais, algumas das quais estão a comprar ou a arrendar, em escala crescente e verdadeiramente impressionante, casas de exibição cinematográficas» — afirma-se na parecer relatado pelo deputado Veiga de Macedo.

Por outro lado, a comissão afirma entender-se que, «para efeitos de assistência financeira, só as co-produções, e não as co-participações, devem equiparar-se a filmes nacionais».

ALBERTO DE ALARCÃO: «Processos mais expeditos» para fazer prova do direito a abono de família e assistência clínica

A adopção de «processos mais expeditos» do que os actualmente em vigor para fazer prova do direito a abono de família e assistência clínica foi pedida pelo deputado Alberto de Alarcão um dos três deputados inscritos para usar da palavra no período antes da ordem do dia.

Como noutra intevenção que a propósito do mesmo assunto fez, na Assembleia, o deputado referiu-se aos atestados confiados a comerciantes para fazer prova da veracidade das informações prestadas, anualmente, pelos candidatos ao recebimento do abono de família.

«Será que a função dos comerciantes haja de ser, caricaturalmente, essa, mais do que a de venderem produtos ou comercializarem serviços?» — interrogou-se Alberto de Alarcão, depois de afirmar que «não sabemos bem como o poderão fazer, nas gigantescas metrópoles actuais, e do futuro, onde se chega a desconhecer os próprios residentes do prédio».

Antes da ordem do dia, intervieram ainda os deputados Correia da Cunha («Recenseamento») e Leal de Oliveira

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Os problemas do cinema abriram e encerraram a sessão de ontem da Assembleia Nacional. Efectivamente, no período dedicado ao expediente, a Mesa deu conta de ter recebido um telegrama de produtores e realizadores de cinema acerca da proposta de lei em discussão. E na segunda parte da ordem do dia falou o deputado Serras Pereira, sobre a proposta de lei de «protecção ao cinema nacional». Foi ainda referida a recepção de uma exposição de trabalhadores eventuais do porto de Lisboa, acerca da sua situação, no que se refere a condições de trabalho e direitos á Previdência.*

★ O deputado Moura Ramos, director da Prisão-Escola de Leiria, apresentou um requerimento pedindo informações sobre os processos de inquérito ao que chamou «graves desacatos e disturbios perturbadores da vida escolar», para «eventual intervenção sobre o movimento de agitação estudantil que tem vindo a processar-se entre nós e em que andam paixões politicas das mais mal intencionadas ao serviço de manobras comandadas á distancia, mas hábilmente, pelas centrais da subversão internacional».

★ *Falando de acidentes de trabalho, o deputado Vaz Pinto Alves defendeu, em longo discurso, a transferência da responsabilidade patronal para a Previdência, no que se refere á reparação global dos danos provenientes do exercício da actividade profissional.*

★ «A industria farmacêutica não poderá, a bem da saude publica, continuar com as margens de lucro que tem obtido», — afirmou, com sensível apoio da Camara, a deputada Raquel Ribeiro, respondendo a um comunicado do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas. E especificou que, em cinco sociedades anónimas, e segundo os respectivos relatórios, o conjunto de lucros em 1969 soma 52 mil contos.

★ *Segundo anunciou o deputado Camilo de Mendonça, vão reunir-se no próximo domingo as «cortes gerais» da região de Trás-os-Montes, para discutir o problema das tarifas da energia eléctrica naquela província. Segundo aquele parlamentar, «o problema é candente desde há anos, e escaldante depois do candido despacho do sr. secretário de Estado da Agricultura de 12 do corrente». Só depois se ocupará do problema. Entretanto, dissertou sobre a progressiva inviabilidade económica da produção duriense, nas condições actuais. E apontou uma solução: a reconversão do Douro em termos de mecanização da exploração, o que considerou viável. E apelou para o Governo no sentido de se apressarem as obras de navegabilidade do Douro. E terminou com palavras de fé no futuro da região duriense.*

★ O divórcio para todos ou para ninguém — tema defendido pelo deputado Sá Carneiro ao preconizar a necessidade da revisão da Concordata — suscitou a intervenção frequente de vários deputados: Cunha Araújo, Camilo de Mendonça, Almeida Cotta. O dr. Sá Carneiro respondeu sempre aos seus «interruptores», que procuravam opor duvidas ou reservas ás ideias expostas.

— Mas em Itália...

— Não estou a perceber bem...

— Compreendo, compreendo.

★ *Houve a certa altura uma intervenção do presidente da Assembleia, solicitando aos deputados que não impedissem o seu colega de terminar o seu pensamento e ao orador que não «fosse tão liberal» a permitir interrupções sucessivas.*

— Gostaria de continuar a ser liberal, principalmente nesta casa.

— Propunha que o deputado Sá Carneiro apresentasse um aviso-prévio sobre este assunto, que interessa milhares de portugueses — disse o deputado Valadão dos Santos.

— Creio que não será necessário. Confio em que o Governo ou a Igreja tomem a iniciativa da revisão da Concordata, para termo de uma desigualdade estabelecida pela actual solução. Se me deixassem concluir ..

E o deputado, por fim, pôde concluir, entre apoiados, o seu pensamento.

MANUEL DE AZEVEDO

Em três linhas

A povoação de Oleiros, do concelho da Feira, no distrito de Aveiro, passou oficialmente a denominar-se S. Paio de Oleiros.

///

A partir de 19 de Janeiro, o navio «Angra do Heroismo» passa a estar fretado pelo Ministério do Exército, para o transporte de tropas e material de guerra.

///

O sinal de trânsito designado por «Paragem obrigatória no cruzamento», passa a denominar-se «Paragem obrigatória no cruzamento ou entroncamento.

///

Além das gratificações a que tem direito, o vencimento do cargo de Reitor da Universidade de Lourenço Marques está fixado em 16 mil escudos.

///

Foi aprovado o gabinete do Plano do Zambeze.

DOIS MIL CONTOS PARA A EXPLORAÇÃO DAS GRUTAS DE MIRA D'AIRE

MIRA D'AIRE, 15 — As famosas grutas desta região vão ser finalmente abertas ao público, para o que se recolheram até agora, por subscrição, cerca de dois mil contos. Pormenores sobre o empreendimento foram agora tornados públicos durante uma reunião na sede da Junta de Freguesia.

Espera-se que antes do Verão estejam terminados os trabalhos de implantação de escadarias e rede eléctrica interna.

Joel Serrão em Santarém

SANTARÉM, 15 — Amanhã, ás 21 e 30, no Circulo Cultural Scalabitano, o dr. Joel Serrão faz uma conferência sobre «Evolução do Portugal contemporâneo».

DE ONTEM PARA HOJE

ACORDO LUSO-ESPANHOL

No Ministério dos Negócios Estrangeiros foi ontem assinado um acordo luso-espanhol de cooperação no campo da energia nuclear. Assinaram o ministro dr. Rui Patrício e o embaixador Gimenez Arnau. O acordo dá seguimento ás disposições do artigo 1.º, parágrafo 2.º, da Convenção Geral de Cooperação Científica e Tecnológica entre os dois países, assinado em Madrid, em 22 de Maio de 1970. Aquele artigo estatui: «os aspectos concretos da cooperação serão objecto, no âmbito desta Convenção, de acordos especiais estabelecidos entre as partes contratantes ou, com o seu acordo, entre organismos por elas designados, os acordos especiais serão celebrados pelos respectivos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e regularão o conteudo e o âmbito da cooperação a que se refiram, determinando os organismos encarregados da sua aplicação.»

ACÇÃO NACIONAL POPULAR

Na sede da Acção Nacional Popular houve ontem reunião das comissões distritais com a comissão executiva. Presidiu o dr. Cota Dias, tendo sido apresentados relatórios sobre a actividade política nos diversos distritos do País.

VÉSPERA DA OLIMPÍADA

No Rotary Clube Lisboa-Oeste proferiu o dr. Boavida Portugal, nosso prezado camarada de jornalismo, uma palestra. Versou o tema dos Jogos Olímpicos de Munique. Referiu muitos aspectos da Alemanha nas vésperas da grande concentração desportiva.

ESCOLA NÁUTICA

Amanhã, ás 22 horas, a bordo do paquete «Infante D. Henrique», a Associação dos Alunos da Escola Náutica promove o baile de recepção aos novos alunos.

A «Geração de setenta» começa a ser evocada pela Universidade de Coimbra

COIMBRA, 15 — Começou esta tarde, na Faculdade de Letras, as celebrações do Centenário da Geração de Setenta» promovidas pela Universidade

A primeira das conferências do valioso ciclo progra mado foi feita pelo famoso dentista galego, prof. dr. Ernesta Guerra da Cal, catedrático da City University of New York, que, vivendo nos Estados da América do Norte, ali se doutorou e ascendeu à cátedra universitária.

Dado a estudos portugueses e espanhóis, o prof. Guerra da Cal é autor, entre outros, de uma valiosa obra, intitulada «Língua e Estilo de Eça de Queiroz», considerado pela crítica autorizada como obra de grande categoria. Foi, inicialmente, publicada em castelhano e incluída na magnífica colecção «Acta Universitatis Conimbrigensis» e, mais tarde, publicada, em segunda edição, na língua portuguesa.

Na conferência, o prof. Guerra da Cal falou sobre «Picarismo e Quixotismo em «A Relíquia» de Eça de Queiroz» — tema aliciante sobre um dos homens da famosa «Geração de Setenta», que, agora, expressivamente se evoca.

A R.T.P. PUBLICOU O SEU ANUÁRIO-69

A R. T. P., embora com o atraso de um ano, acaba de publicar o seu Anuário referente á actividade em 1969.

O trabalho — diz-se na Nota de Abertura — mantém o propósito de *proporcionar a quem se quiser debruçar sobre os problemas de Televisão no nosso País, uma fonte de consulta que se pretende tão completa quanto possível.* Apesar de tudo, o Anuário não se limita a apresentar factos, induzindo, por uma certa crítica valorativa, o manuseador a aceitar algumas das suas «verdades de opinião».

Exemplos:

«Zip-Zip, muitas vezes, quase fez parar a vida nacional, discutido, divertido, audacioso. Por lá passou Almada Negreiros. E passou o povo. A repercussão do programa deve-se ao seu carácter eminentemente popular.

«O Prof. Dr. Vitorino Nemésio, conversador admirável, surge-nos como um inovador da palestra televisionada, viva e actual, por vezes emocionante, sempre apaixonante. Nemésio, quando se lembra, esquece-se de escolher um tema que apaixone tanto os outros como a si próprio).

«David Mourão-Ferreira com «Imagens da Poesia Europeia» explana um curso: dois mil anos de Europa poética, lírica e épica, religiosa e pagã, plena de força no seu génio criador, protagonista das lições magistrais de um dos nossos grandes poetas contemporâneos». (Se fosse explanar um verdadeiro curso a coisa seria para aí tão chata que nem a designação exagerada de «lições magistrais» salvaria a face da rubrica. E «magistral» não será uma adjectivação pesada de mais só para justificar a designação excessiva de «grande» poeta?).

Mas, enfim, com estas e outras brasas puxadas á sua sardinha, aí está o Anuário TV-69.

O CHEFE DO ESTADO NA «FORD-EXPO 71»

O Presidente da Republica inaugurou hoje, na F.I.L., a «Ford Expo 71», a maior exposição de uma marca de automóveis, a Ford, até hoje realizada em Portugal.

A «Ford Expo 71» apresenta ao grande publico uma panorâmica geral da sua gama de produtos, desde automóveis ligeiros a veículos pesados, tractores e máquinas industriais. Estão ainda representados no certame as actividades e produtos da industria portuguesa, que participam na industria automóvel.

Actualidade internacional

Aumenta o apoio logístico dos EUA ao Camboja

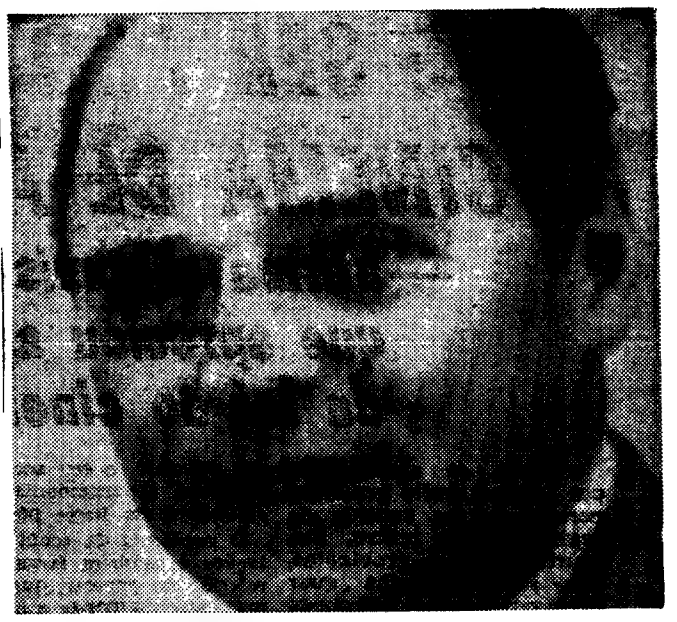
WASHINGTON, 15 — (F. P.) — O porta-voz do Departamento da Defesa declarou ontem que o Pentágono se reserva o direito de transportar para o Camboja, de avião e de helicóptero, os soldados sul-vietnamitas, o seu material de guerra e os seus abastecimentos.

Até agora — sublinhou o porta-voz — têm sido raros os casos de prestação deste apoio logístico, pois a intendência sul-vietnamita costuma bastar-se a si própria.

Os efectivos sul-vietnamitas, que operam no Camboja desde a operação americana de Maio de 1970, elevam-se presentemente a 10 mil homens. Uma parte destes efectivos estão a procurar limpar a estrada estratégica n.º 4, que liga Phnom Penh a Kompong Som, no Golfo do Sião.

As declarações do porta-voz, feitas em nome do secretário da Defesa Melvin Laird, fazem supor que já começaram estas operações de apoio directo, que decorreram paralelamente com os bombardeamentos pelos B-52, a sudoeste de Phnom Penh, que o Departamento de Estado confirmou.

Como se sabe o Congresso dos Estados Unidos proibiu o Governo, em Dezembro de enviar para o Camboja soldados e conselheiros militares americanos.



O EMBAIXADOR BRITÂNICO NO URUGUAI, Geoffrey Jackson, cujos raptores parecem dispostos a mantê-lo em seu poder por três meses

ATAQUE ISRAELITA NO LÍBANO A UMA BASE DOS PALESTINIANOS

TEL-AVIV, 15 — (R.) — Uma força de ataque israelita destruiu durante a noite uma base naval dos comandos palestinianos a 40 quilómetros da fronteira israelita, matou pelo menos 10 palestinianos e feriu muitos outros, anunciou um informador militar nesta cidade.

Seis israelitas ficaram feridos na operação, a primeira do género desencadeada contra uma base marítima dos guerrilheiros.

CONFIRMAÇÃO EM BEIRUTE

BEIRUTE, 15 — (F. P.) — Segundo a versão recolhida nos círculos bem informados, unidades israelitas transportadas de helicóptero e apoiadas por vedetas atacaram a região de Sarafand, onde se situa o campo de refugiados palestinianos. Os elementos da resistência nessa zona opuseram-se ao ataque. Os israelitas retiraram-se ás 4 horas locais (2 horas T.M.G.).

O chefe do Estado, Soleiman Frangie, que acompanhou atentamente o desenrolar dos acontecimentos, examinou com o primeiro-ministro, Saeb Salam, e o ministro da Defesa, Elias Saba a possibilidade de solicitar a convocação urgente do Conselho de Segurança.

Segundo a rádio libanesa, os «feddayin» tiveram 2 mortos e 7 feridos. O ataque durou quatro horas.

ISRAELITAS NUM PORTA-AVIÕES AMERICANO?

TEL-AVIV, 15 — (R.) — Um informador militar israelita rejeitou hoje como «pura invenção» uma notícia egípcia de que pilotos israelitas estavam a efectuar voos de treino descolando de um porta-aviões americano no mar Vermelho.

Descreveu a afirmação como não tendo o mínimo fundamento.

Apelo de Nixon aos jovens

LINCOLN, 15 — (F. P.) — O presidente Nixon lançou ontem um apelo á abolição dos fossos entre as gerações, num discurso que proferiu perante estudantes da Universidade de Lincoln, no Nebraska. Além de propor uma aliança entre a juventude e as gerações mais velhas, o presidente afirmou que a sua política é orientada no sentido de «abolir os obstáculos que poderiam impedir os jovens de consagrar toda a sua energia aos ideais nacionais».

O principal desses obstáculos, disse o presidente, é a guerra do Vietnam. Mas Nixon afirma possuir um plano de paz, em que deposita inteira confiança.

SARGENTO ABSOLVIDO NO CASO DE MY LAI

FORT M'CPHE'RSON (GEORGIA), 15 — (F.P.) O sargento Charles Hutto, de 22 anos, acusado de haver participado no assassínio de pelo menos seis aldeões sul-vietnamitas quando do morticínio de My Lai, em Março de 1968, foi absolvido ontem pelo tribunal militar de Mcpherson.

O juiz Kenneth Howard pediu ao juri que considerasse se a ordem de exterminação poderia ter parecido claramente ilegal ao sargento Hutto. Caso contrário o juri deveria considerá-lo inocente.

O sargento Hutto é o segundo militar considerado inocente no caso da chacina de aldeões de My Lai. O primeiro foi o sargento David Mitchell, julgado em Fort Hood, no Texas.

Entretanto, prossegue em Fort Benning, na Georgia, o julgamento do tenente William Calley, que teria dado a ordem aos seus homens para proceder á matança.

O EMBAIXADOR BUCHER DEVERÁ SER LIBERTADO NAS PRÓXIMAS HORAS

RIO DE JANEIRO, 15 — (A. N. I.) — Aproxima-se do fim o caso do sequestro do embaixador suíço no Brasil, Giovann Enrico Bucher. Espera-se no Rio que o caso se solucione nas próximas horas, com a libertação do diplomata suíço.

Ontem á noite, seguiram para Santiago do Chile, em avião da Varig, 70 pessoas que se encontravam detidas por subversão, sendo 68 banidos e dois expulsos do território brasileiro, por serem estrangeiros: o italiano Roberto António de Fortini e o francês René Louis Laugery de Carvalho.

O avião chegou a Santiago do Chile, onde os passageiros foram recebidos por esquerdistas brasileiros (ali residentes) e chilenos, além de mais de uma centena de fotógrafos, cineastas e jornalistas.

Cumprida a palavra do Governo brasileiro, que atendeu ás condições dos sequestradores do embaixador suíço dando liberdade áqueles presos políticos, espera-se no Rio que os raptores dêem, por sua vez, a liberdade ao diplomata europeu.

FOI APREENDIDA UMA BIOGRAFIA DE «EL CORDOBÉS»

BARCELONA, 15. — (A. N. I.) — Foram apreendidos todos os exemplares de uma biografia do matador de touros Manuel Benitez «El Cordobés», enquanto decorre o processo movido pelo dr. Juan Pulgar, cirurgião-chefe da praça de touros de Granada, contra os editores espanhóis da obra.

Os autores do livro — Dominic Lapierre e Larry Collins — escrevem que um antigo empresário de «El Cordobés» teria subornado o médico para exagerar a seriedade de uma colhida sofrida pelo matador, em 1961.

DOIS ALEMÃES VÃO SER JULGADOS NA REPÚBLICA DA GUINÉ

BONN, 15 — (A. N. I.) — Os alemães Herman Seibold e Adolf Marx, presos na República da Guiné e acusados de terem «ajudado mercenários estrangeiros a atacar o país» vão ser ali julgados — revelou ontem o informador governamental, Conrad Ahlers, em Bona.

Segundo informações reunidas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, parece que o julgamento dos dois homens principia na próxima segunda-feira. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, informou ontem o Gabinete, na sua reunião semanal, acerca da situação diplomática tensa entre a Alemanha Ocidental e a Republica da Guiné.

Ahlers rejeitou novamente qualquer sugestão de que Bonn, ou qualquer individualidade da Republica Federal, tivesse ajudado quaisquer mercenários nos ataques aquele país, em Novembro.

Em Dezembro, o Governo da República da Guiné expulsou uma centena de trabalhadores alemães — equivalentes alemães ao Corpo da Paz da América — e prendeu Seibold e Marx, tudo por suposta cumplicidade na alegada «invasão».

EDITORIAL SIGNUM
apresenta
UMA OBRA DE

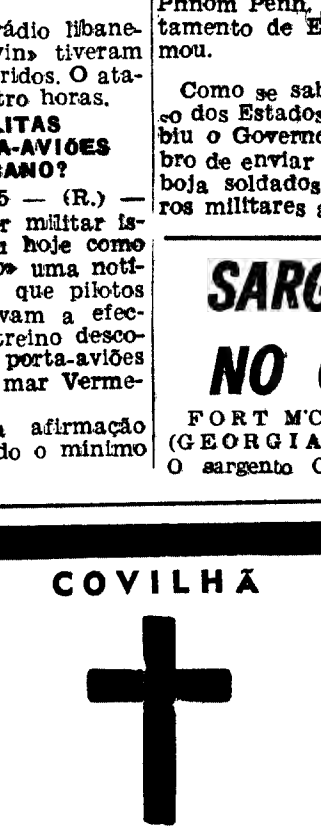
JEAN ROSTAND

MATERNIDADE E BIOLOGIA

Um livro em que fica esclarecido como, no decorrer dos séculos, o papel da mulher na obra da criação foi pouco a pouco reconhecido, elucidado e determinado graças ao progresso das ciências

Biblioteca das Ideias - 1 ..... 40$00
A venda em todas as livrarias ou na Editorial Signum
Rua António Maria Cardoso, 68, 2.º E. - Lisboa-2

COVILHÃ



COMENDADOR

ADOLFO DOS SANTOS ROSA

Sócio fundador da Nova Penteação e Fiação da Covilhã, Lda.

MISSA DO 7.º DIA

Maria Lá Rosa, Lídia Rosa de Almeida e marido, Emiliana Rosa Mesquita Nunes e marido, Artur Lá Rosa e esposa, Delfino Lá Rosa e esposa, netos, irmã, cunhados, sobrinhos e demais família participam que amanhã, sábado, dia 16, serão rezadas missas: na Covilhã, na igreja de S. Francisco, pelas 17 horas; e em Lisboa, na igreja de S. Domingos, pelas 10,30 horas, com a intenção de sufragar a alma do seu muito chorado e saudoso marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

não perca!

Ford EXPO'71

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Arga-Autosil-Continental-Covina
Fábrica de Tapetes Vitória
Firestone-Flexipol-Goodyear
Ipetex-João de Deus
Mabor-Molaflex-Precix
Seiberling-Sincal-Sotinco
Sunviauto-Sundlete
Tudor-Utic

que participam na montagem do seu Ford, estão agora presentes na maior exposição automóvel jamais realizada em Portugal.

Veja os seus stands na Feira Internacional de Lisboa de 16 a 23, entre as 18 e as 23.30 horas e, aos sábados e domingos, a partir das 15 horas. Ambiente climatizado.

Ganhe diàriamente apoios de cabeça, alcatifas para casa, almofadas, baterias, convectores, capas para assentos de automóvel, caixas de luvas depilatórias, conjuntos para pintura, pneus, sofás, radiadores, tampões, tapetes para automóvel, portas de vidro.
Oferecidos por estas empresas.

CREBA-NCK - Expo. - 8

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, prossegue hoje o julgamento do caso da herança Sommer. Na ultima audiência, o tribunal admitiu dois recursos interpostos pelo dr. Sidónio Reto, patrono do industrial António Champalimaud, os quais subirão ao tribunal superior.

Seguidamente, foi chamado o sr. Elmano de Sousa Costa, casado, comerciante e administrador de empresas, residente na Aven da de Roma, 36, r/c., dt.º, o qual foi ouvido sobre a matéria constante de um requerimento formulado pelo dr. Eridano de Abreu, advogado dos assistentes.

O juiz-presidente leu ao declarante os pontos sobre os quais ele deveria responder. O sr. Elmano de Sousa Costa começou por dizer ser administrador das empresas «Dipetra» e da «Covina», que não conhece nada dos factos a que respeitam estes autos, nem tem deles qualquer conhecimento directo ou indirecto. Não tem quaisquer relações de amizade ou inimizade com os réus deste processo, ou ofendidos, nem deles está por qualquer forma dependente. A uma instancia do dr. Bernardino de Sousa, o depoente afirmou:

— *António Champalimaud esteve em Paris comigo nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro e nos ultimos dias de Novembro do ano de 1970.*

A nova pergunta do juiz-presidente, o declarante respondeu que foi, nos apontados meses, de propósito a Paris, para se encontrar com o aludido réu. As ligações para tais encontros eram préviamente estabelecidas em Lisboa com o genro do réu de nome Luís Pombal. O declarante dirigia-se a Paris, instalava-se no hotel Plaza Aténé, Avenue de La Montagne, e depois de ali instalado o réu punha-se em contacto com o declarante e combinavam o local de encontro. Esses locais eram diversos, recordando-se de alguns, por exemplo, que ocorreram em restaurantes, como Trois Limousines, Tour D'Argent, La Slé e no próprio restaurante do hotel onde o declarante estava instalado. O declarante nunca perguntou ao réu onde se encontrava, supondo até que ele se deslocava também a Paris para se encontrar com o declarante, pois por duas vezes coincidiu vê-lo embarcar em Orly.

Tinha longas conferências com o réu, de horas, pois a operação que o declarante tratava com ele era bastante importante. Era uma operação de acções do montante que se alude no requerimento de fls. 12 151, ou seja, de 1 250 000 contos, operação que o declarante efectuava como intermediário.

Esclarece que não era bem como intermediário pois fazia parte do contrato e, autorizado pelo outro contratante, endossou-o ao réu António Champalimaud. O declarante não tem duvidas em afirmar, até por ser evidente, que o réu tinha perfeito conhecimento da existência deste processo, revelando, até, certa mágoa por este processo o inibir de estar no País á frente das suas empresas. O declarante nunca esteve com o réu em Paris, no restaurante Maxime, nem sabe se ele é lá visto com frequência, a tomar as refeições. Refere, contudo, que, quando em Novembro se encontrou com o réu em Paris, salvo erro no dia 18 — o mesmo não compareceu ao declarante á hora combinada, mas só cerca das 18 horas, alegando ele, como razão justificativa da sua demora, que tinha estado num almoço, que lhe tinha sido oferecido, em sua homenagem, pelo Banco de Suez, nas dependências deste.

Rectificou o declarante a sua anterior afirmação de que só tinha estado com o réu em Paris nos fins de Novembro, quando a verdade é que, também lá esteve com ele, cerca do dia 18, como referiu, regressando a Portugal, voltando, depois, a Paris nos ultimos dias do mesmo mês. Desconhece totalmente a oferta de banquetes ou, mesmo, simples refeições oferecidas pelo réu no restaurante Maxime, ou noutro qualquer. Que em quatro das vezes em que se deslocou a Paris para conferenciar com o réu foi acompanhado do sr. Artur Cupertino de Miranda, um dos contratantes do aludido negócio. O declarante e o referido Cupertino de Miranda não se fizeram acompanhar de terceiras pessoas e ás negociações para o aludido contrato não assistiram quaisquer outras pessoas. Do declarante é que partiu a iniciativa desses encontros, desconhecendo onde actualmente se encontra o réu, sendo certo que era e é voz corrente que o mesmo reside no México. Em Dezembro ultimo, cerca do dia 20, o declarante teve duas conversas telefónicas com o réu, da iniciativa dele, não podendo, com precisão, indicar onde é que o réu se encontrava.

Depôs em seguida o sr. João António Rosado Rocha, casado, administrador de empresas, exercendo tal cargo nas firmas Commundo, Têxtil Lopes da Costa e no Banco Português do Atlantico, residente na Rua Sousa Martins, 8, 3.º, Lisboa.

Na acta ficou registado o seguinte: «Não é amigo nem inimigo de qualquer dos réus ou assistentes que intervêm neste processo, não tem interesse directo nem indirecto nos factos que aqui se discutem e não está por qualquer forma dependente de qualquer daqueles réus ou assistentes. O ano passado o declarante encontrou-se por quatro vezes com o réu António Champalimaud em Paris. Esses encontros realizaram-se, salvo erro, quanto á precisão das datas, em fins de Maio ou princípio de Junho, em Julho, Setembro e Novembro, todos no Hotel Loti, que é hotel onde o declarante se hospeda há 10 anos e no qual o réu ia encontrar-se consigo. Que a iniciativa destes encontros pertencia ao declarante, que solicitava ao genro que lhos possibilitasse, no interesse das duas organizações, estabelecendo-se préviamente a data dos encontros.

O declarante não sabe onde o réu estava instalado em Paris e sómente tomaram juntos refeições no Hotel Loti e num restaurante cujo nome desconhece, perto do mesmo hotel. Desconhece se o réu costuma oferecer refeições no Maxime e se lá ofereceu banquetes. Aos encontros que teve com o réu não assistiu qualquer outra pessoa. Recorda-se de uma vez ter perguntado ao réu quando é que acabaria este processo, cujo julgamento já corria, tendo o mesmo respondido que não sabia. É voz corrente que o réu reside no México e o declarante encontrou-se propositadamente com ele no México, nos princípios de 1970, Janeiro ou Fevereiro, data que marca o início da troca de opiniões ou conversações acerca de empreendimento do declarante no Brasil. O genro do réu disse ao declarante para se instalar no Hotel Caminho Real, da Cidade do México, onde efectivamente o réu o procurou. Depois do ultimo encontro pessoal com o réu, em fins de Novembro, não mais tratou de quaisquer assuntos com ele, embora o tenha feito com o genro Luís Pombal.»

A instancia do advogado dos assistentes, disse que no escritório do dr Eridano, há cerca de dois anos, teve conhecimento de que haviam sido passados mandados de captura contra os réus António e Henrique Champalimaud.

O dr. Eridano de Abreu requereu neste momento que se perguntasse ao declarante o seguinte: se é ou não verdade o declarante o haver procurado no seu escritório, depois de ter sido tratado um outro assunto que se não relaciona com este processo, para o efeito de ele declarante se propor para medianeiro de um acordo entre os irmãos Champalimaud e se, porventura nessa altura lhe disse que era condição do início dessas negociações o réu Henrique não se apresentar no tribunal para ser preso, conforme lhe foi dito por ele advogado; e se, nessa altura, também, o mesmo declarante se ofereceu para arranjar casa, ao réu Henrique em Madrid.

O sr. Rosado Rocha respondeu, ditando a sua resposta: «É verdade que se prontificou a fazer uma consulta a um amigo do réu António Champalimaud sobre a possibilidade de um acordo entre ele e os irmãos. É verdade também que nessa mesma reunião e nesse mesmo dia pôs á disposição do dr. Eridano de Abreu uma casa que tinha em Madrid, para que lhe desse o destino que julgasse mais conveniente em relação ao seu constituinte, e uma vez que o mesmo dr. Eridano lhe dizia que não sabia se o seu constituinte se apresentava ou não á prisão. Que não é verdade ter condicionado o entendimento de acordo á apresentação ou não de Henrique Champalimaud á prisão. Que o amigo do réu António Champalimaund a que acabou de aludir na sua resposta, é o dr. Fernando Cruz.

No final das duas inquirições, houve um pequeno intervalo. Recomeçados os trabalhos, foi chamado o sr. Carlos Champalimaud, que prestou directamente esclarecimentos.

Ford EXPO

AUTO BOAVISTA, LDA.
AUTO RALI, S. A. R. L.
J. MENDES COELHO, LDA.
LINCURI, LDA.
STAND MODERNO, S. A. R. L.

Concessionários Ford

CONVIDAM OS SEUS EX.MOS CLIENTES E AMIGOS A VISITAREM A EXPOSIÇÃO AUTOMÓVEL QUE TERÁ LUGAR NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA DE 16 A 23 DO CORRENTE

HORÁRIO: Dias 16, 17 e 23 das 15 às 23,30
» 18 a 22 das 18 às 23,30

Carlos Almeida: a «forma» não é a melhor, mas a sua categoria não ficou em dúvida

PUGILISMO

Costa Rodrigues, a «estrela» na sessão do Coliseu

A primeira sessão da Luso-boxe foi um verdadeiro êxito pugilístico. Porém a «estrela» da noite não foi o tão reclamado Carlos Almeida. Foi sim Costa Rodrigues que, apesar da violência de uma estreia em 8 assaltos, venceu brilhantemente o hábil e duro Carbajal. Este rápido e preciso a meter as mãos, atrapalhou Costa Rodrigues, no primeiro assalto. O português, valente, reagiu bem, tomou o comando da luta e com fortes e bem colocados «cruzados» da direita, castigou duramente o espanhol, por forma a entusiasmar o público. Daí para a frente Costa venceu todos os assaltos, tendo embora de ladear a valente e dedicada oposição de Carbajal. Muito certa a decisão. Na nossa pontuação demos 39-31 a favor de Costa Rodrigues.

Nos outros combates do programa, o amador Jorge Pessoa, antigo pugilista do Rio de Janeiro e do Benfica, reapareceu, pelo Mouraria e venceu, por inferioridade física, Lança Pires do Estrela da Amadora. Este revelou, mais uma vez, incapacidade física para jogar ao boxe. Para seu bem, deverá ser proibido de tal actividade desportiva.

Julio Delgadinho (União Banheirense) ganhou aos pontos a Carlos Gonçalves (F. C. do Porto) no final de três duros assaltos, em que demonstrou superioridade.

No combate de «Néo-pro» João Nunes (62 kg) demonstrou que está ainda muito «verde». Camtillana (63 kg) mais experiente venceu todos os assaltos com á-vontade e saber. Na nossa pontuação demos 29-25 a favor do sevilhano.

Finalmente, o combate de fundo revelou a clara falta de «fundo» de Carlos Almeida. O pugilista português apresentou-se gordo, lento, sem vivacidade.

Não demonstrou, em nada, os tais três meses de preparação anunciados. Todavia, valente como é, impôs-se a Yanko II, que se revelou um extraordinário encaixador. A toada geral do combate foi lenta. Esta lentidão só quebrou com uns «fogachos» de Carlos Almeida. Nesses momentos as séries de Almeida abalaram Yanko, mas não o fizeram cair. Para isso contribuiu, também, o facto de Almeida não bater no estômago. A falta ou o excesso de preparação fizeram com que o português se mostrasse exausto nos dois últimos assaltos, tendo, até, perdido o nono. A decisão final está certa, pois o nosso pugilista perdeu os quinto e nono assaltos, empatou os quarto, sexto e oitavo, ganhando todos os restantes. Na nossa pontuação atribuímos-lhe 48 pontos e 46 ao espanhol.

Actuaram como árbitros Mariano Pedro, muito oportuno e sensato ao suspender o combate de Lança Pires; Raul Reis, Fernando Almeida e Carlos Alberto, que actuaram bem.

P. A.

O boxe amador português nas Canárias

Parte hoje para as Ilhas Canárias, onde vai efectuar duas sessões a convite da Federação Tenufeña de Boxe, a selecção de Lisboa de boxe. A delegação é constituída por 12 pugilistas, treinador e 3 dirigentes, contando-se, entre os pugilistas convocados, Julio Delgadinho, Manuel Reitor, João Nunes e Orlando Silva que, ultimamente, têm actuado como «neo-prós» com assinalável êxito.

A comitiva é chefiada por Alfredo Amaral, estando a orientação técnica a cargo do treinador Ricardo Ferraz.

FUTEBOL PORTUGUÊS NAS AMÉRICAS

SPORTING — derrota no prolongamento
ACADÉMICA — vitória «à terceira»

Sporting e Académica (duas das quatro equipas portuguesas com «passaporte americano») estiveram ontem, mais uma vez, em acção.

Destinos diferentes: o Sporting perdeu a final do Torneio de Guadalajara (1-2) frente ao Atlas, após prolongamento — e a Académica que cumpriu o seu terceiro jogo no Brasil venceu (2-1) o Coritiba, depois de dois empate nos jogos anteriores.

A derrota do Sporting

Vencedor do Guadalajara por 3-2, na véspera (excelente resultado que lhe deu a presença na final do Torneio de Guadalajara), o Sporting não conseguiu repetir o brilharete contra o Atlas, vindo a perder por 2-1.

De qualquer modo, infira-se que os campeões nacionais venderam cara a derrota, apenas batidos no prolongamento: no final do tempo regulamentar verificou-se um empate a 1 godo com que já terminara o primeiro tempo. Sem falsas desculpas, a altitude de Guadalajara terá tido muita influência no resultado. O Atlas foi o primeiro a marcar, aos 2 minutos, de penalti, mas o Sporting empatou aos 16, por Chico, que fez assim o seu terceiro golo no México (na véspera marcara dois ao Guadalajara).

O golo da vitória do Atlas foi alcançado aos 2 minutos do prolongamento.

Para o 3.º lugar, o Bayer de Munique venceu o Guadalajara (1-1 e decisão através da marcação de grandes penalidades).

A vitória da Académica

Para a Académica, á terceira foi de vez. Defrontando em Curitiba o clube local (que ainda há pouco nos visitou jogando com o Sporting, em Alvalade, onde perdeu por 0-1, os estudantes venceram por 2-1, na sequência de bela exibição. Principalmente no primeiro tempo a equipa de Coimbra desenvolveu magníficas jogadas, fazendo-se aplaudir.

O primeiro golo surgiu aos 19 minutos, marcado por José Manuel, na conclusão de espectacular jogada individual.

O segundo tempo mostrou um Curitiba diferente, para melhor. Mas a Académica não pareceu impressionada e manteve-se em bom plano.

Porém, aos 72 minutos, os brasileiros alcançaram o empate, por intermédio do avançado Ney e, entusiasmados, chegaram, nos minutos seguintes, a apoquentar, sèriamente, a defesa da Académica, que teve, então, oportunidade, de mostrar a sua valia.

Mas os estudantes nunca perderam o tino ofensivo e, a 2 minutos do fim, num contra-ataque muito bem explorado, chegaram á vitória, com um bolo de Oliveira Duarte.

ESTÁDIO NACIONAL

As instalações do Estádio Nacional registaram uma frequência de 7454 praticantes no último mês de Dezembro.

O maior contributo foi do ténis, com 3360, seguindo-se o futebol com 2243 e o atletismo com 1414.

Só estas três modalidades atingiram a casa do milhar. As restantes muito por baixo. A menor frequência foi a verificada em Iniciação Desportiva: 5. Apenas cinco praticantes.

Acontecimentos de ontem

Várias modalidades estiveram ontem em movimento. Vejamos, em síntese, o que se passa:

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação para o Campeonato Metropolitano da I Divisão. Três jogos, o primeiro dos quais não se realizou — tendo o Parede somado pontos por falta de comparência da Liga de Algés.

Nos dois restantes, vitória indiscutível da Cuf sobre o Belenenses, por 5-3 e triunfo tangencial — dificílimo — do Benfica sobre o Oeiras, por 8-7.

Benfica e Parede, ambos com 10 pontos, comandam a classificação.

ANDEBOL — Campeonato Regional da II Divisão. Resultados dos jogos de ontem: C. N. O. C. A.-Madre de Deus, 30-22; Atlético-Cova da Piedade, 22-11 e Oriental-C. I. F., 17-20.

O Atlético segue no comando da tabela classificativa, com 10 pontos de vantagem sobre o C. N. O. C. A.

ESTA NOITE

VOLEIBOL — A contar para o Torneio Aberto de Seniores de Voleibol, o Benfica venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-5, 15-3 e 15-8).

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa de Reservas: Almada-Técnico, ás 20 e 30; Passos Manuel-C. Ourique, ás 21 e 45; e Belenenses Sporting, ás 23, no pavilhão de Campo de Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Técnico-C. I. F., ás 22 e 30, no Técnico; e Oriental Carnide, ás 21, no Técnico.

HÓQUEI EM CAMPO — Benfica-Ginástica Y Esgrima, da Argentina, no Campo Grande, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação para o Campeonato Metropolitano da I Divisão: Paço de Arcos-Sporting, F. Benfica-Salesiana e C. Ourique-Cascais, a partir das 20 e 30.

CIÊNCIAS E TÉCNICAS DA INFORMAÇÃO

SEMINÁRIOS DE APERFEIÇOAMENTO

- jornalistas profissionais
- publicitários
- relações públicas
- adidos de imprensa
- animadores sociais
- pessoal informativo da Administração Pública
- candidatos a estas profissões

☐ ANÁLISE MORFOLÓGICA DA IMPRENSA PERIÓDICA E TÉCNICAS DE VALORIZAÇÃO DA MENSAGEM NOTICIOSA . . . — 24 horas em 4 sessões Janeir./Fever.

☐ TECNOLOGIA DOS MEIOS COLECTIVOS DE INFORMAÇÃO (imprensa, rádio, televisão, cinema, disco) . . . . . — 70 horas em 10 sessões Março/Abril

☐ TEORIA DA NOTICIA E TÉCNICA DO NOTICIÁRIO (técnicas de recolha e tratamento das notícias) . . . . . — 24 horas em 4 sessões Maio/Junho

☐ METODOLOGIA DAS SONDAGENS DE OPINIÃO PÚBLICA E DOS INQUÉRITOS PSICOSOCIAIS . . . . . — 32 horas em 4 sessões Outub./Novem.

OS SEMINÁRIOS SÃO INDEPENDENTES MAS COMPLEMENTARES. O SEU CONJUNTO CONSTITUI UM CURSO ESTRUTURADO.

SInASE s.a.r.l.

Informações detalhadas: Rua Rodrigues Sampaio, 6-1.º, Lisboa — telefone: 56 27 46

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoalh., hall, coz.ª, desp.ª, 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000$00. Mostra a port.ª todos os dias no local Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º. Telefs. 536111/2.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

DISCOTECA BAR BAGDAD

Passe uns momentos agradáveis além da sonhadora decoração — (M. 17 anos)

DANCE AO SOM DE BOA MÚSICA

Visite hoje mesmo — Aberto até de madrugada

Rua D. Dinis, 5-C — Reboleira-Amadora — Tel. 937529

O julgamento do pároco de Macieira da Lixa

PORTO 15 — A quinta sessão do julgamento, em tribunal plenário do rev. Mário Pais de Oliveira, pároco de Macieira da Lixa, no tribunal de S. João Novo presidida pelo desembargador sr. dr. Morais Camarinho, coadjuvado pelos corregedores srs. drs. Pinto Gomes e Góis Pinheiro e tendo como delegado do procurador da República o sr. dr. Dionísio Moreira de Pinho. Advogado da defesa, o sr. dr. José da Silva, deputado á Assembleia Nacional.

Começaram os trabalhos pe a audição privada, no gabinete do juiz-presidente, de duas fitas magnéticas com a gravação de pregação e do arguido, feitas em Maio de 1970 e ás quais assistiram o rev. Pais de Oliveira, o seu defensor e a testemunha de acusação sr. Amadeu de Vasconcelos, que foi quem falou nas referidas gravações.

Estas foram, depois, passadas na sala do tribunal e ouvidas por todos os presentes. O arguido admitiu como correcta a primeira, mas não aceitou o texto impresso da segunda pois muitas partes nem se ouviam.

Foram ouvidos seguidamente, António Marques de Almeida e José Barbosa, os quais confirmaram as suas opiniões e que constam do processo.

O escrivão procedeu, depois, á leitura das afirmações de dois declarantes e de mais catorze testemunhas de acusação daquela localidade.

O julgamento prossegue durante a tarde de hoje.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 8/71

Faz-se saber que no dia 5 de Fevereiro de 1971, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE UMA VIATURA LIGEIRA PARA TODO O TERRENO DESTINADA AOS SERVIÇOS DE TRANSPORTES DENTRO DO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO», com a base de licitação de 75.000$00 (Processo n.º 1/71/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1.875$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, 8 de Janeiro de 1971.

O PRESIDENTE,

Fernando Augusto Santos e Castro

SEJA PROPRIETÁRIO! APENAS POR 150 CONTOS

comprando Apartamentos Mobilados a

J. PIMENTA, S. A. R. L.

A MAIOR EMPRESA INDUSTRIAL NA CONSTRUÇÃO E VENDA DE PROPRIEDADES

14 anos de experiência — 6.000 CLIENTES SATISFEITOS

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos — B.º Comendador Joaquim Matias ● Cascais — Conj. Turístico da Pampilheira ● Reboleira — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)

CONTABILIDADE

Importante empresa de ALGÉS precisa para entrada imediata funcionário/a com experiência de contabilidade geral e mecanografia Eficex.
Só consideramos candidatos que indiquem idade, habilitações, referências e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 690

MOCAR, LDA.

PARTICIPA A TODOS OS SEUS CLIENTES E FORNECEDORES QUE OS SEUS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS MUDARAM PARA A RUA TENENTE ESPANCA N.º 31-1.º, TELEFONES 768107, 768168, 768170 e 761072.

ENGENHEIRO CIVIL

PRECISA-SE PARTE DE TARDE

Com experiência em fiscalização de Obras de construção de edifícios e apreciação de projectos. Resposta pormenorizada a este jornal, ao n.º 689

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	6.2$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série C	—	—	—
Externo 4 ... Série	—	—	—
Externo 3 ... Série C	—	700$	800$
Cautelas 3 ... Série	—	145$	60$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	910$	905$	9 0$
C U F 6% 68	905$	900$	920$
Gás Elect 4% 48	—	842$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect 5% 54	—	835$	—
Gás Elect 5% 58	—	720$	770$
Gás Elect 5% 59	—	720$	770$
Gás Elect 5% 64	—	935$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	930$	945$
H E A Alentejo 5%	—	750$	—
H E Cávado 5%	—	1055$	—
H E Cávado 6%	—	905$	—
H E Douro 5%	—	700$	—
H E Douro 6%	—	905$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	895$	905$
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	760$	—
Lisnave 6%	—	—	905$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	910$	—
Moçambique 5%	—	690$	700$
Nac Elect 5%	—	—	760$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	920$	950$
Sacor 5% 60	—	810$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	740$	—
Sonefe 5%	820$	815$	825$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	705$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	90$	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	70$	72$
U E P 5% 60	—	—	720$
U E P 5% 63	—	820$	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	220$	300$
Boror	—	110$	70$
Buz	72$	71$5	72$5
Cabinda	—	197$	200$
Diamantes Angola	—	2.260$	2.290$
H E Revué	—	655$	665$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	185$	189$
Sonefe n	—	432$	—
Sonefe p	445$	447$	450$
Zambézia	—	77$	78$
Diversas			
Cidla	6.900$	6.850$	6.900$
Cim Leiria	—	4.600$	4.900$
Cim Tejo	—	7.600$	8.000$
Col Navegação	1.635$	1.620$	1.630$
C U F	1.600$	1.600$	1.6 0$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	4.000$	4.000$	4.020$
Petroquímica	1.740$	1.730$	1.750$
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	—	4.100$	—
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	—	660$	680$
Sacor	—	4.000$	4. 40$
Siderurgia Nac	2.440$	2.430$	2.450$
Soce	3.390$	3.380$	3.400$
Tabacos de Portugal	—	—	1.600$
Tabaqueira	—	6.400$	6.600$
U F Azoto	755$	751$	755$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	400$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	400$	—
C . Electricidade	1.210$	1.200$	1.210$
C P Electricidade nom	1.200$	1.190$	1.205$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	1.700$	1.690$	1.710$
Gás Electr	449$5	449$	450$
H E Alto Alentejo	187$5	187$	187$5
H E Norte Portugal	—	245$	250$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	199$	198$	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	20[illegible]9	208$
F [illegible]	—	123$7	127$4

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366065/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47[illegible], ALAP P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.605$	2.600$	2.607$
Alentejo	1.155$	1.150$	1.170$
Angola	3.850$	3.840$	3.870$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	4.700$	—
E Santo	26.000$	25.900$	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	20.000$	19.000$	20.000$
Fomento	2.420$	2.420$	2.450$
L G Açores p	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.300$	6.250$	6.350$
Portugal n	—	3.000$	—
Portugal p	—	—	—
Totta Aliança	5.600$	5.500$	5.600$
Ultramarino n	3.820$	3.820$	3.850$
Ultramarino p	4.150$	4.150$	4.170$
Seguros			
Alentejo	149$5	149$5	150$
Douro	—	—	—
Mundial	1.150$	1.150$	1.160$
Sagres	—	1.900$	2.000$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	785$	785$	788$
Ag Cassequel	615$	612$	618$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	430$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 55 100)

	8/1/71	14/1/71	15/1/71
GERAL	153,9	154,0	154,0
METROPOL.	149,0	149,2	149,2
ULTRAM.	190,0	189,6	189,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 e 2	28$00	28$50
— » de 5 a 20	28$40	28$80
— » de 50 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$50	37$50

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras, Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 — Tel. 231273

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1971

MEDICAMENTOS

(Conc. Público n.º 28/71)

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 13 de Janeiro de 1971

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

ENG.º JOSÉ LUPI

Missa do 1.º aniversário

Sua Família participa que será celebrada Missa sufragando a sua alma, amanhã, dia 16, às 12 horas, na Igreja do Lumiar, e às 19 horas na Capela da Herdade de Rio Frio, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

ENG.º JOSÉ LUPI

Missa do 1.º aniversário

A SOCIEDADE AGRÍCOLA DE RIO FRIO, S. A. R. L., participa que será celebrada Missa sufragando a alma do seu saudoso Presidente do Conselho de Administração, amanhã, dia 16, pelas 12 horas na Igreja do Lumiar, e às 19 horas na Capela da Herdade de Rio Frio.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ

[illegible]

ESTREIA — Hoje, ás 21.30

Technicolor

Um filme de **Anatole Litvak**

A SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA

Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições — (M. 12 anos)

NUNCA FORAM VENCIDOS

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

ESTREIA — Hoje, ás 21.45

Technicolor

Um filme de **Anatole Litvak**

A SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM ÓCULOS E UMA ESPINGARDA

Às 15.45 — Últimas exibições (M. 12 anos)

NUNCA FORAM VENCIDOS

[illegible]

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU A MULHER

Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

MUNDIAL

(Adultos)

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Julie Andrews e Rock Hudson pela primeira vez juntos numa alta comédia musical!

DARLING LILI

Panavision e Technicolor

Uma história de amor... ...escrita com todo o amor!

(Metro: Estação Picoas)

BERNA

(A Av. Marquês de T[illegible])

(Adultos) Tel 776098

Às 15.15, 18.30 e 21.30

13.ª SEMANA DE ÊXITO

Alain Delon e Jean Paul Belmond no sensacional filme de **Jacques Déray**

BORSALINO

DOMINGO, Às 11 HORAS (M. 6 anos)

Outra empolgante aventura de **Walt Disney**, agora passada em Lisboa!

UM MILHÃO DE DÓLARES NUMA COLEIRA

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite

A maior obra de DICKENS

DAVID COPPERFIELD

em technicolor

com **Richard Attenboroughs, Cyril Cusack, Laurence Olivier, Edith Evans e Pamela Franklin**

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel 326305

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA

COM O SENSACIONAL FILME DE ACÇÃO ESPECTACULAR E EXPLOSIVA

OS 6 INVENCÍVEIS

com **Stuart Whitman, Elke Sommer e Curt Jurgens**

Eram assassinos e ladrões... Mas também foram heróis...

DOMINGO, ÀS 11 HORAS — **SESSÃO INFANTIL, com cinema, guloseimas, brindes** (M. 6 anos)

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU A MULHER

Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel 779095

2.ª SEMANA

Às 15.30, 18.30 e 21.45

O filme que devolve ao romantismo o seu lugar de honra!

O SILÊNCIO DO AMOR

com **Marie Dubois e Matthieu Carriere**

EASTMANCOLOR

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

Às 15 e 21 h.

«CHISUM» O SENHOR DO OESTE

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

Às 15 e às 21 h.

MAL D'AFRICA

SÃO JORGE

(Adultos) Tel 54153

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Uma explosão de violência!

CANHÕES PARA CORDOBA

com **George Peppard, Raf Vallone e Giovanna Ralli**

DOMINGO, ás 11 h. da manhã

CINEMA COM CRITÉRIO

A GRANDE PARÓDIA

com **Bourvil, Louis de Funès e Terry Thomas**

Patrocínio do C. C. Católico

Bilhetes á venda - Preço 15$00

VOX

(Adultos) Tel. [illegible]20808

Às 15.15, 18.30 e 21.45

10.ª SEMANA TRIUNFAL

Eastmancolor

O filme decisivo de **Claude Chabrol**

REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO

com **Michel Duchaussoy, Caroline Celier e Jean Yanne**

DOMINGO, ÀS 11 HORAS (M. 12 anos)

Teresa Wright no encantador filme **«UMA AVENTURA NO JAPÃO»** em maravilhoso colorido

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Panavision — Colorido

UM CLUBE SÓ PARA CAVALHEIROS

com **James Stewart, Henry Fonda e Shelley Jones**

SÁBADO E DOMINGO

Matinées infantis ás 18.15 (M. 6 anos)

Um filme extraordinário! A alegria total para as crianças e também para os adultos, com o incomparável génio de CHARLOT

O HOMEM MAIS ENGRAÇADO DO MUNDO

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795286

Às 21 horas

UM HOMEM PARA A ETERNIDADE

Complementos escolhidos de curta metragem.

EDEN

(Adultos) Tel. 320[illegible]08

Às 15.15, 18.30 e 21.45

Um filme dominado pela acção!

5 valentes patifes... e uma missão arriscada

5 PARA O INFERNO

Scope — Eastmancolor

com **John Garro, Margaret Lee e Klaus Kinshi**

CONDES

A 14 16.30, 19 e 21.45

EM 11.ª SEMANA

(Adultos) Colorido

Desenhos animados coloridos

O PASSAGEIRO DA CHUVA

com **Charles Bronson e Marlene Jobert**

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

4.ª SEMANA

A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. [illegible]

Às 21 e 30

A FESTA

com **Peter Sellers, Steve Frauhen e Claudine Longet**

MONUMENTAL

(Adultos) Tel 555131

Às 15 e 21 horas

4.ª SEMANA

Uma história de amor filmada por **David Lean**

A FILHA DE RYAN

com **Robert Mitchum**

QUINZENA CLÁSSICOS

Hoje — 18.45 h. — (Adultos)

SENTIMENTO, de Luchino Visconti, com **Alida Valli e Farley Granger**

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21 e 30

4.ª SEMANA

A VIDA ÍNTIMA DE SHERLOCK HOLMES

LIDO

(M. 12 anos) Tel. [illegible]

Às 21.30

Uma grande interpretação de **Rod Steiger**

WATERLOO

Um espectáculo histórico a não perder!

CHIADO TERRASSE

Às 15 e 21 h (M. 17 anos)

CHAMAM-ME... «MISTER» TIBBS!

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5

Às 15.15 e 21.30

4.ª SEMANA TRIUNFAL!

O CÍRCULO PERFEITO!

Um filme de **Jean Pierre Melville**

O CÍRCULO VERMELHO

com **Alain Delon, Bourvil, Yves Montand, François Perier**

ESTÚDIO

(Adultos)

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Segundo a obra de Dostoiewski um filme de **Robert Bresson**

UMA MULHER MEIGA

ODEON

[illegible]

Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

4.ª SEMANA TRIUNFAL

com a admirável comédia musical

A VIDA É SEMPRE IGUAL

com o famoso ídolo da Eurovisão

JÚLIO IGLÉSIAS

na história de um amor sublime, com a formosa

JEAN HARRINGTON

(Eastmancolor)

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

VILLARET — Às 21 e ás 23: «Sexta-feira, quatro e um quarto» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «O último inquilino» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O preço» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 22: «Breve sumário da vida de Jesus» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na língua!» (17 anos)
A B C — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «Novaio Joe» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Romance em Acapulco» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Uma arma entre mil» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Doze indomáveis patifes» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Com a pedra no sapato» (17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Granada Adeus» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Rudes Paixões» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Mundo Mulher» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Viver um Pouco e Amar um Pouco» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os Espiões Matam em Silêncio» «A Lição Particular» (17 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Mayerling» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um homem de quem em gosto» (17 anos).

Outra Banda

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Um Golpe em Itália» (17 anos).

PORTO

COLISEU — Às 21 e 45: «Alto lá com elas!» (17 anos)
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O vison voador» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 22: «Fim de Festa», pela companhia do T. E. P. (17 anos)
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Doze mais uma» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Traição inverosímil» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Mais escuro do que âmbar!» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Balada do Deserto» (17 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Os cavalos também se abatem» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Aeroporto» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Nem sempre se pode ganhar!» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Doze, mais uma!» (17 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Um clube só para cavalheiros!» (17
AVENIDA — Às 21 e 30: «O Processo» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Clã dos Sicilianos» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Teles, Rua João de Barros, 2 (telef. 638249).

ALCÂNTARA — Nogueira, Rua da Creche, 2 (tel. 631635).

ALFAMA — Nacional, Rua S. João da Praça, 26 (tel. 863632).

ALTO DE S. JOÃO — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (telef. 842518) * **Oriente**, Rua Lopes, 120 (tel. 843381).

ARCO DO CEGO — Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31, telefone 47088).

ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 21-C (tel. 776358) * **Brasília**, Avenida Rio de Janeiro, 66-A (tel. 722358) * **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721) **Avis**, Avenida de Roma, 56-B (tel. 715370).

AREEIRO — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (telefone 774920) * **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (tel. 726462).

ARROIOS — Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (telef. 40471) * **Nunes**, Rua Ângela Pinto, 32 (tel. 49756).

AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, Rua do Salitre, 7 (tel. 46858)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage), (tel. 763107) * **Avenidas**, Avenida da República, 27-A (tel. 533688) * **Império**, Rua Filipe Folque, 40-A (tel. 48002).

BAIRRO ALTO — Vesitas, Rua da Misericórdia, 133 (tels. 324554-327563-4)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (tel. 311216).

BAIXA — Barral, Rua Augusta, 225 (telefones 361534-5)

BELÉM — Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (tel. 631699).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, Lote 2 (tel. 703393) * **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (telefone 780027).

CALÇADA DA BOA HORA — Sepal, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel. 631958)

CAMPOLIDE — Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (tel. 680627) * **Lab.** Rua Rodrigo da Fonseca, 101 (tel. 682333).

CAMPO DE OURIQUE — Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (tel. 671667) * **Castro Fonseca**, Rua 4 de Infantaria, 28-A (telefone 688857).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181).

CONDE DE REDONDO — Ducal, Av. Duque Loulé, 21 (tel. 48946)

ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).

GRAÇA — Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (tel. 862333) * **Rosas & Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (tel. 864351).

LAPA — Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (tel. 667460).

LUMIAR — S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote, 12-C (tel. 790704) * **Alameda**, Alameda, das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790742)

MADRAGOA — Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (telefone 661275).

MARQUÊS DE POMBAL — Ducal, Avenida Duque de Loulé, 21 (tel. 28946).

OLIVAIS — Nova dos Olivais, R. E, (Lote 469 (Olivais Sul) (tel. 316402)

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (telef. 842518).

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs. 728395-720703).

RATO — Janeiro, Aven. Pedro Álvares Cabral, 100 (telefone 661453).

REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (tel. 778953).

SANTA CATARINA — Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (tel. 678896).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Aguiar, Aven. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (telefs. 764196-381185).

XABREGAS — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (telef. 371185).

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto Silva, 8 (T. 212048)

PAÇO DE ARCOS — Irmandade [illegible] (Tel. 2432034).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430090).

PAREDE — Alair, B.º das Caixas de Previdência, Bloco A (T. 2472948).

ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Telefone 261186)

MONTE ESTORIL — Costa Av. Saboia, 29-B (Telefone 260085)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) * **A Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280241).

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (T. 263052).

Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio, 3 (Tel. 9355 8) * **Carmelo**, Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303) * **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (9336 3) * **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 (Reboleira) (Tel. 938703).

DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (T. 99 [illegible]2).

QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 5 (Telef. 950043) * **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 95 [illegible]).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)

MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Misericórdia, R. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980891).

COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA — Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — Pimenta, L. Cons. Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2273021)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, Lg. 5 de Outubro, 6 (T. 270127)

MOITA — União Moitense — Av. D. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO — Higiene — Rua José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).

SESIMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel. 2290[illegible])

SETÚBAL — Normal [illegible] (Tel. 222 6[illegible])

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PORTO

Almeida Cunha, Lda., Rua Formosa 327 (T. 24874) * **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076 (Telefone 41158) * **Barreiros**, R. de Serpa Pinto, 8 (Telefone 40053) * **Clérigos**, R. dos Clérigos, 36 (Telefone 35394) * **Gomes Corneiro**, Rua de Cedofeita, 348 (Tel. 23420) * **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43 (Tel. 60103) * **Guimarães**, Rua de Francos, 37 (Tel. 683739 * **Lidador**, Rua do Lidador, 17 (Tel. 683739) * **Lousada**, L. do Campo Lindo, 62 (Tel. 40353 * **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727 (Tel. 27878) * **S. Roque da Lameira**, Rua S. R. da Lameira, 1111 (Tel. 51739) * **Soeiro**, R. de Santos Pousada, 71 (T. 51374) * **Vasques**, R. das Condominhas, 794 (Tel. 680131) * **Campos**, Rua Pedro Álvares Cabral, 943-Foz (Tel. 680113).

COIMBRA

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) * **Sitália** — Largo da Sé Velha (tel. 23234) * **Luciano & Matos** — Rua da Sofia (tel. 22147).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

FICOU SEPULTADA NO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO

A ESPOSA DO PRESIDENTE DO CONSELHO

O Presidente do Conselho, junto do qual se vê sua filha, acompanhou o corpo de sua esposa até ao cemitério

(Continuação da 1.ª pagina)

ral da sr.ª D. Maria Teresa Teixeira de Queirós de Barros Alves Caetano, esposa do sr. Presidente do Conselho, cujo falecimento se verificou ontem, mas não foi noticiado a pedido do proprio prof. Marcello Caetano.

A saída do féretro (acompanhado por centenas de automóveis), assistiram muitas pessoas de todas as categorias sociais, frente ao edifício da Rua Duarte Lobo, onde reside o Chefe do Governo. Era aguardado, á entrada do cemitério do Alto de S. João, por milhares de pessoas.

A sr.ª D. Maria Teresa Teixeira de Queiros de Barros Alves Caetano encontrava-se doente há muitos anos, não aparecendo em publico. Senhora muito culta, foi a educadora de seus filhos e a companheira dedicada de quase quarenta anos.

D. Maria Teresa de Barros Alves Caetano era filha do grande democrata e homem publico, antigo ministro da Republica, o dr. João de Barros (colaborador e grande amigo do nosso jornal) e da sr.ª D. Raquel Teixeira de Queirós de Barros. Seu avô foi o escritor e homem público, também ministro da República, o dr. Francisco Teixeira de Queirós.

Nascera em Lisboa em 1907, contando, portanto, 64 anos de idade.

Tinha casado com o prof. Marcello Caetano quando este completara o doutoramento em Direito, dedicando-se inteiramente a sua casa e aos seus.

Era mãe dos srs. arquitecto João de Barros Alves Caetano, casado com a sr.ª D. Françoise Alves Caetano, do dr. José Maria Alves Caetano, casado com a sr.ª D. Maria João Alves Caetano, do dr. Miguel de Barros Alves Caetano, casado com a sr.ª D. Maria José Alves Caetano, e da sr.ª D. Ana Maria de Barros Alves Caetano. Era avó dos meninos Filipe, Manuel, Jorge, João, Francisco, José, Pedro, Diogo e Luís Alves Caetano, e das meninas Marina, Ana, Maria João e Rita Alves Caetano.

Era, também, irmã do prof. engº Henrique de Barros, casado com a sr.ª D. Luísa Morais Sarmento de Barros e do falecido engº Paulo de Barros (que foi presidente do conselho de administração da Renascença Gráfica, empresa proprietária do «Diário de Lisboa») casado com a sr.ª D. Maria Antónia do Prado Guerra de Barros.

O Presidente da República apresentou condolências

Só as personalidades oficiais ou ligadas aos meios de Informação souberam ontem do falecimento da esposa do Presidente do Conselho.

Durante a noite, deslocou-se á Rua Duarte Lobo, para apresentar condolências, o Chefe do Estado, acompanhado pela esposa e pela filha. Chegavam, entretanto, muitos telegramas e coroas de flores. Outras entidades ali estiveram, durante a noite.

Pouco antes das 10 horas de hoje, o prior da freguesia de S. João de Brito, padre Adriano Botelho, celebrou missa de corpo presente. O jardim da residência do Presidente do Conselho encontrava-se repleto de pessoas. Além dos presidentes da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa, e do procurador-geral da Republica, viam-se todos os membros do Governo, á excepção do ministro da Defesa Nacional e do Exército (ausente em Angola), que era representado pelo titular da pasta do Ultramar.

O general Humberto Pais representava o Chefe do Estado. Embaixadores e outros diplomatas também estavam presentes, bem como altos funcionários dos departamentos oficiais.

Entre muitas outras entidades e representações que se incorporaram no préstito funebre ou manifestaram o seu pesar, incluem-se os srs. drs. Augusto Sá Viana Rebelo, Veiga de Macedo, Mário Neves, Armando Palma Carlos, Fernando Abranches Ferrão, Miguel Quina Clemente Rigeiro, Quesada Pastor, António Vaz Serra, Baptista da Silva, Pedro Pitta, Azeredo Perdigão, Santos Junior, Jorge de Melo, Manuel Cotta Dias, Correia de Oliveira Neto de Carvalho, Saragga Leal, Francisco Balsemão, Caetano de Carvalho, Castro Fernandes, Vasco Barris Queirós, José Hermano Saraiva e Afonso Marchueta; almirantes Garcia Braga, Noronha Andrade, Sarmento Rodrigues, Henrique Tenreiro, Armando de Roboredo e Lopes Alves; profs. Galvão Teles, Gonçalves de Proença, Leite Pinto, Pinto Barbosa e Vitória Pires; D. Duarte Nuno, conde de Avillez, marquesa de Rio Frio, visconde de Botelho e conde da Ponte; generais Paiva Brandão, Mário Silva e Adriano Augusto Pires; brigadeiros Pinto Bessa, Tristão de Carvalhais e Almeida Fernandes; major Silva Pais; engenheiro Vaz Pinto, Camilo de Mendonça, Santos e Castro, Canto Moniz e Amaro da Costa; conselheiro Albino dos Reis, Francisco Casal-Ribeiro, António Santos da Cunha, Sérgio Geraldes Barba e Jorge Rodrigues; jornalistas João Coito, Manuel Figueira e Luís Lupi; D. Raquel Ribeiro, D. Isabel Fezas Vital e D. Cecilia Supico Pinto; prof. Martinho Nobre de Melo, drs Guilherme Pereira da Rosa e Barradas de Oliveira, e Fausto Lopo de Sarvalho, respectivamente, directores dos jornais «Diário Popular», «O Século», «Diário da Manhã» e «Jornal do Comércio».

Os drs. João Ruella Ramos, do conselho de administração da «Renascença Gráfica» e António Pedro Ruella Ramos, nosso director, representavam o «Diário de Lisboa».

O cardeal-patriarca de Lisboa era representado pelo cónego D. João da Costa (Nova Goa).

O féretro da esposa do Presidente do Conselho, cerca das 10 e 45, saiu da residência com destino ao cemitério do Alto de S. João, onde ficou depositado no jazigo da família de Carlos Augusto Pereira. Cinco carros funerários transportavam flores.

*

A toda a família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão dos seus pêsames.

Representação do Governo espanhol

MADRID, 15 — (F.P.) — O ministro da Planificação, dr. Laureano Lopez Rodo, partiu para Lisboa para representar o Governo espanhol no funeral da sr.ª D. Maria Teresa Barros Alves Caetano, esposa do Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano.

Condolências de Franco de ministros espanhóis e do príncipe Juan Carlos

MADRID, 15. — (F. P.) — O general Francisco Franco enviou um telegrama de condolências ao Chefe do Governo português, prof. Marcello Caetano, pelo falecimento de sua esposa. De igual modo procederam o príncipe de Espanha, D. Juan Carlos de Bourbon, o vice-presidente do Conselho, almirante Carrero Blanco, e o ministro dos Assuntos Exteriores, Gregório Lopez Bravo.

A Imprensa de Luanda noticiou a morte

LUANDA, 15. — (L.) — A Imprensa vespertina de Luanda noticiou a toda a largura das primeiras páginas o falecimento da esposa do Presidente do Conselho, sr.ª D. Maria Teresa de Barros Alves Caetano.

Adiada a recepção na Embaixada de Cuba

Na Embaixada de Cuba, á Av. António Augusto de Aguiar, estava marcada para ontem uma recepção a numerosos convidados por motivo da festa nacional cubana.

Devido, porém, ao falecimento da sr.ª D. Maria Teresa de Barros Alves Caetano, essa recepção foi adiada para amanhã, á mesma hora.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral pouco nublado; o vento era fraco; havia nevoeiro ou neblina em alguns locais e caíam aguaceiros nas regiões a norte do rio Douro.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 6°,6; mínima: Penhas do Saude, —4°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 4°; Penhas Douradas, —1°; Coimbra, 3°; Portalegre, 4°; Lisboa, 5°; Faro, 7° e Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, ÀS 9 HORAS DE HOJE — No atmosfera, 8°,5; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Nas zonas do Norte e Centro, céu com períodos de muito nublado, vento fraco tornando-se moderado de Sul: aguaceiros. Na zona Sul, céu pouco nublado e vento fraco. A partir da tarde de amanhã, céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste, períodos de chuva ou aguaceiros, principalmente nas regiões a norte do rio Tejo.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 39

Dia 19	Dia 26	Dia 2	Dia 10

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 6 e 47 (3,9 m); 19 e 08 (3,6 m). **Dia 16** — 7 e 23 (3,7 m); 19 e 40 (3,5 m). **Dia 17** — 7 e 44 (3,6 m); 20 e 06 (3,4 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 12 e 04 (1,1 m). **Dia 16** — 0 e 17 (1,2 m); 12 e 45 (1,2 m). **Dia 17** — 0 e 45 (1,3 m); 13 e 24 (1,3 m).

Citroën GS.
O CARRO DO ANO
BREVEMENTE EM PORTUGAL

FRANGOS
QUILO 21$90
SUPERMERCADOS AGUIAR
Avenida António Augusto de Aguiar, 68-72
Telefs.: 40863-532831
NÃO DEIXE DE VISITAR A NOSSA SECÇÃO DE TALHO

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Os Cursos de Engenharia no Porto

PORTO, 15 — Os alunos, que, por motivo da recente reforma dos cursos de Engenharia, transitaram para o 3.º ano ou mesmo já se encontram inscritos, e oportunamente requereram a admissão aos benefícios de bolsas de estudo, isenção ou redução de propinas, devem comparecer com a maior urgência, na secretaria da Universidade.

Antigos combatentes

De 18 a 29 deste mês, realizam-se, no talhão privativo da Liga dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João, exumações para a respectiva cripta (duas por dia) dos restos mortais dos antigos combatentes sepultados n.os 840 e 3192 a 3209.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo e nos Sectores e Zonas abaixo indicados, teremos de interromper a corrente eléctrica para efectuar trabalhos de ampliação e reparação das nossas redes, considerados indispensáveis.

O corte de corrente durará apenas algumas horas, a partir do começo da manhã, de modo a causar o menor transtorno possível aos nossos consumidores.

Os Sectores e Zonas atingidos são:

6.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua de S. Julião de 41 a 63. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Praça da Figueira entre as Ruas João das Regras e dos Condes de Monsanto dos n.os 9-A a 13-A. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Cd.ª do Carrascal (parte), Rua do Sol a Chelas e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: AMADORA:** Bairro Janeiro (parte), (poente). (Das 7 ás 15 horas).

2.ª Zona — **VENDA NOVA:** L.ª da Escola, Quinta da Correia, Alto da Venda Nova e imediações. (Das 7 ás 15 horas).

3.ª Zona — **PORTO SALVO:** Rua Casal do Deserto e imediações do campo da bola parte Sul do Bairro Auto-Construção. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **DAMAIA:** Rua Bartolomeu Dias, P.ª das Águas Livres, Av.ª D. João V, Praça Marquês das Minas, Rua Bartolomeu de Gusmão, Rua Godfrei Pop, Av.ª Manuel da Maia, Praceta Padre João Saldanha, Rua S. João de Brito e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Colégio Vasco da Gama, Tala, Baratã, Recoveiro, Carreira de Tiro da Carregueira, Tapada dos Coelhos, Quinta do Malha Pão. (Das 8 ás 15 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Cascais: PAREDE:** Av.ª da Republica, Rua de St.ª Teresinha, Rua de Cascais, e imediações a Norte e a Sul da linha do Caminho de Ferro. (Das 7 ás 15 horas).

7.ª Zona — **AMOREIRA:** Amoreira. (Das 8 ás 15 horas).

8.ª Zona — Zambujal, Bairro Novo de S. Domingos de Rana, Bairro dos Sete Castelos e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

9.ª Zona — **Concelho do Cartaxo:** Cruz do Campo, Cartaxo, Vila Chã de Ourique. (Das 8-30 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Santarém:** Vale de Santarém, Estação Zootécnica Nacional. (Das 8-30 ás 14 horas).

«HUMANISMO APOLÍTICO»

Seis reflexões sobre um discurso ministerial

JOSÉ A. SALVADOR

1 — Importante o discurso do ministro Veiga Simão, tele e radiodifundido na noite de 6 do corrente. Importante e cheio de atinências com as palavras proferidas por aquele membro do Governo, na sessão de abertura da Universidade de Lourenço Marques, em 1969/70, quando, então, aí exercia o cargo de reitor. Como novidade, o ter anunciado para breve a publicação de dois textos, um sobre «o projecto do sistema escolar português» e outro sobre «as linhas gerais da reforma do ensino superior.» Dois projectos que, conforme palavras do ministro da Educação, irão ser submetidos á discussão pública para que se evitem erros e se recolham sugestões e críticas. Do convite expresso á crítica pública resultam, assim, estas reflexões. Do convite á participação de todos os portugueses na discussão resulta o ponto número dois.

2 — *«Não pode vencer-se a batalha da educação sem conseguir a participação de todos os portugueses.»* E como consegui-la? Será praticável no ocntexto sociopolitico actual? Que portugueses? Operários? Empresários? Funcionários públicos? Professores? Estudantes? Sem prosseguirmos na discriminação de sectores profissionais consideramos que só a existência de organismos de representação colectiva possibilitará o exercício eficaz da pretendida participação. Para associações de estudantes ou sindicatos de professores (há pelo menos um Sindicato Nacional dos Professores) não houve palavras durante o longo discurso do prof. Veiga Simão. *«Aos estudantes ouso dizer-lhes: Não tenhais medo, falai claro, as verdades só ferem a má-fé»*, afirmou aquele professor na já referida sessão de abertura da Universidade moçambicana. Pois, é mister que os estudantes falem claro, através dos seus órgãos representativos, as suas associações, a que o senhor ministro se não referiu no dia 6 de Janeiro.

3 — Esta lacuna no discurso ministerial não significará, com certeza, que não caiba no âmbito das «linhas gerais da reforma do ensino superior» *reformar* paralelamente a chamada legislação circum-escolar. Ao contrário, os ventos conjugam-se para que tal legislação impeça inequivocamente qualquer tipo de expressões politicas por parte de professores e estudantes. *«Uma Universidade sectária não é Universidade. A politização partidária no seu seio seria uma desgraça nacional, pois que o sectarismo, qualquer sectarismo, se patenteia sempre, e de si mesmo, o mais poderoso e eficiente inimigo da formação humana e humanista»* — afirmou o prof. Veiga Simão, quando reitor ultramarino. É este espirito humanista, bem vincado na recente alocução ao País, que o Ministério pretenderá defender para a universidade reformada.

4 — Das lacunas dum discurso passemos a analisar algumas novidades do mesmo. O aumento da escolaridade obrigatória de seis para oito anos, é um ponto novo para o edifício escolar português que ainda não goza do pleno funcionamento dos seis anos de escolaridade obrigatória. Oito anos divididos pela instrução primária e pelo ensino secundário. O que em análise rápida significa, que embora se tenha anunciado a reoficialização do ensino infantil («pré-escolar»), este ainda não se *considerará obrigatório* nem básico no «sistema escolar português». As zonas rurais e industriais terão atenção prioritária para a criação deste nível de ensino. Prioridade a que não é estranha a falta de mão-de-obra (quantas mulheres não vão trabalhar por causa dos filhos?) nessas zonas, e, sobretudo, a colaboração de entidades (empresas) privadas. O capital exige já estas estruturas sociais e um «novo» ensino.

5 — «Novo» no conteudo (técnico) e nos aspectos quantitativos. A formação de mão-de-obra qualificada é condição para o aparecimento de investimentos (nacionais ou estrangeiros) e garantia de rentabilidade. As modernas técnicas de produção não a dispensam, e a concorrência internacional não dispensa as modernas técnicas de produção. Por isso se extinguirá o ensino médio especial (Institutos Comercial e Industrial), se criarão Institutos Politécnicos, além de outros estabelecimentos de ensino especial, se procederá ao «alargamento do ensino superior a regiões do País que não as tradicionalmente universitárias», e a Universidade se abre «a individuos de mais de vinte e cinco anos de idade que não disponham de qualificações académicas normalmente necessárias» para nela entrarem, mas que é urgente se apetrechem teóricamente para exercerem as suas actividades. E para que os novos aspectos quantitativos surjam e abasteçam o mercado do trabalho fala-se em democratização do ensino.

6 — Democratização do ensino que é impraticável sem profundas opções politicas. Que é impraticável sem uma radical modificação das relações sociais de produção. Aqui se comprova de novo que a escola não é apolítica, como o seu ensino e a sua vida interna o não podem ser. Não podem, como não são.

MESA REDONDA

Tempo de trabalho nos estabelecimentos de venda ao público

FRANCISCO MARCELO CURTO

1.º — É da nossa experiência corrente que os estabelecimentos de venda ao público continuam a praticar horários de trabalho cada vez mais distanciados do actual (e já de há alguns anos) movimento para a redução do tempo de trabalho. Assim, esses estabelecimentos estão abertos desde as 9 da manhã, às 19 horas, com duas horas de intervalo para almoço, todos os dias da semana (de segunda a sábado) durante todo o ano, excepto aos domingos e salvo os restaurantes, cafés, etc. e farmácias, que continuam a abrir aos domingos.

É sabido que, este sistema de duração do trabalho ou abertura, é cada vez mais diverso do seguido para todas as outras actividades produtivas, excepturando as de laboração contínua.

No entanto, e antes de entrar na apreciação crítica desta situação de facto convém que, dentro dos estabelecimentos de venda ao público, se distingam aqueles que, pela sua própria função de urgência e serviço público, se lhes pode exigir que tenham períodos de abertura contínuos dos que podem e devem ser integrados no grande grupo dos estabelecimentos que servem o público mas sem carácter de necessidade contínua, pelo que também não se lhes deve impor, períodos de abertura excessivos com reflexos prejudiciais nos trabalhadores privados do benefício social e físico que representam os períodos de descanso. Ora, esta realidade de facto, incontestável, é quase sempre desconhecida pelos que usam as grandes

Cont. na pág. 4

PLANEAMENTO FAMILIAR

A Igreja face ao problema social que as novas teorias do planeamento familiar implicam é o tema de uma entrevista que nos concedeu o padre brasileiro Pedro Calderon Bellrão.

Pág. 5

ASSIM VAI O MUNDO

Acordo Comercial Espanha-Hungria

Já foram fixados para 1971 os contingentes de exportação e importação, segundo o novo acordo comercial Espanha-Hungria.

Os contingentes fixados de exportação para Espanha, atingem em algumas mercadorias um milhão de dólares. Entre elas, frutos secos e dissecados, peles curtidas, aço, metais não ferrosos. Abaixo dum contingente de um milhão de dólares, encontramos as seguintes mercadorias que a Espanha exportará:

Para um contingente de 900 000 dólares, — laranjas e tangerinas; de 600 000 dólares, — tripas naturais, fibras sintéticas e lã penteada; de 500 000 dólares, — arroz, vinhos e licores, azulejos e material de transporte.

Foram fixadas para a Espanha 54 mercadorias a exportar num conjunto que varia até contingentes de 100 000 dólares e mesmo de 30 000 dólares, como livros e jornais espanhóis.

Do lado da Hungria foram fixados apenas contingentes de 40 mercadorias. Entre elas, bovinos, carne, ovos, manteiga, conservas de frutas, maçãs, tabaco, especialidades farmacêuticas (500 000 dólares), tecidos, tapetes, porcelanas, aparelhos de televisão (100 000 dólares), tractores (200 000 dólares), películas e discos.

Este acordo protocolar é válido até 31 de Dezembro de 1971.

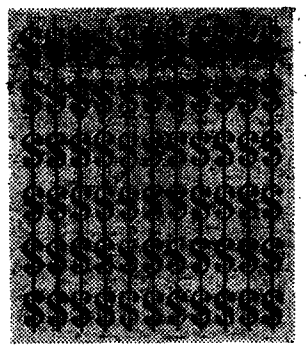
Formidável

Esta transcrição de Garcia Marquez não pretende atirar mais uma pequena acha á fogueira da eterna querela do realismo. O seu objectivo é, antes... repetir uma graça. No meio do «assim vai o mundo» (que vai mal, vai sempre mal) não irá bem uma graça?

«Eu creio que particularmente em «Cien Años de Soledade» sou um escritor espantosamente realista, porque na América Latina tudo é possível, tudo é real. Creio que temos de trabalhar em investigações de linguagem e de formas técnicas de narrar a fim de que toda esta fantástica realidade latino-americana faça parte dos nossos livros e de que a literatura latino-americana corresponda á vida latino-americana onde sucedem as coisas mais extraordinárias todos os dias, como a daquele que fez trinta e quatro guerras civis e as perdeu todas, ou como esse ditador do Salvador, cujo nome não me lembro agora, que inventou um pêndulo para descobrir se os alimentos estavam envenenados e que punha o pêndulo sobre a sopa, sobre a carne, sobre o peixe... Se o pêndulo se inclinava para a esquerda, ele não comia. Se se inclinava para a direita, então comia. E o formidável é que nunca o envenenaram!»

Comboios

O período de 1971-75 será de renovação para os caminhos de ferro argentinos. Oito mil quilómetros de vias férreas serão melhoradas, assim como a sinalização dos sistemas de segurança e as telecomunicações para que os comboios possam circular a maior velocidade. Além disso, prevê-se a compra de 535 locomotivas, e de 595 carruagens para passageiros, enquanto o parque de vagões de mercadorias será renovado ao ritmo de 2000 unidades anuais.



Moedas

Temos chamado a atenção dos nossos leitores para as preocupações manifestadas pelos círculos dirigentes dos Estados Unidos á face dos progressos do Mercado Comum. Hoje, trazemos ao seu conhecimento os motivos por que esses círculos não vêem com bons olhos a adopção do plano Werner.

«No seu último boletim a First National City Bank, de Nova Iorque opina que a criação de um bloco monetário europeu no curso dos próximos anos não é de maneira nenhuma uma ideia quimérica. A criação deste bloco acrescenta o boletim, teria consequências extremamente importantes para o dólar, que se tornaria uma moeda como as outras nas suas relações com as moedas europeias. A existência de uma moeda europeia rival do dólar reduziria os privilégios de que beneficia actualmente a divisa americana como moeda de reserva internacional. Com a competição de um outro pólo de atracção financeiro mundial, os Estados Unidos seriam obrigados a abandonar a política de facilidades praticada desde há muitos anos, que lhes permitiu endividar-se maciçamente e com poucos gastos á face da Europa». (Jacques Mornand).

Congo

No Congo (Kinshasa), a industria da cerveja é controlada por três firmas belgas: a Interbra S. A. de Bruxelas, que está representada no Congo pela «Brasseries, Limonaderies et Malteries do Congo» (Bralima); a Unibra S. A., e a Société de Financement et de Gestion de Brasseries.

No sector dos pneus, está prevista a montagem duma fábrica, por iniciativa da empresa norte-americana «Goodyear Tire and Rubber Co.». Dentro de dois anos a fábrica entrará em funcionamento para produzir anualmente 184 000 pneus. O investimento é da ordem dos 16 milhões de dólares, e a unidade fabril ficará instalada em Kinshasa.

Statu Quo

A meditação dos nossos leitores, este passo de K. S. Karol, a propósito dos recentes motins na Polónia.

«(...) a revolta polaca suscitou antes uma espécie de incómodo no mundo exterior. Já lá vai o tempo em que os ocidentais apostavam nas mudanças na Europa do Leste. Os antigos campeões da guerra fria são hoje partidários da «ostpolitik» de Brandt. e esperam fazer concorrência ao chanceler alemão na sua tentativa de penetração económica no Leste. Quanto á esquerda, que em 1946 punha tanta esperança na destalinização, deixou de crer, depois do drama da Checoslováquia, na possibilidade de uma renovação na U. R. S. S. e nas Democracias Populares. Considerando que todo o movimento popular no Leste da Europa não pode desembocar senão num endurecimento do regime, ela acabou por desejar a manutenção do «statu-

Inflação americana

«Os mecanismos de «contrôle» preconizados por Keynes — orçamento, fisco — já não resultam», afirma John Galbraith. Hoje, o poder dos sindicatos e das grandes empresas é de tal ordem que a sua dialéctica basta a criar e a reproduzir a inflação.

Os sindicatos conseguem obter aumentos de salário que vão além do aumento da produtividade, e as empresas respondem ao aumento de salário com o aumento de preços, diz Galbraith, que preconiza, para as dificuldades norte-americanas, um «contrôle» rigoroso de preços e salários.

A propósito desta receita dizia Priouret há tempos que ela é incompatível com o desenvolvimento de uma economia.

ASSIM VAMOS NÓS

Impostos — I

No seu comentário à lei de meios, publicado no «Diário de Notícias» do último dia 5, escreve Pedro Barbosa a propósito da redução e do agravamento dos impostos: «Não ficaremos com certeza por aqui». (Refere-se ao agravamento) «O pensamento foge, mesmo sem querer, para o que, ainda não há muito, declarava o responsável pelo Planeamento Económico (embora, supomos, não nessa qualidade): — a não serem reduzidos os encargos militares, haveria que rever certamente os impostos.

E' que a dialéctica o desenvolvimento postula também dinheiros públicos e, quando não há disponibilidades, ou é preciso aplicar noutros fins as que existem, impõe-se procurá-las. E ou se cria dinheiro ou o fisco recolhe o que anda na bolsa do particular.

Se não, como financiar os investimentos públicos?»

Impostos — II

Ainda sobre a Lei de Meios, Luis Amado de Passos na «Seara Nova» deste mês:

«Dos três grandes objectivos do Plano de Fomento — aceleração do ritmo de crescimento económico, repartição mais equilibrada do rendimento, correcção dos desequilíbrios regionais — só é retido o crescimento do produto, o desenvolvimento regional recebe palavras de estímulo e conforto e a repartição mais equilibrada do rendimento é contrariada: de facto, as medidas fiscais adoptaas vão traduzir-se numa diminuição de impostos para os contribuintes de maior poder económico (sobretudo para as empresas) com a manutenção, ou agravamento, da situação dos restantes».

Produção

A revista Industria Portuguesa *apresentou, no seu último número, os índices da produção industrial portuguesa relativos a períodos de 1970. Segundo os índices (provisórios) de Junho a Agosto, toda a indústria apresentava um índice mensal em Agosto de 171, enquanto em Janeiro do mesmo ano se manifestara 193. Os mais baixos índices da produção industrial de Janeiro a Agosto, apareciam nas indústrias extractivas, surgindo os mais elevados nas Transformações Diversas e na Electricidade.*

Camas

Num trabalho — «O armamento hospitalar de Lisboa» — de restrita circulação, podem ler-se alguns números que ajudam a ter uma ideia do estado em que se encontram os nossos Hospitais Centrais. A percentagem de ocupação das 5 370 camas era, práticamente, na altura do estudo, de cem por cento. Mais exactamente 94,68 por cento.

Quanto á qualidade das camas, o problema complicava-se. Baseados em indicações anteriores, os autores do estudo, consideram existir 32 por cento de camas boas, sete por cento de camas regulares e 61 por cento más. Em conclusão conclui-se no estudo:

«Dos dados atrás expostos poderá concluir-se que a população de Lisboa dispõe, por 1000 habitantes apenas 1,1 cama susceptível de lhes proporcionar um nível de cuidados adequado».

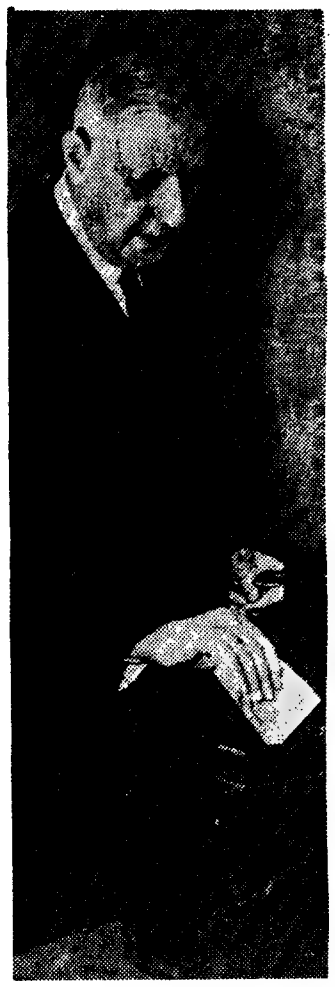
Indústria

O sector de indústrias extractivas em Angola tem registado nos dois últimos anos, uma elevada taxa de crescimento, que se cifrou em 1969, em 66%, correspondendo ao valor de 4063 mil contos. Para este crescimento, contribuiram largamente as seguintes subidas: minério de ferro (70%), petróleo em bruto (228%) e de diamantes (21%).

Críticas

Na II «Mesa-Redonda» sobre industria, realizada em Novembro último, em Lourenço Marques, o dr. Sá Viana Rebelo, um dos intervenientes, declarou: «Face ás acerbas críticas — talvez até certas — ao desenvolvimento da Metrópole, já qualificado de ilógico e de irracional pela excessiva utilização da faixa atlântica e dos pólos das grandes cidades — Lisboa e Porto —, e o quase completo esquecimento do interior metropolitano, parece ser altura, para evitar males maiores, de equacionar uma planificação para os subterritórios do ultramar, que contrarie a natural tendência dos portugueses para a indisciplina e possa orientar da melhor maneira os investimentos a efectuar».

E no Continente, que medidas e investimentos se prevêem para equilibrar o desenvolvimento, até agora macrocéfalo?



A eleição dos Chefes de Estado nos países ocidentais

AMADEU LOPES SABINO

General De Gaulle: o voto directo como arma política para a consolidação do poder

Tal como em 1959, a Assembleia Nacional (dotada de poderes constituintes) discutirá em breve o dilema: eleição do Chefe do Estado por um colégio eleitoral restrito ou por um colégio eleitoral amplo?

Após a revisão constitucional de 1959 (Lei 2100 de 29 de Agosto de 1959) «*o Presidente da República é eleito pela Nação, por intermédio de um colégio eleitoral*» (art. 72.º).

Esse colégio eleitoral (restrito) é constituído:

a) Pelo membros das Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa em efectividade de funções;

b) Por representantes municipais de cada distrito ou de cada província ultramarina não dividida em distritos;

c) Por representantes dos conselhos legislativos das províncias ultramarinas.

Os representantes municipais (esclareceu o Decreto-Lei n.º 43 548, de 21 de Março de 1931) são designados pelas vereações *eleitas* (exceptuam-se pois as possíveis comissões administrativas), e o número dos representantes será, em cada distrito, igual a metade do número das respectivas câmaras municipais.

A eleição faz-se, sem prévio debate, por escrutínio secreto, considerando-se eleito o candidato que no primeiro escrutínio obtiver dois terços dos votos do número legal dos membros do colégio. Se nenhum candidato obtiver essa maioria proceder-se-á a segundo escrutínio, ficando eleito o candidato que obtiver a maioria absoluta dos votos que entrariam se todos os membros do colégio comparecessem ao acto. Havendo de proceder-se a terceiro escrutínio, será eleito o candidato que obtiver maior número de votos.

Os candidatos — esclarece a actual redacção do texto constitucional — serão propostos por um mínimo de vinte e por um máximo de cinquenta eleitores.

OS COLÉGIOS RESTRITOS

A revisão de 1959 inspirou-se nitidamente na solução do «colégio restrito» então em vigor em França (Constituição gaulista de 1958 na sua primitiva fórmula). Uma tal solução é, aliás, a adoptada, no Ocidente, pelos direitos constitucionais que conferem aos chefes de Estado uma posição de representação ou apenas moderadora, afastando o predomínio da função presidencial, normalmente associado à eleição por sufrágio universal e directo (por «colégio amplo»). Assim nas actuais constituições da Itália, da República Federal Alemã, da Suíça e da Áustria.

Em Itália (Constituição de 1948 — art. 80.º a 91.º) o Presidente da República é eleito em sessão conjunta das duas câmaras, na qual tomam também parte três delegados de cada uma das regiões, eleitos pelos respectivos conselhos regionais. Nomeia o Presidente do Conselho e, sob proposta deste, os ministros. Pode dissolver as câmaras.

Dispõe de um veto meramente suspensivo quanto aos projectos de lei votados pelo Parlamento; basta que este se pronuncie de novo por maioria simples para que não possa, quando os projectos lhe sejam de novo apresentados, escusar-se à promulgação.

Na Alemanha Ocidental (Constituição de 1949 — Art. 81.º) o Presidente Federal é eleito por uma assembleia especial, formada pelos membros das duas câmaras do Parlamento Federal e por um número igual de membros para esse fim eleitos, em votação proporcional, pelos parlamentos dos Estados. É eleito por cinco anos e não pode ser imediatamente reeleito senão uma vez; nomeia o chanceler (primeiro-ministro), o Governo e pode dissolver as câmaras; em casos excepcionais, pode sobrepor a sua vontade á do Parlamento, promulgando, a pedido do chanceler, as leis que o Governo considere urgentes e que as câmaras tenham rejeitado.

Com ou sem representantes das regiões ou dos Estados, os colégios «restritos» são fundamentalmente constituídos pelos membros das câmaras legislativas.

O actual sistema não é novo em Portugal, dado que pela Constituição de 1911 o Chefe do Estado era eleito pelas duas câmaras reunidas em sessão conjunta.

Na I República, o presidente tinha «*uma função quase meramente representativa nas relações gerais do Estado tanto internas como externas*» (1).

Eleito por um período de quatro anos em sessão conjunta das duas câmaras do Congresso (Senado e Câmara dos Deputados), não podia ser reeleito no quadriénio imediato àquele em que exercera a suprema magistratura (art.os 38.º e 41.º). (Actualmente, o Presidente da República é, a todo o momento, reelegível). Competia-lhe promulgar as leis votadas pelo Congresso, mas a promulgação era obrigatória, dado que o Presidente não tinha que sancionar as leis nem podia submetê-las de novo ao Congresso (arts. 38.º e 41.º). O Presidente da República não gozava assim do *voto suspensivo* que após 1933 (de acordo com a orientação presidencialista desde então prevalecente) lhe foi concedido.

Ao contrário do que actualmente sucede, o Chefe do Estado não podia dissolver as assembleias políticas ou prorrogar as sessões. Pela revisão constitucional de 1919-21 e no momento em que o parlamentarismo português metia água por todos os lados, o Presidente da República passou a dispor do direito de dissolução (como nos sistemas parlamentares puros se verifica), e a não necessitar da referenda ministerial para a nomeação do Governo. O parlamentarismo da República Portuguesa de 1910 evoluiu assim do sistema de assembleia (em que o legislativo sobreleva face aos outros poderes) para um sistema parlamentar (em que o Chefe do Estado pode arbitrar os conflitos entre o legislativo e o executivo, dispondo portanto do direito de dissolução).

O SUFRÁGIO UNIVERSAL

De acordo com o texto constitucional plebiscitado em 1933, o Presidente da República era eleito (por sete anos tal como actualmente) por sufrágio universal e directo de todos os cidadãos eleitores. O colégio eleitoral abrangia assim todo o eleitorado.

No contexto português, a experiência — de nítida inspiração presidencialista (o Chefe de Estado, legitimado pelo voto popular, passa a dispor de um poder que não é apenas moderador mas que lhe confere a condução dos negócios do Estado, que exercerá pessoalmente ou delegará num Presidente do Conselho) — no contexto português a experiência não é nova.

Retoma o regime instituído pelo decreto de 30 de Março de 1918, que vigorou durante o consulado de Sidónio Pais e de acordo com o qual o Presidente da República era eleito por sufrágio universal e directo, pertencendo-lhe o exercício efectivo do Governo, mediante secretários de Estado por ele nomeados e perante ele responsáveis.

Na República Nova do major dr. Sidónio Pais o presidencialismo era do próprio presidente da República. Na República Corporativa de 1933, o presidencialismo era empiricamente regulamentado, criando-se duas presidências, da República e do Conselho, e deixando-se á prática constitucional o emprestar maior ou menor relevância a uma ou a outra — ou nem a uma nem a outra. O presidencialismo vigente desde 1933 pode pois ser: do Presidente da República, do Presidente do Conselho ou bicéfalo (hipótese de equilíbrio entre ambos).

Assinale-se que o presidencialismo está historicamente associado á eleição do Presidente por sufrágio universal e directo tendo sido sempre transitoria a associação dos colégios restritos a tal sistema político.

O exemplo límpido desta afirmação encontra-se na evolução do direito constitucional francês após 1958.

No primitivo texto da Constituição degaullista, o Chefe do Estado era eleito pelas assembleias. Os seus poderes foram-se, no entanto, acentuando, nomeadamente através do célebre artigo 16.º, que lhe confere, em determinadas circunstâncias poderes excepcionais.

O recurso directo ao eleitorado foi utilizado em Abril de 1962, num plebiscito em que de Gaulle procurou apoio para a sua política argelina.

Em 2 de Outubro desse mesmo ano, o general-presidente tornou pública a sua intenção de consultar o eleitorado acerca do modo de eleição do Chefe do Estado. O referendo de 26 de Outubro instituiu o sufrágio universal.

O Presidente da República Francesa é hoje eleito directamente. Se, no primeiro escrutínio, nenhum candidato conseguir maioria absoluta, haverá segundo escrutínio dois domingos depois, ao qual só se podem apresentar os dois candidatos mais votados.

Semelhante regime procura, segundo o próprio de Gaulle, «*evitar o regresso do desgraçado regime dos partidos*». Mar-

Cont. na pág. 8

ao acaso da rua

Concorda com o sufrágio directo?

Das duas ultimas propostas de revisão da Constituição apresentadas pelos deputados na Assembleia Nacional, uma propunha o regresso á eleição do Presidente da Republica por sufrágio directo dos cidadãos eleitores. Desde 1959 que o Chefe de Estado vem sendo escolhido por um colégio eleitoral. Mais do que inovação, o sufrágio directo proposto pelos deputados é, pois, um regresso, que representará «evolução» ou «continuidade»? Sobretudo a continuidade que foi interrompida por uma década. Sobre a questão, ao acaso na rua, interpelámos alguns cidadãos.

António B. Ferreira

NÃO PASSO CARTÃO...

António Baranita Ferreira, operário com a 4.ª classe, foi o primeiro a dizer-nos:

— *Não tenho ideia disso...*

Disso, de os deputados proporem aquela revisão constitucional.

— Sabe como são eleitos os deputados da Assembleia Nacional?

— *Dessas coisas não tenho nenhuma ideia.*

— Mas, não liga á vida política?

— *Ah?... Não sei... Não vivo disso. Não passo cartão a essas coisas.*

Era em Lisboa. No penultimo dia de 1970. Que nos reservará o ano novo?

José Dias Mendão

NO TEMPO DO NORTON DE MATOS

— *Acho que o Chefe de Estado devia ser eleito pelos cidadãos. Estou de acordo com os deputados que propuseram isso* — declarou-nos José Dias Mendão, motorista, também com a quarta classe.

Inácia L. Almeida

— Como sabe em 1959 o Presidente da Republica deixou de ser eleito directamente pelos cidadãos. Antes disso votou alguma vez pela eleição do Chefe de Estado?

— *No tempo do Norton de Matos, tinha 18 anos, emancipei-me, e assinei*

Cont. na pág. 8

Tempo de trabalho

Cont. da pág. 1

palavras sem terem o cuidado de verificar se elas têm correspondência com uma realidade elementarmente justa.

Na verdade, reconhece-se que em relação ao primeiro tipo de estabelecimento «continuos» digamos assim, poderá aceitar-se a necessidade da sua abertura permanente, embora a necessidade seja de grau diferente nos casos de restaurantes ou cafés e nos de farmácias, por exemplo. Mesmo reconhecendo-se esta necessidade também não poderá negar-se que esta só deverá permitir a satisfação dos pedidos do publico sem prejudicar em grau elevado o repouso dos trabalhadores ao serviço desses estabelecimentos, que levou, como se sabe, á criação de sistemas rotativos de abertura, por zonas nomeadamente em Lisboa.

Para o grande lote de estabelecimentos comerciais de venda ao publico, no entanto, já há muito tempo que nada justifica a manutenção de um periodo semanal de trabalho, de 48 horas, durante seis dias seguidos. E esta verdade é tanto maior, quanto mais se cava o fosso entre os trabalhadores que suportam esse regime de trabalho e os outros trabalhadores. Enquanto que os empregados de escritório dispõem de horários semanais todo o ano de 37, 39 e 40 horas, por vezes sem trabalharem ao sábado, ou ao menos com o sábado á tarde, livre, enquanto que na industria, se assiste á luta pela semana de 40 horas, e há já, em Portugal, casos de horários semanais de turnos com 42 horas (caso CEL-CAT), os profissionais de comércio, os caixeiros, continuam a mourejar 48 horas por semana, sem o sábado á tarde livre, sem remunerações, sem tempos livres para si e para a vida familiar e social. E é isso afinal o que o Sindicato dos Caixeiros de Lisboa vem fazendo desde há alguns meses.

Que diz a lei actual acerca da questão?

O Dec.-Lei n.º 24 402, de *24 de Agosto de 1934*, determina que o periodo de trabalho diário do pessoal dos estabelecimentos comerciais e industriais não pode ser superior a oito horas (art. 1.º), que haverá um periodo diário de descanso, não inferior a uma e não superior a duas horas (art. 10.º), que o pessoal tem direito a um dia de descanso semanal (art. 16.º) e, por fim, que a determinação do dia de encerramento para os estabelecimentos é da competência das Câmaras Municipais, depois de ouvidos os organismos corporativos interessados e sujeita à aprovação do I. N. T. P. (art. 19.º).

Nada disto é novo, antes pelo contrário, e nada disto nos resolve o problema: redução do tempo de trabalho para os trabalhadores ao serviço de estabelecimentos de venda ao público.

QUEM DEVE FIXAR OS HORÁRIOS?

2.º — Passemos ao Projecto de Dec.-Lei n.º 5/X «*Duração do trabalho prestado por força de contrato de trabalho*» que foi apresentado, para apreciação e parecer, à Câmara Corporativa, em 13 de Outubro findo.

O relatório do projecto, acerca do assunto que nos ocupa, limita-se a dizer, no n.º 9: «*O horário de funcionamento dos estabelecimentos de venda ao público, a que a lei chama «periodo de abertura», é determinado pelas Câmaras Municipais e sujeito à aprovação do I. N. T. P.*». E mais adiante: «*Reafirma-se a competência das câmaras municipais para a fixação dos periodos de abertura, definindo-se os critérios a que essa fixação deve obedecer*».

Duas observações desde já: a lei actual (Dec.-Lei n.º 24 402) não chama *periodo de abertura* ao horário de funcionamento dos estabelecimentos de venda ao público. Isto é de somenos importância, mas, por outro lado, a lei actual só concedia competência às Câmaras Municipais para fixar o dia de encerramento semanal dos estabelecimentos e não de fixar o periodo de abertura. Esta terminologia é, pois, nova em relação à lei anterior e não se vê inconveniente em a adoptar.

O que se deve perguntar é o seguinte: porque razão *submeter os periodos de abertura à decisão da câmara municipal e não às partes nos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho?*

Sabemos as razões: a abertura dos estabelecimentos de venda ao público é questão de interesse público e não pode pois ser deixada ao livre jogo de interesses das partes em negociação colectiva.

O Projecto n.º 5/X, refere a questão nos artigos 21.º e 22.º, e aí se reafirma que a fixação dos periodos de abertura é da competência das Câmaras Municipais, *ouvidos os organismos interessados* e sujeitos à aprovação do I. N. T. P. (n.º 2 do artigo 21.º).

E o n.º 4 do mesmo artigo estabelece que, «*o I. N. T. P., pode tomar a iniciativa da fixação do periodo de abertura dos estabelecimentos de venda ao público, quando as câmaras o não façam dentro do prazo de seis meses a partir da entrada em vigor do presente diploma*».

Vejamos que, no primeiro caso, os organismos interessados terão de ser ouvidos. Esta *audição* será de que organismos? Federações? Corporações? Sindicatos? Grémios? A prática passada, do I. N. T. P., indica que os organismos de base, Grémios e Sindicatos, não serão ouvidos, sabe-se lá mesmo se indirectamente, pelas Federações ou Corporações. Neste ponto, não se concordando desde já com o afastamento da solução em Convenção Colectiva, os Sindicatos têm de estar alerta, no sentido de serem eles próprios a provocar e a desencadear o estabelecimento de periodos de abertura de acordo com a sociedade actual.

Veiamos porém, o artigo 22.º do Projecto. Este artigo tem a epígrafe: «*Critérios de fixação dos periodos de abertura*» e o seu n.º 1 diz o seguinte: «*A fixação dos periodos de abertura* deverá ter em atenção os interesses do público, *admitindo-se que esses periodos de abertura sejam diferentes, conforme os ramos de comércio e as épocas do ano*».

É pois neste artigo que vamos encontrar a razão de base do Governo para justificar a fixação dos periodos de abertura pelas autoridades administrativas em vez de serem as partes na convenção colectiva a regular o assunto.

É surpreendente, pelo menos que o Governo subordine a fixação dos periodos de abertura aos interesses do público, sem falar sequer nos interesses dos trabalhadores que prestam serviço nos estabelecimentos. Na verdade, ter em atenção os interesses do público resulta ter em atenção os interesses das entidades patronais, já que é provável embora não seja seguro que, quanto mais tempo estiverem abertos os estabelecimentos mais vendem e mais lucros auferirão as firmas. Mas, ainda que assim não fosse, não é defensável uma opinião que afirme que os interesses do público são os únicos a considerar para se fixar um horário de trabalho, pois que periodo de abertura é, além de outras coisas, essencialmente tempo de trabalho para os empregados. Poderíamos assim cair na hipótese, embora absurda, de os interesses do público imporem um periodo de abertura até às 24 horas, ou mesmo até às 22h. E agora pergunta-se: seja qual for o horário — periodo de abertura a que as câmaras venham a fixar, alguém tem dúvidas de que o interesse do público é o que for o interesse da entidade patronal? Pois que o que interessa ao patrão é que o estabelecimento esteja aberto às horas em que se venda mais. Servido o interesse do público, onde vamos meter os interesses legítimos dos trabalhadores que servem esse público — entidade patronal?

O estudo que se apresenta, vai tentar esclarecer as questões que a seguir se enumeram e propor as soluções que considera justas, legítimas e indispensáveis para os trabalhadores que exercem a sua actividade nos estabelecimentos acima indicados.

- **1.º Situação actual quanto à prática de facto e legal;**
- **2.º O nosso projecto de Decreto-Lei e as soluções preconizadas;**
- **3.º O que tem sido proposto pelo Sindicato dos Caixeiros de Lisboa e a sua proposta actual.**

OS COMERCIANTES ACEITAM O PRINCIPIO DAS 44 HORAS

O projecto n.º 5/X não surpreende. Poderiam os Sindicatos vir a impor horários que não servissem os consumidores? E como poderiam ou haviam de querer uma coisa dessas, se, afinal, vender também interessa aos empregados?

O Sindicato dos Caixeiros de Lisboa e todos os outros similares que têm vindo a reclamar a semana de 44 horas, não se esquecem de que vendem ao público. Sabem é que os empregados do comércio também são público, também são *sociais* e necessitam, e cada vez mais, na sociedade moderna, de dispor do tempo livre em maior quantidade para repouso e cumprimento das suas obrigações familiares e sociais.

3.º — O Sindicato dos Caixeiros de Lisboa tem, na verdade, proposto em todas as Convenções Colectivas que elabora para negociação com Grémios ou empresas, a semana de 44 horas com encerramento dos estabelecimentos ao sábado, às 13 horas.

Nenhum Grémio ou entidade patronal pôs ainda em dúvida a justiça elementar desta reivindicação. Mais: aceitam o principio — semana de 44 horas — só colocando, como condição que todo o comércio passe a encerrar às 13 horas de sábado, para que um sector ou uma empresa não fiquem em condições diminuidas de concorrência.

Em síntese, afirma o Sindicato dos Caixeiros de Lisboa que a semana de 44 horas representa o acesso a um beneficio social que tem vastas ligações com outros sectores profissionais já com semana-inglesa, beneficio que, por outro lado, não importará qualquer diminuição do volume de negócios ou prejuizo importante para as entidades patronais. Acresce ainda que a semana-inglesa permitirá o gose de tempo livre para dedicar à família e à casa, o que no caso das mulheres é por de mais evidente e necessário.

E o certo é que, as empresas aceitam o principio da semana de 44 horas, consideram-no justo mas, levantam dificuldades quanto à sua aplicação prática, quer porque ficariam em posição desfavorável de concorrência em relação às empresas ou sectores que não praticassem a semana-inglesa, quer porque contrapõem a distinção entre o periodo estival do ano e o restante. Para o primeiro aceitam o encerramento às 13 horas de sábado para os meses de Abril a Setembro, enquanto que, para o resto do ano, propõem a abertura às 15 horas de segunda-feira.

Esta a situação do problema, com ligeiras variantes. Qual é a posição actual do Sindicato dos Caixeiros de Lisboa?

Face ao Projecto de Decreto-Lei e às declarações públicas e outras do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, pretende o Sindicato ter a iniciativa no assunto, submetendo-se embora à competência concedida às câmaras municipais e ao I. N. T. P. No entanto, uma realidade é inegável e não pode ser afastada. *Os comerciantes aceitam o principio da semana de 44 horas.* Só resta pô-lo em prática.

Assim, o Sindicato tem vindo a inserir nos textos das suas propostas, cláusulas no sentido de os estabelecimentos virem a fixar horários rotativos diferentes, permitindo que se observe a semana de 44 horas e se respeite o interesse do público que se veja privado do sábado à tarde. Por exemplo, os estabelecimentos poderiam organizar dois grupos de pessoal que trocariam entre si, de semana para semana, de acordo com dois tipos de horário: 9 às 12 e 14 às 18 e outro das 10 às 13 e 15 às 20 horas, de forma a prolongar o periodo de horas e consagrando-se afinal a semana de 44 horas.

Uma coisa é certa: as Câmaras Municipais e o I. N. T. P. não poderão desconhecer ou afastar o principio das 44 horas, já que, para além da sua elementar justiça, ele é aceite e reconhecido como necessário pelos estabelecimentos de venda ao público, a fim de proporcionar aos empregados nesses estabelecimentos o acesso, tardio embora, a um benefício social largamente expandido e que contribui para o bem-estar e o rendimento do trabalho no sector comercial de venda ao público.

F. M. C.

Horários de trabalho e equipamentos sociais: problemas em relação

Entrevista com o padre Pedro Beltrão

Planeamento familiar: Problemática macrossocial

HELENA NEVES

O que é o «contrôle» de nascimentos? Que ideia poderão fazer do problema, a imensa maioria da população mundial? Os contingentes de subalimentados? Os apátridas económica e culturalmente falando?

«O «contrôle» de nascimentos dos pobres é a mortalidade infantil», disse alguém.

Esqueceu-se desse outro «contrôle» marginal: o aborto clandestino, que atinge na Itália, anualmente, 300 a 500 mil vidas cortadas (mais de metade do total de nascimentos). Que ceifa no Brasil cerca de um milhão e meio de vidas potenciais por ano.

Assim surge a política demográfica neomalthusiana que certos países colonizadores conduzem nas zonas subdesenvolvidas, na mira de mascararem o problema de fome. Assim surge a ausência de aproveitamento de recursos naturais e humanos.

Estas e outras questões, como a escolha conscienciafizada de regulação dos nascimentos («ter os filhos que se puderem criar e educar») foram questões abordadas em segunda conversa com o padre Pedro Caldeiron Beltrão. Sociólogo ligado ao Planeamento Familiar, a sua face permanece de esperança. E é também uma face de esclarecimento e combate.

PLANEAMENTO FAMILIAR, PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

MESA-REDONDA — *O padre Beltrão, nas suas obras conferências, tem por diversas vezes, denominado o planeamento familiar como problema social e até como macrossocial. O que entende por tal?*

PADRE BELTRÃO — Entendo por social, um problema que deriva das próprias transformações das funções e estruturas da convivência humana. Um problema que surge logo na situação da pessoa e do seu *status*. Já no plano vivencial de cada casal, aparece a conotação microssocial. A questão de planeamento familiar não se resume a uma atitude pessoal, moral ou religiosa mas insere-se no clima geral de relações humanas. No aspecto macrossocial, isto é, quando transcende o nível de cada casal, atinge a sociedade global, e portanto, os poderes públicos cuja razão de ser é o bem comum em favor do desenvolvimento integral das pessoas. Trata-se, em conclusão, de um problema macrossocial porque a necessidade de regulação dos nascimentos põe-se em termos de saúde pública, exigindo a tomada de medidas gerais de saneamento populacional.

SUBDESENVOLVIMENTO E POLÍTICA DEMOGRÁFICA: SEUS RISCOS

M. R. — Não haverá o risco de certos países, em nome do planeamento familiar, tomarem medidas de limitação demográfica, porque, oportunisticamente inseridos em correntes neomalthusianas, consideram que assim resolverão o problema de carência das subsistências? Não será, segundo a óptica desses países, economicamente mais rentável reforçar a expansão demográfica nas zonas subdesenvolvidas do que impulsionar o desenvolvimento dos recursos naturais?

P. B. — Na verdade, essa coloração malthusiana, há decénios atrás, significava quase a ideia fixa de «contrôle» de nascimentos pelo «contrôle» de nascimentos. Hoje a I. P. P. E., e mesmo os organismos que herdaram a matiz ideológica do malthusianismo estão abertos a outros aspectos do bem familiar, sem se fixarem no «birth-control» pelo «birth-control». Em 1927 tinha-se atingido o climax da impossibilidade do diálogo em relação ao planeamento familiar como o entendemos actualmente. Agora até na Igreja se nota uma tendência para a abertura.

Especificamente ao subdesenvolvimento, penso que se tem de atacar o problema em várias frentes: em primeiro lugar, atingir-se uma agricultura mais eficiente para aumentar as disponibilidades em recursos alimentares. Mas não será assim que se resolverá a questão do número de filhos dos casais. A regulação dos nascimentos deve ser orientada de modo que os casais tenham uma efectiva liberdade de opção, escolhendo ter o número de filhos que podem educar sadiamente.

M. R. — Em relação às zonas subdesenvolvidas, o rendimento anual por habitante é extremamente baixo. Ora, diminuindo a população, através de uma política de limitação de natalidade, podem esses países esperar que o rendimento «per capita» suba, sem que realmente as condições de subsistência atinjam um nível humano?

P. B. — O nível de mera subsistência não é ainda um nível humano! Educar sadiamente é proporcionar uma educação sempre melhor. Quanto mais se desenvolve uma sociedade tanto mais o problema da mão-de-obra se torna qualitativo. A mão-de-obra não especializada está condenada á marginalização em qualquer processo de desenvolvimento. Portanto, urge um esforço de instrução e de qualificação profissional. Tudo custa dinheiro ao Estado; aos poderes públicos e á família, mesmo quando a escola é gratuita. Isto pesa muito nas decisões familiares. Não se trata de um problema de mera subsistência: além do «matar a fome» existem muitos outros aspectos mais do que humanos que são benéficamente influenciados por uma política de planeamento familiar.

PLANEAMENTO FAMILIAR E EMANCIPAÇÃO FEMININA

No que concerne à mulher é toda uma vasta possibilidade de sua participação social, que fica aberta. Muita mulher tem feito em termos dicotómicos, a opção: ou ter um certo número de filhos e ficar necessáriamente limitada na sua actividade social ou reduzir o número de filhos para ganhar uma margem de participação maior, através de uma acção artística, cultural ou sindical.

É uma questão da opção da mulher e, em certos casos, nota-se que há mais resistência do marido do que da mulher, porque ela sente que a possibilidade de regulação da prole é um factor de emancipação que favorece a sua actividade social.

GRITO DE ALARME

M. R. — Como nasceu a BEMFAM (Sociedade de Bem-Estar Familiar do Brasil)?

P. B. — Surgiu em 1965, justamente da tomada de consciência dos médicos ginecologistas e obstetras a respeito do problema do aborto no país. Para preparar a Jornada Nacional de Ginecologia e Obstetrícia a realizar por volta de Novembro de 1965, os médicos lançaram um inquérito hospitalar a propósito do aborto no país. As conclusões foram graves: um milhão e meio de abortos por ano.

Recolheram também dados sobre o aborto na América Latina e particularmente no Chile. Na jornada colocaram o problema em termos de saúde pública, que não podia ser ignorado pela classe médica e pelos poderes. Decidiram então passar a uma acção preventiva do aborto e com essa finalidade fundaram a BEMFAM, pedindo financiamento á I. P. P. F., organização internacional de planeamento familiar com sede em Londres. Em Setembro de 1966 efectuou-se na cidade do Recife o Congresso Nacional sobre Planeamento Familiar. A partir daqui, expandiram-se em muitos estados, associações regionais ligadas á BEMFAM e entrou-se na primeira fase de criação de clínicas piloto, de clínicas padrão de ginecologia e obstetrícia. Actualmente existem mais de 50 clínicas ao serviço da população, apesar de o governo não se ter decidido ainda ao financiamento. A adesão a estas clínicas tem sido estimuladora: uma clientela heterogénea ocorre ás consultas, fazendo bicha de dobrar esquina! Os serviços são práticamente gratuitos. Não há tarifa, a pessoa paga o que quer. E isto por questões pedagógicas. Não se pode deixar o planeamento familiar condicionado á possibilidade económica de cada pessoa. Considero o planeamento familiar como um item de Previdência Social, no sentido de que é necessário para o bem-estar da família, e portanto compete ao Estado criar as condições propícias á saúde e segurança social dos seus membros.

POLÍTICA DE AVESTRUZ

M. R. — Num determinado estádio de desenvolvimento, em que a taxa de abortos é alta, nas acções preventivas não caberá a própria legalização do aborto? Não lhe parece uma solução?

P. B. — Nos seis Seminários sobre Planeamento Familiar, realizados desde 1968, definiu-se uma política de Regulação de Nascimentos. Considerando a regulamentação da prole um direito e, até em certos casos, um dever sancionado pe-

Cont. na pág. 8

A miséria externa justifica a limitação dos nascimentos?

MIRAGENS DA MINHA TERRA — 2

MACIEIRA, LAGEOSA, AVELOSO E ETC.

Ainda a propósito das multas...

Os senhores desculpem, mas disto percebo eu.

Macieira é a minha terra: unhas cravadas nas fragas de S. Macário (em plena Serra da Gralheira) não vá dar-lhe o vento, soprado da Portela, e atiar com a quintanga toda pela encosta abaixo.

Em Macieira (e quem diz Macieira, diz Aveloso, diz Lajeosa — tudo gente vizinha, embora não mergulhando a cabeça na mesma pia: Macieira e Aveloso pertencem á freguesia de Sul e Lajeosa á de S. Martinho) pois em Macieira o estrume p'rás terras é curtido nos caminhos que atravessam a povoação. Na altura própria vai-se ao monte e trazem-se umas carradas boas de tojo e mato. Depois, em frente da porta, faz-se um tapete fofo e as pessoas e os animais passam, a água cai, urina-se-lhe em cima, junta-se-lhe a bosta perdida nos atalhos — tudo junto vai fazendo a alimentaçãozinha das terras.

Pois, em Macieira, em Aveloso, na Lajeosa... (nos lá!) se proibida a divagação na via pública e demais lugares públicos de aves de capoeira, cães sem açaimo e sem coleira»... etc., etc., tal como vem a necessária posturazinha.

Porquê? Ora porquê! Por uma razão de saúde, de higiene e, até, por causa do trânsito.

E a gente a pensar que as galinhas e os cães sempre foram amigos das vacas (que outro trânsito há ali?!) e que pior do que as galinhas, à solta, são os porcos, vivendo com as pessoas, no mesmo compartimento.

Por causa de uma galinha á solta (uma só) as pessoas vêm à Câmara pagar a sua multa. Só os porcos nunca pagaram multa alguma.

JAIME GRALHEIRO

O movim na educ

Helena Neves

Orlando Ferreira

Pedro Onofre

Mesa-redonda em que ... eram os professores de educação física Orlando Ferreira, Vítor da Fonseca, Pedro Onofre, Ana Bela Pita da Silva, Carlota Moniz Pereira e Camacho Lobo. Moderou Helena Neves.

1970, Ano Internacional da Educação, tem sido marcado ... os, por um ... vimento positivo de crítica em que a estrutura tradicional educativa tem vindo a ser ... a em causa nos seus diversos primas. Desta vez, o debate incidiu sobre «Educação Física», ou melhor sobre a necessidade de ultrapassar este conceito através de uma técnica expressiva da própria natureza humana. Mas como a educação é uma, apesar de todos os desucativos esforços da nossa pedagogia parcelante ... m causa a «educação física», é colocar o problema de toda a educação.

MODERADOR — Na medida em que estamos perante um conceito pouco divulgado, gostaria que se debruçassem sobre o significado a atribuir à psicomotricidade como técnica pedagógica e quais as suas relações com as técnicas tradicionais de Educação Física.

ORLANDO FERREIRA — A palavra psicomotricidade aparece associada a várias noções, verificando-se que existe uma grande diversidade nos autores em relação ao seu conceito. Entre as diferentes noções pode referir-se: desenvolvimento psicomotor, perturbações psicomotoras, atrasos psicomotores, técnicas de reeducação psicomotora, etc.

Mais recentemente começa também a ser usada como uma técnica educativa denominada educação psicomotora. De qualquer modo, a palavra psicomotricidade pretende designar o movimento humano e a sua natureza. No entanto, «sabe-se ... almente, que todo o ... mesmo o mais afastado, aparentemente, da vida subjectiva, está submetido de modo directo a ela, mesmo ao nível da execução». O mesmo se poderá dizer de qualquer movimento ou atitude. Portanto, a psicomotricidade deverá ser dirigida «à experiência total do homem, que em todas as condutas, vive o seu corpo e utiliza-o em relações móveis com o meio». Assim a psicomotricidade ... poderá ser inter... como um sector distint... comportamento, mas «a organização funcional do corpo, vivido subjectivamente e que se encontra no centro de toda a conduta humana, quer seja instrumental, verbal ou mental».

SECTORES DE APLICAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE

Quanto aos sectores de aplicação, inicialmente a psicomotricidade aparece associada a determinados sectores reeducativos, em especial, relacionada com as crianças e jovens débeis motores, instáveis e inibidos. Progressivamente veio a ser aplicada aos surdos, cegos, deficientes mentais, doentes motores cerebrais e nos diversos casos de inadaptação escolar (dislexia, disortografia, disgrafia, etc.). Mais recentemente, a educação psicomotora começa a ter um grande significado como um dos meios preventivos de evitar as diversas formas de inadaptação escolar — na medida em que as aprendizagens pré-escolares e escolares implicam um normal desenvolvimento psicomotor da criança — e no domínio de uma pré-aprendizagem de certas actividades profissionais.

MODERADOR — E quanto às relações entre a psicomotricidade e as técnicas ou processos tradicionais de educação física mais usados no nosso País, o que há a dizer?

O. FERREIRA — A esse respeito, verifica-se que «a educação ou a reeducação psicomotora não deverá visar uma transformação passiva e mecânica da actividade muscular, mas pelo contrário, levar a criança ou o jovem a responsabilizar-se de uma forma activa pelo seu corpo e deste modo procurar o equilíbrio da sua personalidade e das relações com os outros». Tanto os exercícios tradicionais de educação física, como as outras técnicas mais utilizadas actualmente com a designação de psicomotoras, que visam a organização e estruturação do esquema corporal a orientação especial, a adaptação temporal, a lateralização, etc., não possuem uma validade em si mesmas segundo um processo ...ático.

LIMITAÇÕES DA APRENDIZAGEM MECANICISTA

Há que considerar não só a maior ou menor validade de adaptação das técnicas de acordo com a idade, motivações, grau de desenvolvimento intelectual, somático, psicológico e social, tipo de perturbações, etc., mas considerar de grande importância todo o contexto em que se realizam as actividades corporais. Deste modo, inclui-se as relações pedagógicas estabelecidas entre o educador ou reeducador e cada criança ou jovem e entre cada um dos educadores, incluindo os responsáveis das outras matérias escolares ou das técnicas reeducativas e o grupo; clima de relações interpessoais existente nos diversos grupos de vida da criança ou do jovem: e o grau de participação e colaboração do meio familiar e sociocultural que envolve o educando.

MODERADOR — Como deverá conceber-se actualmente, o processo de ensino da educação física e da educação ou reeducação psicomotora?

O. FERREIRA — Parece-me que a solução não está numa pedagogia de imitação da cópia de um modelo único apresentado pelo «educador» baseado num processo de aprendizagem mecanicista, mas segundo uma perspectiva em que o educador desempenhe uma função de facilitador da actividade da criança, do jovem e do grupo, de modo a que cada um tome consciência da forma como realiza a sua própria actividade corporal e das inter-relações que estabelece com os objectos, o meio e os outros.

COMPORTAMENTO HUMANO, MELODIA DE MOVIMENTO

MODERADOR — Falou-se já muito de actividade corporal, de actividade relacional. Isso sugere uma questão: qual a importância do movimento no desenvolvimento psicológico do ser humano?

VÍTOR FONSECA — O movimento é uma das formas mais significativas de adaptação ao mundo exterior. Pelo movimento o homem integra em si próprio o seu envolvimento. Ao descobrir o mundo exterior através do movimento o ser humano autodescobre-se. O comportamento humano é uma melodia de movimento, dado que se tem de pensar em movimento como acto orientador de um fim, expressão de uma significação vivida. O ser humano p... -se no ambiente por ... de movimento que traduz profundamente a sua forma de adaptação singular ao meio, realizando por ele a individualidade do próprio meio. É através do período de agitação motora que a criança comunica com o envolvimento, pois o movimento liberta o estado caótico da consciência do ser, no momento do nascimento. O movimento é o que constitui a vida na criança ele concretiza todo o seu comportamento até ao momento da aquisição da linguagem, como focou Wallon. Do movimento difuso e inconsciente a criança passa sucessivamente à intencionalidade do gesto que joga um papel importante nas constantes trocas que estabelece significativamente com o meio ambiente. A criança responde às suas emoções pelo movimento, a partir do qual a criança inicia a elaboração da sua consciência. Depois de um estado impulsivo, a criança interessa-se pelos efeitos que os movimentos lhe produzem estabelecendo desta forma uma ligação entre a sua sensibilidade interior e o seu corpo em movimento. A riqueza sensitiva que o movimento provoca lança a criança no estado sensório motor, efectivado pelas actividades circulares, focadas por Piaget.

A AQUISIÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO NA CRIANÇA

A partir da relação da sensibilidade motilidade desenvolve-se o sentido de orientação e investigação, estudados por Pavlov, que permitem à criança a aquisição do espaço e posteriormente do tempo, a que os psicólogos chamam o estado projectivo, onde a imitação e o jogo constituem os suportes da sua actividade, surgindo aí os primeiros esbocos da representação psicológica que constituem em si a unidade e a totalidade dialéctica entre as funções psíquicas e as funções motoras do ser humano. A importância do desenvolvimento da postura e da preensão são os prelúdios do desenvolvimento psicológico da criança, ligados predominantemente à afectividade. Não podemos esquecer aqui, a importância da mãe, face à necessidade vital e essencial do movimento que é inerente à criança. É o movimento que permitirá a aventura prodigiosa do psiquismo. A motricidade é fundamentalmente uma relação com o mundo. É pela facilitação de experiências motoras e pelas possibilidades de movimento que a criança adquire a noção do eu, à qual estão ligados os problemas de autonomia e autoconfiança de grande importância no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Em conclusão, todas as estruturas cognitivas repousam na motricidade, como elemento profundo de expressão de uma subjectividade, o que caracteriza a dimensão motora e dialéctica de todo o comportamento humano

Ana Bela Pita da Silva

Camacho Lobo

RELAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COM OUTRAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

MODERADOR — Não estará a psicomotricidade incluída na evolução da escola activa de Claparéde e posteriores teorias afins, como a escola de trabalho de Freinet?

O. FERREIRA — Julgo que o conceito referente a psicomotricidade está relativamente dentro da linha pedagógica da escola activa mas insere-se com mais precisão em toda a perspectiva apresentada actualmente pela pedagogia institucional que evidentemente vai basear os seus processos pedagógicos a partir dos dados colhidos nas várias ciências biológicas humanas que hoje têm campo de referência e de investigação muito mais lato do que tinha a escola activa no tempo de Claparéde ou Freinet.

MODERADOR — Na medida em que na experiência pedagógica encetada em Summerhill por Neill, a vida organiza-se na busca da actividade baseada sobre o prazer lúdico e o movimento como libertação corporal, qual a relação com a técnica de psicomotricidade?

PEDRO ONOFRE — Existe de facto uma relação directa: o dinamismo que se gera na educação Psicomotora é o dinamismo Summerhill ou de Freinet dentro do mesmo conceito de escola activa, liberdade de Expressão Espaço-Temporal. Temos mesmo que considerar que até não é correcto falar em Expressão Corporal, uma vez que é todo o ser que se expressa. Isto porque o conceito de motricidade é totalmente adverso a um dualismo mente-corpo. Existe não uma actividade corporal mas uma actividade do ser.

O. FERREIRA — Sem estar a especificar o conteúdo pedagógico da escola de Neill julgo que a relação que se pode estabelecer

...imento ...cação

entre esta e o conceito que se pretende dar à psicomotricidade, é que efectivamente o ambiente que rodeia a criança pretende ser um ambiente facilitador de experiências que ela estabelece com o meio que a rodeia, entendendo-se por meio, a própria natureza, os objectos e os outros. Portanto um ambiente não repressivo, que não impõe modelos rigorosos de expressão, o que conduzirá a criança e o jovem, a estabelecerem, eles próprios, os seus pontos de referência, tornando-se um ser capaz de exprimir as suas potencialidades e ao mesmo tempo tornar-se um ser essencialmente feliz.

A ESCOLA PORTUGUESA TEM FALSEADO A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

MODERADOR — Possibilitará a escola portuguesa essa oportunidade de a criança «se tornar um ser essencialmente feliz»? Ou melhor, que resposta tem dado a Escola Portuguesa à importância do movimento na vida da criança?

PEDRO ONOFRE — O exemplo tipo dado pela Escola Portuguesa, resultante da sociedade em que vivemos, tem falseado a perspectiva da Educação. A Escola tem enquadrado de mais a criança nos seus esquemas estereotipados, não lhe tem possibilitado a autonomia, ao ponto de lhe retirar a expresão, de lhe retirar o movimento. O ensino infantil que existe, ou melhor o que não existe, não está fundamentado no movimento.

No ensino primário não há Educação Física, porque não há Educação Física nos magistérios. No ensino secundário a precária que existe, em quantidade, enferma dos males da Pedagogia tradicional, desconhece a pessoa na sua motivação e liberdade de procura. Penso que a orientação e direcção dada pela Educação Física que estamos habituados a desejar para a nossa miudagem e a que temos assistido, não satisfaz o clima necessário à autonomia: à personalização. Um esquema de lição, mesmo que seja cuidadosamente referido às idades das crianças, será sempre para elas um programa prefabricado e exterior aos seus interesses e necessidades: exercícios construídos, ministrados em repetições e *dressages*, jogos e desportos antecipadamente regulamentados e com pergaminhos históricos que implicam uma religiosa e fanática iniciação desportiva com o intuito de formar campeões e de valorizar — vulgarizando — servindo as diversas especialidades desportivas. Para além de que ainda existe o gravíssimo problema de esse esquema ser imposto a toda a classe e realizado simultâneamente, duma maneira geral igual para todos. Não há lugar para novas criações, oportunas e espontâneas. Ao verificarmos que na Escola Primária não há Educação Física, pensamos que «é o Ovo de Colombo», pôr em prática a regulamentada pelos programas oficiais com uma orientação e direcção ao mesmo nível que as disciplinas do programa de exame. Os programas oficiais não estão certos: conteúdo e forma precisam de ser reformados.

A EDUCAÇÃO FÍSICA QUE EXISTE É INIBITÓRIA

MODERADOR — Depois dessa crítica, como vê o enquadramento da Educação Física na Escola actual?

P. ONOFRE — A grande possibilidade da Educação Física (eu bania essa designação e substituia-a por Expressão Motora), não é de se enquadrar na Escola mas de a pôr em causa. Se a pedagogia escolar se interessar pelo movimento, mas o movimento expressivo, será então modificada a sua estrutura actual, o seu estaticismo, o seu dirigismo, o seu paternalismo atrofiador. A Educação Física que existe não me interessa. Ela não veio trazer nada de novo á pedagogia, mas pelo contrário deixou-se afogar nela. Sujeita a pessoa a um treino de vontade, solicita-lhe o auto-domínio e refreamento dos impulsos naturais, que se catalogam de perigosos, uma inibição permanente por meio de exercícios intencionalmente ditos físicos, ensinando boas técnicas para um máximo de eficácia. Estas boas técnicas são parcelantes, estudam o gesto em sectores independentes que se pensam justapostos depois de anacrónicamente analisados, através de uma aprendizagem pela repetição contrária a uma aprendizagem interiorizada, unificada e unificante.

CARLOTA MONIZ PEREIRA—Não esquecer que a Escola tem aqui um sentido lato. Este problema diz respeito também ao adulto, se colocarmos em causa a sua educação permanente. Relativamente a cada fase de crescimento a pessoa segue uma linha mais ou menos oportuna, consoante a sua necessidade de análise no campo dos comportamentos individual e grupal.

P. ONOFRE — E' uma aprendizagem interiorizada que procuro, que implique o respeito pela criança na sua liberdade de expressão. E porque a descrição mecânica de uma realização motora não basta, pois descobre-se uma realidade global e uma intencionalidade do comportamento ligada á motivação que só a própria pessoa, criança, adolescente ou adultos, está em condições de respeitar. De contrário serão as vivências, as condutas do professor, da escola e da sociedade, sempre exteriores, pré concebidas, que manipularão a pessoa.

A CRIANÇA À DESCOBERTA DO NOVO...

MODERADOR — E então o que propõe?

P. ONOFRE — Não tenho resposta ainda. Ando á procura, mas para já parece-me que deveremos estar disponíveis para quando e como a criança necessitar. Toda a aparelhagem, todo o movimento servirão desde que ela o queira, o assimile, o interiorize e integre as partes do seu corpo numa autêntca inter-relacionação. Quer dizer, uma educação de base, uma motricidade de base em que por intermédio de situações-problemas em diálogo de acções e reacções, a criança vá conquistando novas formas, novos valores «descobrindo o novo».

O movimento em si mesmo não é educativo; para que o exercício possa intervir na vida global e contribuir para o seu desenvolvimento, é preciso que ele seja voluntário, pensado, concreto e controlado. O desenvolvimento da criança será o resultado duma aprendizagem activa, que nada tem a ver com uma simples movimentação e ocupação. A aprendizagem só será activa quando for querida, organizada e descoberta pela criança, num diálogo em segurança entre a criança e os objectos, entre ela e as outras pessoas, de descoberta em descoberta, numa cogestão e participação, numa dinamica grupal, uma expressão motora relacionada em regime democrático, integrando o espaço individual e colectivo. Num diálogo que implique a expressão verbal e gráfica do vivido e consciencializado.

MODERADOR — Qual o papel a desempenhar pelo jogo dentro da perspectiva pedagógica que se pretende defender aqui, atendendo a que em determinadas técnicas de reeducação psicomotora, ele não é considerado como um meio válido educativo?

PEDRO ONOFRE — O jogo terá um significado muito especial na expressão livre e na criatividade mutua, mas desde que as regras não sejam impostas em estilo compendial paternalista, pois o que me parece fundamental é o processo da realização e da descoberta no próprio momento avaliado pela criança quer a nível individual quer de grupo. E isto nada tem que ver com um «deixar fazer» uma vez que a participação natural do educador exigirá, como a qualquer elemento do grupo, uma análise, um juízo, uma crítica do que se passa. Mas todo este problema de Evolução da Educação Física, da Expressão Motora, reside numa opção anterior de concepção de educação, de aprendizagem e de vida humana... Não tem havido uma planificação cuidadosa para uma educação que considere a pessoa na sua unidade. Quero que a Escola rasgue as suas paredes, destrua as suas cadeiras e dê espaço á miudagem para que esta possa começar á procura da sua realização, «a dela», não a outra que a sociedade pensa que deverá ser!

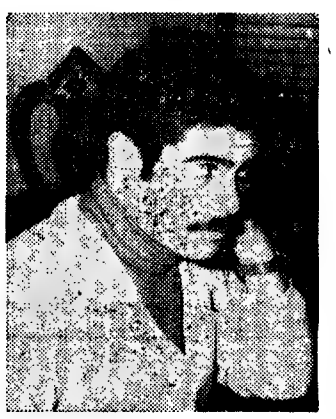
É preciso que a Escola aproveite e promova esta situação «vá ao encontro da espontaneidade da pessoa».

PSICOMOTRICIDADE COMO TÉCNICA REEDUCATIVA

MODERADOR — Falou-se que a psicomotricidade aparece associada a alguns sectores reeducativos. Qual o papel da reeducação psicomotora?

ANA BELA PITA DA SILVA — A reeducação psicomotora surge nos muitas vezes como unica resposta, para compensar os erros de uma educação deficiente. Em muitos casos se a criança tivesse beneficiado de uma verdadeira educação psicomotora, esta seria a suficiente de por si só, levá-la a ultrapassar determinadas dificuldades e não haveria mais tarde, quando essas mesmas dificuldades são suficientemente graves para alarmar os pais, necessidade de recorrer á reeducação psicomotora. Se educar leva um certo tempo, tornar a educar algo que está mal, leva muito mais tempo, porque a reeducação implica um trabalho de destruição de automatismos e descondicionamentos errados, que é sempre demorado e lento. Por vezes, a própria reeducação não pode compensar totalmente os erros de uma educação deficiente, pois entre outros factores, teremos que ter presente a idade do aluno a reeducar. Daqui resulta que uma má educação poderá trazer para o aluno prejuízos que poderão ser irremediáveis.

Maria Carlota



Vítor da Fonseca

CARLOTA M. PEREIRA — Conhecendo se a grande percentagem de crianças com inadaptações escolares, ocasionadas por perturbações não compensadas, torna-se urgente criar centros de investigação e informação para reeducadores.

ANA BELA P. SILVA — Se a educação psicomotora pressupõe por parte do educador uma preparação cuidada e um conhecimento profundo da criança em todos os seus aspectos, afectivo, intelectual, organico e social para o reeducador esse estudo terá de ser ainda mais profundo e constantemente actualizado. Os elementos relacionados com todos os aspectos da criança e os fornecidos pela anamnese, tornam se indispensáveis para o reeducador. A criança é a principal interessada na reeducação e esta depende das possibilidades da sua participação activa.

CARLOTA MONIZ PEREIRA — A formação pedagógica do reeducador não é por si só suficiente para salvaguardar o sucesso da reeducação. A interligação reeducador reeducando, não está subordinada a conceitos preconcebidos.

ANA BELA P. SILVA — Se um educador deve ser aceite pela criança, um reeducador terá que ter a aceitação total por parte dela, e em caso algum deverá ser imposto, porque neste caso, a verdadeira reeducação está completamente comprometida.

O MOVIMENTO COMO PROCESSO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL

MODERADOR — Depois de focado este aspecto, gostaria para finalizar que nos dessem uma perspectiva do significado do movimento como expressão cultural.

CAMACHO LOBO — A perspectiva referenciada contem ao movimento uma dimensão antropogenética, diferente da tradicional, pois o incere num processo de valorização cultural permanente em que o homem, através do movimento toma parte e é tomado como ser — individuo social que está em mutação, maturação e formação. Consequentemente, de um ser situado, com problemas, necessidades e interesses, aos quais terá de responder. Assim, poder-se-á pôr a questão: Como se processa a humanização do homem pelo movimento? Nós diremos, como alguém já referenciou, através da corticalização dele, o movimento, integra se no homem em comportamentos, enriquecendo todas as outras capacidades. De resto, sabemos que ao desenvolvimento mortogenético sucedeu, pelo aparecimento do homem moderno, uma formação ontogenética, cujos comportamentos se têm valorizado e aperfeiçoado sucessivamente, não sendo adquiridos hereditáriamente, como se supõe. Esse enriquecimento, deve-se á forma como ele cria e responde ás agressões e como integra e reestrutura o movimento como expressão do pensamento em capacidades novas, diferentes e superiores, oferecendo-lhes novas possibilidades de participação. Ao estruturar esses comportamentos, o homem valoriza-se porque exprime e integra as operações em si, simbolizando-as e representando-as em dados concretos. Consequentemente, integrando se num processo de maturação e formação permanentes em que o desenvolvimento valoriza todas as suas potencialidades, humanizando-se e diferenciando se do animal, que não se «apropria» dos meios e instrumentos de trabalho, por interiorização, não valorizando a sua expressão. Deste modo, todas as partes se sensibilizam e mobilizam através da expressão — do corpo e gesto — de forma a comunicar o que pensa e sente naquele momento, embora associando os seus elementos, aos elementos criados por outras gerações, através do diálogo e da construção pessoal,

Cont. na pág. 9

Planeamento familiar

Cont. da pág. 5

lo Concílio e que a Humanae Vitae não contradiz, o problema que se coloca é afinal o dos métodos anticoncepcionais a usar. É ponto assente que o método utilizado não deve ser abortivo, deve ser perfeitamente reversível, isto é, não esterilizante, o menos nocivo possível e deve ser escolhido livremente pelo casal. No entanto, como a ignorância não permite uma opção livre, a continuação da política de avestruz que temos seguido, relativamente á questão do aborto, não é de nenhum modo, preventiva ou profiláctica.

A HUMANAE VITAE: SUA INSERÇÃO NA PROBLEMÁTICA DE PLANEAMENTO

M. R. — O padre Beltrão referiu-se à Humanæ Vitæ. Como enquadra esta encíclica na problemática de planeamento familiar?

P. B. — Não tenho dúvida nenhuma de que uma posição tão rígida reduzindo a possibilidade de regularização da prole a um único método, e mais ainda ao método da continência periódica que exige um certo nível de cultura e de sentimento moral e religioso mais apurado, não é funcional sob o ponto de vista sociológico, não correspondendo aos termos da problemática como ela se coloca de facto, hoje. Os teólogos interrogam-se: «Será que não há uma outra solução, uma maior abertura para os métodos que a ciência moderna aceita? Este facto pesou muito na balança da reflexão teológica, uma reflexão que a Humanae Vitae não conseguiu eliminar no seio da Igreja. Aliás o Padre Häring, redentorista famoso, numa obra escrita um ano após a Humanae Vitae diz que não foi intenção do Papa excluir essa pesquisa em torno da questão. Se a Humanae Vitae, em vez de firmar a posição da reduzida minoria dos teólogos da comissão papal, tivesse adoptado a posição maioritária, evidentemente que estaríamos numa situação muito melhor. Acho que já se teria chegado a uma uniformidade de atitudes pastorais. Agora a Humanae Vitae veio perpetuar ainda durante um certo tempo essa grande falta de uniformidade que causa um mal imenso.

A RUINA DA IMUTABILIDADE FACE À EVOLUÇÃO SOCIAL

Já me aconteceu nestas últimas semanas em Roma, encontrar um casal de vida espiritual intensa, mas o facto é que o marido tem um director espiritual e a mulher outro. O director espiritual do marido continua, mesmo depois da Humanae Vitae, a não considerar pecaminoso o método que sam. O director espiritual da mulher, que antes da Humanae Vitae concordava, diz-lhe:

«Me desculpe, mas agora o papa falou e tem de se seguir a norma. No entanto, eu lhe dou sempre absolvição. Como vê, é uma situação anómala.

A Humanae Vitae pretendeu justamente conservar a doutrina tradicional e constatamos que o problema continua, a divergência abunda. Isso talvez leve a experimentar, durante um certo tempo, a outra solução. Claro que se o Papa se manifestasse a favor da posição maioritária, em certos sectores, as pessoas ficariam magoadas, mas de modo algum, a reacção seria comparável á verificada, tanto mais que na concepção eclesiológica dessa pequena minoria, haveria menor possibilidade de dissêncio pois de um modo ou de outro, alinhariam na posição oficial. Esta minoria não conseguiu dar nenhum argumento intrinseco convincente, que justificasse a sua tese. O seu unico argumento era externo: o magistério, a autoridade da Igreja, dizendo que a Igreja sempre ensinou assim e não pode mudar, ou seria um desgaste para a autoridade da Igreja. O resultado foi exactamente o contrário do pretendido. Do seu ponto de vista sobretudo não se poderia pensar em maior desgaste da autoridade eclesiástica.

REGULAÇÃO DA PROLE: DIREITO NATURAL

De outro prisma, a Humanae Vitae teve um efeito muito salutar na Igreja, fazendo reflectir sobre certas condições de exercício do magistério, revivendo uma certa teologia que estava na gaveta. Veja a aceitação da Humanae Generis em 1950 e a da Humanae Vitae, 18 anos depois. A Humanae Generis foi uma encíclica que também veio contrariar certa tendência dentro da Igreja, no que se relaciona com o ensino da teologia, dando origem ao afastamento de grandes teólogos. Pois foi aceite sem dissêncio. Com a Humanae Vitae a atitude do episcopado foi totalmente diversa e muito mais conforme com o espírito cristão, com a estrutura hierárquica da Igreja como Cristo a definiu, já que a aceitação anterior que contribuiu para impor o mito do magistério eclesiástico, até em sectores que não pertencem á Revelação.

M. R. — E este domínio de «controles de nascimentos não pode englobar-se na Revelação...

P. B. — Não se pode, efectivamente, encontrar nas fontes da Revelação nada que seja apodéctico ou, no caso, contrário aos meios anticoncepcionais. As posições que a Igreja vem tomando sobre a lei e direito natural são mais de reflexão filosófica do que teológica. A análise do Padre Häring á Humanae Vitae contribuiu para esclarecer o assunto. Quando se trata de questões de interpretação de lei natural, não é que se negue a competência do magistério eclesiástico de se debruçar sobre a questão, mas não se pode exigir o acatamento da decisão como dogma de fé.

Eleição dos Chefes de Estado

Cont. da pág. 1

cello Caetano escreve significativamente *«A Constituição de 1958 tem permitido estabilidade ministerial e a continuidade política, restituindo à França a prosperidade económica e o prestígio internacional»*. (2)

As instituições republicanas presidencialistas contemporâneas inspiram-se todas elas em maior ou menor grau na Constituição norte-americana e na Constituição alemã de 11 de Agosto de 1919 (Constituição de Weimar).

Segundo o texto constitucional de 1787, o Presidente dos Estados Unidos era eleito por um período de 4 anos por sufrágio universal indirecto. A emenda 22 (votada após a presidência de Franklin Delano Roosevelt) veio esclarecer que o Chefe de Estado só é reelegível uma vez.

Os pacatos burgueses norte-americanos dos fins do século XVIII consideravam que o Presidente da Federação deveria ser suficientemente representativo da Nação e que essa representatividade óptima só poderia ser atingida através de um esquema complicado em que conhecidos votavam em conhecidos que por sua vez votavam em conhecidos... O sufrágio directo parecia-lhes inconveniente

Assim, num dia marcado (primeira terça-feira de Novembro) cada Estado elege a um numero de eleitores presidenciais igual ao numero de senadores e de deputados a que esse Estado tem direito no Congresso.

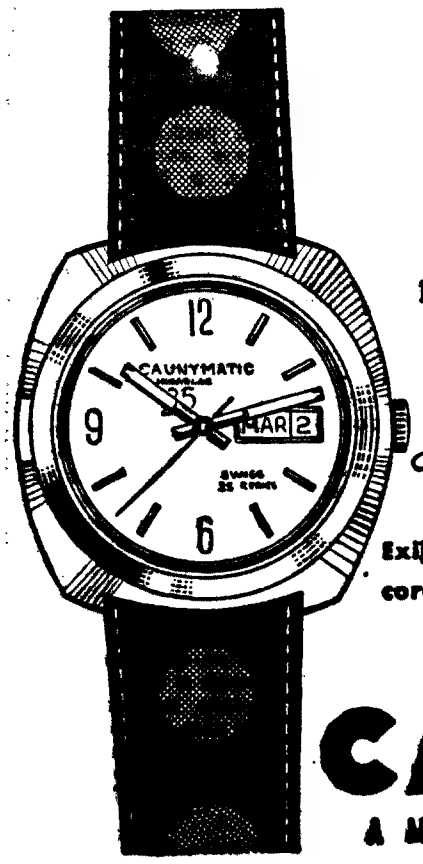
Na terceira segunda-feira de Dezembro seguinte os grandes eleitores reuniam-se nas capitais dos seus Estados e elegiam o Presidente e o vice-Presidente.

O patrocínio dado pelos partidos políticos ás candidaturas veio adulterar os propósitos dos homens de 1787: os cidadãos, para votarem no candidato nacional do seu partido, votavam nos eleitores presidenciais por esse partido indicados. O sistema só aparentemente era indirecto e uma emenda constitucional de 1970 instituiu o sufrágio directo, consagrando a prática constitucional.

Pela Constituição de Weimar — uma das principais fontes de inspiração da Constituição Portuguesa de 1933 — o Presidente da Federação era eleito por sete anos por *«todo o povo alemão»* (artigos 41.º e 42.º). Nomeava o chanceler e o Governo, que no entanto (ao contrário do que a actual Constituição Portuguesa estatui) deveriam dispor da confiança da Assembleia Nacional. Este sistema funcionou com uma forte preponderância do Presidente da República, o marechal Hindemburgo, sucessivamente reeleito — até que este nomeou um chanceler que se chamava Adolf Hitler (1933).

(1) Marcello Caetano. *Manual de Ciência Política e Direito Constitucional* (5.ª edição)

(2) Idem.



DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida
Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa
CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

ao acaso da rua

Cont. da pág. 3

uma lista para a sua candidatura...

— E daí para cá?...

— *Votei da última vez para a eleição dos deputados.*

Voltará a votar para eleger um Chefe de Estado?

SEM OPINIÃO

— *Questões políticas não me interessam muito, de maneira que não posso dar uma opinião.* — Estas as palavras proferidas por Edgar Salvado, recepcionista, com o quinto ano, ainda não tínhamos feito totalmente a pergunta. Mas feita esta confirmou:

— *Não tenho opinião sobre isso.*

— Mas não dá importância á vida política portuguesa?

— *Tenho um interesse relativo...*

Edgar Salvado

VOTO AOS JOVENS

Relativo, registámos.

— Sabe que alguns deputados propuseram recentemente que o Chefe de Estado fosse eleito por sufrágio directo. Concorda com esta proposta?

— *Concordo, sim* — confessou-nos a estudante Lucília Luísa de Almeida a quem perguntámos de seguida:

— Já votou alguma vez? Para a eleição de deputados, por exemplo?

— *Nunca votei. Não tenho idade. Só tenho 19 anos.*

— Nos E. U. A. foi aprovada há pouco tempo uma lei que concede o direito de voto aos jovens com 18 anos. Acha que os jovens devem votar?

— *Acho que sim. Os jovens deviam mesmo votar.*

— Dá atenção á vida política nacional?

— *Dou pouca importância* — afirmou-nos a finalizar aquela estudante, sem explicar o porquê da pouca importância.

Em 1970. Uma mulher em Lisboa. Quantas assim no País?

Divórcio e casamento civil

O «piccolo divorgio» italiano e a revisão da Concordata celebrada em 27 de Agosto de 1953 entre a Santa Sé e o Estado espanhol conferem actualidade á questão casamento civil-casamento religioso. Em Portugal, aliás, a proposta de lei sobre a liberdade religiosa, recentemente apresentada ao Parlamento, permite prever também uma revisão e uma actualização da Concordata. Pareceu-nos assim oportuno recolher elementos acerca dos termos em que o divórcio é ou não permitido (com ou sem instituição da obrigatoriedade do matrimónio civil) nas legislações da Espanha e dos países latino-americanos, onde, tal como em Portugal, a influência espiritual e temporal da Igreja Romana muito se tem feito sentir.

1 — ESPANHA

— A lei de 12 de Março de 1938 derrogou a do matrimónio civil de 28 de Junho de 1932 (II República). A lei de 23 de Setembro de 1939 derrogou a do divórcio (de 2 de Março de 1932 — também II República).

— Ordem de 10 de Março de 1941:

«Os julgados municipais não autorizarão matrimónios civis, a não ser aqueles que deverão ser contraídos por quem não pertença à Igreja Cotólica, provando-se documentalmente a acatolicidade dos contraentes ou, no caso em que esta prova documental não seja possível apresentem os contraentes uma declaração jurada de não terem sido baptizados, de cuja exactidão ficam dependentes a validade e os efeitos civis do matrimónio.»

— Concordata com a Santa Sé (27 de Agosto de 1953): **«o Estado reconhece plenos efeitos civis ao matrimónio celebrado de acordo com as normas do Direito Canónico.»**

2 — MEXICO

— **Lei do matrimónio civil de 23 de Junho de 1859. O divórcio foi constitucionalmente consagrado em 5 de Fevereiro de 1917.**

Fundamentos do divórcio: gravidez anterior ao matrimónio, negativa do dever de socorro e ajuda, acusação caluniosa contra outro cônjuge, perpetração de um delito infamante não político, mútuo consentimento, requerimento injustificado da declaração da nulidade do casamento ou de divórcio, cessação do dever de cobitação.

3 — CUBA

— **Lei de 29 de Julho de 1918.**

Fundamentos do divórcio: condenação penal, delito grave, não contribuição para as despesas familiares, incompatibilidade de carácteres, má conduta, bigamia.

4 — HAITI

— Constituição de 20 de Maio de 1885 e lei de 1 de Junho do mesmo ano.

Fundamentos do divórcio: condenação penal, perda dos direitos civis, mútuo consentimento.

5 — REPÚBLICA DOMINICANA

— Lei de 6 de Maio de 1897: admite o divórcio e a «separação de corpos».

Fundamentos do divórcio: mútuo consentimento, incompatibilidade de carácteres, condenação penal.

6 — GUATEMALA

— **Código Civil de 1877: reconhece a «separação de corpos e bens».**

— Lei de 12 de Fevereiro de 1894: institui o divórcio.

Fundamentos do divórcio: condenação penal, gravidez anterior ao matrimónio, má conduta, denúncia falsa.

7 — EL SALVADOR

— Lei de 24 de Abril de 1894: estabelece o divórcio.

Fundamentos do divórcio: condenação penal e gravidez anterior ao matrimónio.

8 — HONDURAS

— Código Civil de 31 de Dezembro de 1898: institui o divórcio.

Fundamentos: gravidez anterior ao matrimónio e consentimento mútuo.

9 — NICARÁGUA

— **Lei do matrimónio, de 23 de Julho de 1894: estabelece o casamento civil e o divórcio**

10 — PANAMÁ

— **Lei de 22 de Agosto de 1916.**

Fundamentos do divórcio: consentimento mútuo.

11 — COLÔMBIA

— Código Civil de 26 de Maio de 1873: chama «divórcio» à separação de pessoas e bens.

— Lei de 1887: atribui efeitos civis ao matrimónio religioso dos católicos.

— Lei de 24 de Fevereiro de 1898: obriga os católicos á celebração do matrimónio nos termos aprovados pelo Concílio de Trento.

— Lei de 1924: institui o matrimónio civil para os não católicos.

— Lei de 1942: atribui aos tribunais do Estado a competência para julgar os casos de separação entre os esposos católicos

12 — EQUADOR

— Lei de 1895: institui o matrimónio civil.

— Lei de 30 de Setembro de 1910: institui o divórcio por consentimento mútuo.

Fundamentos do divórcio: ameaças graves conjuge, nascimento de um filho de outro homem condenação penal

13 — PERU

— Lei de 4 de Outubro de 1930: obrigatoriedade do matrimónio civil.

— Decreto de 8 de Outubro de 1930: estabelece o divórcio.

Fundamentos do divórcio: má conduta, condenação penal, consentimento mútuo.

14 — BOLIVIA

— Lei de 11 de Outubro de 1911: institui o matrimónio civil obrigatório.

— Lei de 15 de Abril de 1932: institui o divórcio.

Fundamento do divórcio: consentimento mútuo.

15 — CHILE

— Lei de 10 de Janeiro de 1884: estabelece o matrimónio civil e a separação, a que chama divórcio.

Fundamentos da separação: condenação penal (a avareza do marido e os maus tratos são causas de separação temporária).

16 — ARGENTINA

— Lei de 26 de Outubro de 1907: institui o divórcio.

Fundamentos do divórcio: condenação penal, consentimento mútuo, vontade unilateral da mulher, desde que tenham decorrido dez anos após a celebração do matrimónio.

17 — URUGUAI

— Lei do matrimónio civil: só admite a «separação de corpos».

— A lei do divórcio, promulgada por Perón em 22 de Dezembro de 1954, foi derrogada em 1 de Março de 1956.

18 — BRASIL

— Decreto de 24 de Janeiro de 1890: estabelece o divórcio e a obrigatoriedade do casamento civil.

19 — VENEZUELA

— Decreto de 1 de Janeiro de 1873 e Código Civil de 1873: estabelece o matrimónio civil.

— Decreto de 9 de Abril de 1904: estabelece o divórcio.

Fundamento do divórcio: condenação penal

O movimento na educação

Cont. da pág 7

e não através de uma cultura impessoal, exterior a si e adquirida por fixação, cujos elementos têm carácter estático, específico e selectivo, e á qual só uma minoria tem acesso. Desejamos antes, que a cultura seja algo mais, e constitua parte de si mesmo (do próprio individuo), tornando-se extensa a todos a partir do que cada um, individualmente, experimenta e constrói, e não a partir de situações que lhe são indiferentes. Ele tem que estar inserido no próprio movimento de cultura — na sociedade e civilização — contrariando os efeitos altamente desumanizantes das técnicas e propegandas pseudocientíficas. O enriquecimento por outro lado deve ser fruto da conquista realizada pela própria espécie, de forma a relacionar-se com todos e tudo o que a rodeia.

O MOVIMENTO COMO PROCESSO DE PROMOÇÃO SOCIAL

Tal perspectiva tem uma outra característica, de não menor interesse, já que dimensiona o movimento como um processo de promoção social, contrariamente a uma acção cujos intentos são, fundamentalmente, os da promoção competitiva, segregacionista e especulativa, em detrimento da valorização e humanização do ser. Assim, em relação aos meios de actuação, pensamos que o movimento se insere antes de mais na problemática da expressão. O. d. relacionado com uma acção educativo-formativa permanente, que garanta e assegure a todos, sem excepção, condições de trabalho e formação na escola e depois dela, de forma que todos se sintam directamente implicados no processo valorativo, prolonguem, fora da actividade profissional e do trabalho, a sua formação; permitindo a integração e adaptação dele á sociedade em que vive. Isto é, facilitando as relações em todos os domínios da vida de relação (FAMILIA, ESCOLA, TRABALHO..., COMUNIDADE) possibilitando-lhes á sua promoção social, cultural e económica, a organização e aproximação das infra estruturas que necessitam para tal formação.

PEDRO ONOFRE — É para isso que devemos caminhar o mais urgentemente possível. O desporto português não tem sido perspectivado e organizado com uma dinamica respeitadora da Pessoa, a nível individual e grupal. A Pessoa tem servido as técnicas desportivas e a sobrevivência das diversas especialidades no intuito de forja de campeões e representatividade nacional e internacional. Não há, como não há também em todos os sectores uma estrutura que garanta uma formação permanente que personalize e empenhe a pessoa.

Parece me urgente abordar numa próxima mesa-redonda o Desporto como Problemática e Sociocultural.

«MIDA»

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

SERRA CIRCULAR AUTOMÁTICA
Modelos 400-500-600

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF 44147)

10.000 DISCOS GRÁTIS

OFERTA JOVICA

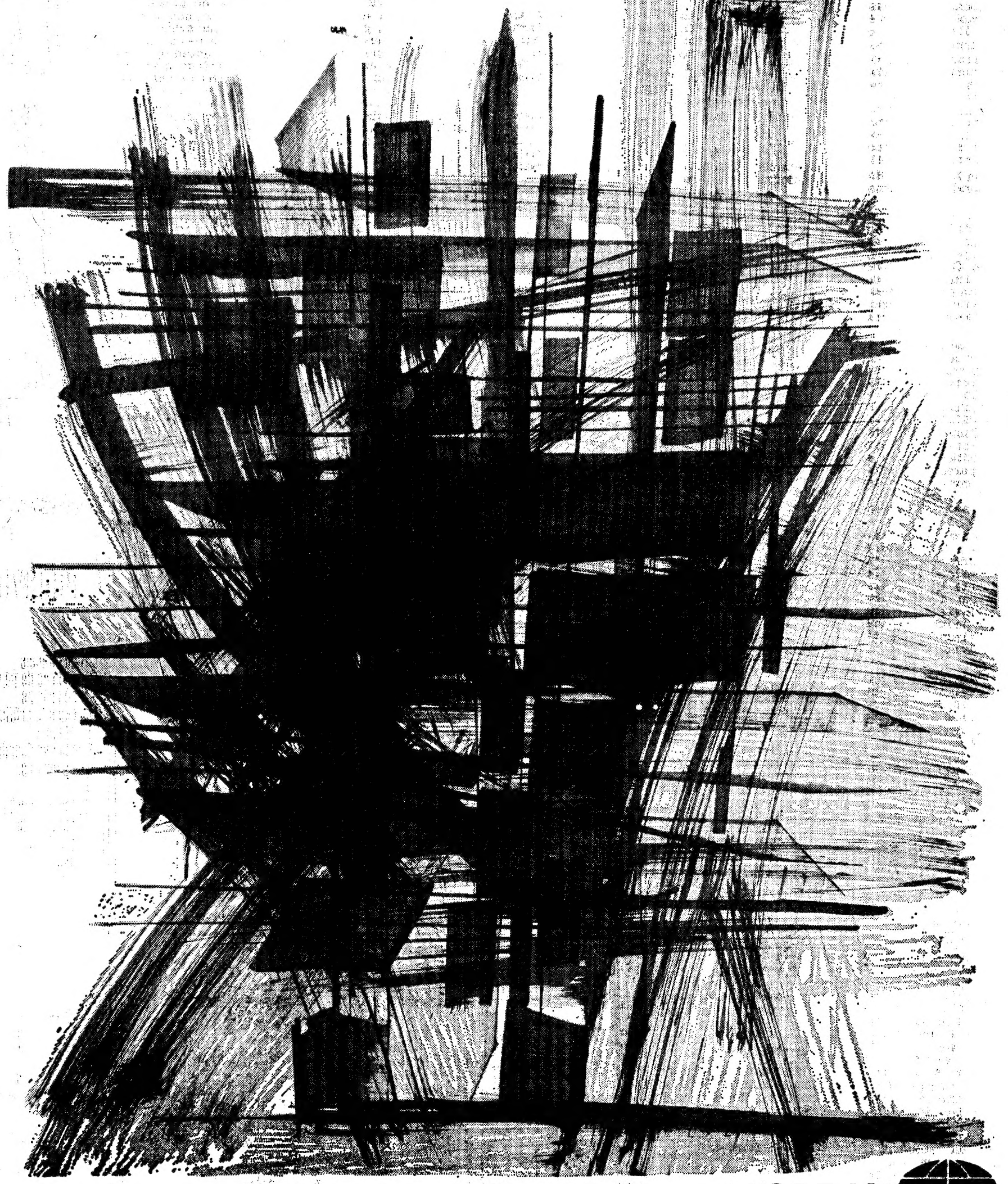
A JOVICA, ao inaugurar as suas secções de Disco, em colaboração com A GRANDE FEIRA DO DISCO, oferece a todos os seus clientes de discos 10.000 completamente Grátis.

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-D — Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro 53 C — Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

com o mar aprendemos a construir novos horizontes



SOCIEDADE GERAL SG

d

espelho da imprensa

Dar de beber a quem tem sedes

ARTUR PORTELA FILHO

«Há, neste momento, neste País, duas instituições que perseguem objectivos de envergadura semelhante — uma é o Governo, a outra é a SEDES.

Na verdade, a tarefa que se impôs a SEDES é imensa. No espaço: o País. No tempo: o Futuro.

O Governo assume profissionalmente estes domínios. A SEDES assume-os vocacionalmente. Há, porém, duas diferenças. Primeira: o Governo é, sempre, o Executivo. Segunda: foi o Governo que autorizou a SEDES.

Há uma hierarquia. Há uma prioridade. Há uma selecção.

Dir-se-á que das 147 personalidades que lançaram os alicerces da SEDES apenas 2 fazem parte do Governo. Pode dizer-se isto mesmo de uma forma completamente diferente — dois membros do Governo estão na SEDES.

Claro que a sua participação é a título meramente pessoal. Embora se veja, depois, que a SEDES não pensa e executa problemas pessoais. Nem a SEDES nem o Governo. Como o Governo tem, naturalmente, um plano político global e a SEDES parece ter outro — será curioso considerar os dilemas que, em muitos casos, devem estalar.

A não ser que — não sendo — a SEDES seja um partido político. Político «malgré lui». Do que resulta termos, contando com a Acção Nacional Popular — dois partidos políticos. Do que resulta vivermos em bipartidarismo.

Não?

Existindo a Acção Nacional Popular, para que serve a SEDES? Existindo a SEDES, para que serve a Acção Nacional Popular?

E — fundamental — qual o objectivo do Governo ao autorizar a SEDES?

Conhecendo-se, como se conhece, o tacto político do Primeiro Ministro, podemos tomar como certo que a homologação da SEDES tem um peso e uma oportunidade. A SEDES surge porque quis e quando quis — mas também porque a deixaram querer, agora. A homologação da SEDES é, provàvelmente, um fenómeno político muito mais importante do que a própria SEDES.

Será a SEDES um partido político involuntário? E se é um partido político voluntário, de quem é a vontade, e para quê? A «nuance» liberal, o rasgo dinâmico — definem um centrismo talvez tecnocrático, provàvelmente neocapitalista. O que é, em termos da actualidade portuguesa, um paraesquerdismo, o que se pode, traduzir, fundamentalmente, por um lado num bloqueio das tendências direitistas, por outro, num bloqueio das tendências progressistas.

Nada prova o excessivo reconhecimento da SEDES por quem a homologou. Mas também nada prova a sua hostilidade. Pelo contrário, a participação de dois membros do Governo demonstra que nem eles nem a SEDES consideram essa adesão uma incoerência. E uma inconveniência. Ou seja, o pensamento do Governo e o pensamento da SEDES — não sendo necessàriamente idênticos — não são, evidentemente, contraditórios.

E, no entanto, a SEDES abre, no panorama político português, um esboço de dinâmica, uma sugestão de dialéctica. Dinâmica, que, adentro da calmia, poderá constituir um laivo de atracção. Dialéctica, que, adentro de um monólogo frio, poderá representar um traço de excitação.

A política ou é acção ou não é nada. Para as massas é, também, um mecanismo lúdico. Isto sabem-no todos. Daí a oportunidade da homologação da SEDES.

Entretanto, por homologar, outras tendências perdem, cada vez mais, o contacto com as realidades e a oportunidade do exercício da vida política. Esse afastamento — que todos sabemos involuntário — torna-se cada vez menos válidos como interlocutores e como alternativa.

O degelo da vida política portuguesa, que parecia autorizar algumas esperanças a essas tendências, está, paradoxalmente, a ser-lhe fatal. Antes, o dilema era muito claro e os excessos de uns tornavam os outros automàticamente positivos. Hoje, detidos os excessos, dinamizada a acção de quem pode exercê-la — essas tendências perdem o pé. E perdem a mão.

O papel que essas tendências têm a desempenhar neste País mesmo ao nível de diálogo efectivo, torna-se cada vez menos viável. O reformismo, hábil, realiza a descompressão. Ultrapassa os outros no ímpeto, na iniciativa, no domínio dos meios audiovisuais, no exercício e tecnologia.

E, no entanto, para quantos crêem nestas coisas irrecusáveis que são o Homem e a História, tudo isto é um adiamento. Um minuto não tem trezentos e sessenta e cinco dias. Nem há minutos bissextos.»

in «Jornal do Fundão»).

A hora do realismo e o realismo da hora

Empilham-se sobre a nossa mesa de trabalho jornais e revistas. Folheamos uma ao acaso. O *Express* de 2 de Novembro.

FRENTE A FRENTE (programa da Televisão Francesa): GEORGES SEGUY (secretário-geral da C. G. T.) e FRANÇOIS CEYRAC (vice-presidente do Conselho Nacional do Patronato Francês). Reza a notícia: «Expectativa defraudada. Não que os actores não tenham estado à altura dos papéis. Simplesmente, quer um quer outro participam da sociedade de hoje. Um universo prosaico, mais contratual do que revolucionário, não pela vontade de Mr. Jacques Chaban-Delmas, mas pela vontade mais rude, da natureza das coisas» (...) «Mas George Seguy e François Ceyrac pesam ambos as palavras: entre um responsável sindical e um patrão sueco, o debate não teria sido muito diferente. É um sinal».

Muito significativo aos olhos do *Express*, pois algumas páginas adiante, Mme. Françoise Giroud, na sua crónica semanal, faz do debate Séguy-Ceyrac o ponto de partida para as suas habituais considerações «mi-filosóficas, mi-políticas», interrogando-se sobre se o «universo prosaico» que o «frente a frente» dos representantes do trabalho e do capital anuncia, constituirá o... «sentido da vida».

E do «sentido da vida» passa Mme. Giroud ao esquerdismo.

Mme. Giroud concede-lhe que as condições de existência e de trabalho têm sua importância — «muita importância» — «para além dos salários e paralelamente a eles». Mas por outro lado acusa-o de reforçar, objectivamente, o conservadorismo.

Escreve o cronista do *Express:* «Dando à revolta contra «a vida», a vida sem objectivo e sem significação, a máscara de uma revolta contra a sociedade, eles desconsideram a luta prosaica contra os aspectos mais contestáveis da organização social. Pior. Ridicularizaram a esperança, vestindo-a dos ouropeis da utopia».

Querendo muito (senão tudo), o esquerdismo desinteressar-se-ia e levaria muita gente a desinteressar-se do possível, quer dizer, de uma luta política eficaz.

Tiramos outra revista. O *Triunfo* da mesma semana. E deparamos na página de E. Haro Tecglen com: «As situações de hoje — que amanhã poderão envenenar-se — tornam possível supor-se que em alguns anos — dezenas?, unidades? — os regimes dos Estados Unidos e da U. R. S. S. se aproximarão muito, se assemelherão bastante. A linha de presidentes norte-americanos Johnson-Nixon e algum que possa sobreviver parece uma última trincheira de defesa do capitalismo clássico, como a linha Kruchtchev-Kossyguine-Brejnev está do outro lado do comunismo revolucionário. Talvez algumas das novas revoluções estejam já incorporando — dentro dos seus próprios mecanismos económicos e das suas características nacionais e geográficas — esses novos regime do futuro. Que, por sua vez, atrás da exploração dos «guardas vermelhos», atrás do êxito das suas bombas e dos seus mísseis atómicos, oferece uma singular dissociação entre teses revolucionárias e actos revolucionários, como se se encaminhasse também para o mundo possível que, nas suas diatribes como nas suas negociações, vem a ser o esquema final que os Estados Unidos e a União Soviética configuram, e não só ao nível dos seus dirigentes, mas também ao das aspirações das suas populações e dos seus aliados na actualidade».

Até as revoluções se conservadorizam, sob pena de não serem possíveis...

Não há dúvida, parece que a hora é dos *realistas*.

Se bem que (Geismar, Davis...) haja ainda, ou já?, — haja sempre os que não querem ser os realistas da hora.

Problemas do Zambujal

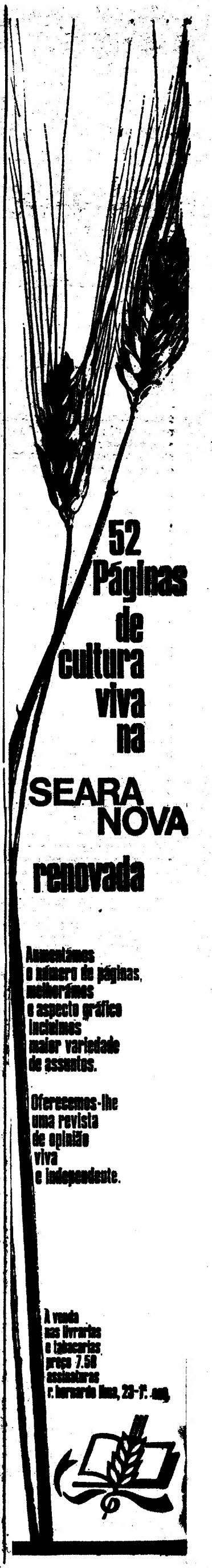
Com sessenta assinaturas, foi-nos enviada uma carta de habitantes de Zambujal, concelho de Loures, povoação na qual fizemos uma reportagem oportunamente publicada neste suplemento.

Mais do que os agradecimentos que nos são dirigido (limitámo-nos a cumprir a nossa missão!), importa salientar que os problemas levantados naquele nosso trabalho se mantêm tristemente actuais, como comprova o texto subscrito pelo povo de Zambujal:

«Os habitantes da povoação do Zambujal, do concelho de Loures, vêm por este meio agradecer a V. Ex.ª a maneira clara como foram apresentados os problemas da aldeia, em reportagens dos dias 25/11/70 e 27/11/70, respectivamente, sobre a ponte do rio Trancão, no jornal de 25/11/70 e sobre a escola primária, a falta de água, rede de esgotos e pavimentação das ruas dentro da aldeia, na «Mesa-Redonda» do jornal de 27/11/70.

Aproveitamos a oportunidade para salientar mais uma vez que continuam sem solução os problemas de abastecimento de água (com intermináveis bichas à volta das fontes que alimentam a população), o da rede de esgotos ainda inexistente, continuando as canalizações abertas para a via pública, estrumeiras que afectam a saúde pública, pavimentação das ruas dentro da aldeia, e o da ponte sobre o rio Trancão que continua a ser um ardil para qualquer pessoa que a tenha de utilizar.

Os abaixo-assinados reconhecem e agradecem a atenção dispensada por V. Ex.ª, fazendo votos para que o «Diário de Lisboa» continue pugnando pelos legítimos interesses e necessidades mais prementes das populações rurais».



52 Páginas de cultura viva na SEARA NOVA renovada

Aumentámos o número de páginas, melhorámos o aspecto gráfico incluímos maior variedade de assuntos.

Oferecemos-lhe uma revista de opinião viva e independente.

À venda nas livrarias e tabacarias preço 7.50 assinaturas r. Barata Lima, 23-1.º esq.

Há um público popular para o Teatro?

A pedido da U.N.E.S.C.O. e com o seu apoio financeiro, o Instituto Internacional do Teatro acaba de proceder a um inquérito sobre o teatro popular. Setenta e seis personalidades teatrais de quarenta e seis países foram consultadas, tendo participado no recenseamento estabelecido trinta e sete Centros do I. I. T.

A síntese destes trabalhos deu nove capítulos a publicar ulteriormente. Apresentamos a seguir alguns extractos do primeiro capítulo respeitando o «espectador popular» ou suposto como tal transcritos da revista «International Theatre Informations».

O retrato-robot desse espectador não pode ser uma espécie de ficha sinalítica internacional agora, o próprio povo tem as suas classes que não se generalizam, e a geografia também tem os seus imperativos. Em que espectadores pensava Jean Vilar quando escrevia:

«O Teatro continua a ser um teatro de classe... digamos, numa palavra que ele se dirige a um público burguês. Pois bem, vou tentar conquistar um público novo»...?

Harold Clurman (U.S.A.) diz-nos, por sua vez: *«Situar o público popular é correr riscos. Não temos, nos Estados Unidos, camponeses no sentido europeu da palavra e os nossos operários não pensam em termos de consciência de classe. Em contrapartida, os nossos capitalistas e dirigentes crêem ser «workers».*

Para Reynaldo d'Amore (Peru)... *«Aqui, no Peru, para pensar classe operária seria necessário pensar massa indígena. Como muitos ignoram o espanhol, seria preciso dar-lhes um teatro em quechua ou em aymara, dar-lhes teatro nas montanhas, nas florestas, nos vales nos locais onde vivem.»*

Ariano Suassuna explica em poucas palavras o problema brasileiro: *«Deixando de lado qualquer tipo de discussão a respeito da expressão «público popular», pode dizer-se que, aqui, de uma maneira geral esse público identifica-se com analfabetos ou semianalfabetos».*

Para Ferenc Hont, encenador húngaro, torna-se importante não esquecer que os espectadores que aprenderam a ler nem sempre aprenderam a compreender, em todas as suas cambiantes, o sistema de sinais próprio do teatro.

Um dos nossos correspondentes britânicos limita-se: *Interessar-me por aquilo a que chamais o trabalhador manual é perder tempo. No caminho que as coisas levam, se um homem é trabalhador manual, é porque não tem capacidade intelectual. Ora, sem educação e capacidade intelectual, as pessoas não se interessam pelo teatro — têm o cinema e a televisão».*

Mas, responde Tayeb Saddiki (Marrocos)... *«Se, em Marrocos, levais o teatro a quem o não conhecia senão de nome e que, por preguiça, por ignorância ou por timidez não dava um passo para ele, ficareis quase sempre estupefactos ao descobrir que vai amá-lo tanto como vós, talvez mais, e que ele próprio fica espantado ao descobrir uma fome nova: «Quando voltas?»*

«Talvez estejam muito fatigados á noite», diz Sonja Augustin (Suiça-Teatro Universitário) *«e prefiram ficar em casa diante da televisão — talvez isto também os não interesse ou, antes, talvez tenham a sensação, por razões sociais e de educação, que não é para eles...»*

Para Henri Lelarge, francês, advogado e dirigente amador, *«Todas as razões materiais que se dão para explicar a ausência dos trabalhadores (fadiga física, horror ao teatro burguês, horários tardios) têm pouca importância ao lado do facto essencial: eles não têm uma necessidade de cultura e em particular de cultura teatral.*

É preciso, portanto, fazer nascer essa necessidade. Quando o trabalhador manual quer ver um espectáculo que lhe interessa, não há obstáculos (estádio, variedades, etc...)».

Kaddour Naïmi, animador (Argélia) não pensa que o Teatro dito popular, á parte as jovens trupes de amadores, tenha conseguido estabelecer um contacto real com os trabalhadores manuais — *«É preciso ir»* — diz — *«lá onde os trabalhadores vivem, trabalham e se divertem. Representar sejam quais forem as condições, devendo-se começar pela mais simples... tratar temas que respondam ás suas preocupações»...*

«Não há dúvida que existe todo um público que nos não interessa já», diz Maurice Sarrazin, director de um Centro dramático francês, *«porque ele próprio já se não interessa — todo um público, desde há uns bons cinquenta anos, falha literalmente a sua missão. Ele, que era dotado da bagagem cultural de onde devia sair o teatro do nosso tempo, nada fez... A primeira razão pela qual eu senti, como muitos, a necessidade de um teatro verdadeiramente popular, é porque o público tradicional, cada vez mais, não dava caução, com a sua presença, senão a espectáculos contestáveis, enquanto que, pela sua ausência, recusava essa caução ao teatro.»*

Para Renée Slotte, dirigente amador na Finlândia: *«Os trabalhadores são frequentemente muito conservadores nos seus gostos e não é certo que o público popular aspire a grandes problemas... Temos de admitir que o seu trabalho, a maior parte do tempo tão monótono, não leva o seu espírito a interessar-se pelas peças convencionais representadas nos teatros...»*

De um ponto de vista geral, Bruno Schacherl, crítico italiano, pensa que... *«A classe operária revele as instituições culturais públicas, de quem receia o paternalismo: uma cultura imposta não pode já transmitir valores autónomos...»*

«Os esforços empreendidos» — diz Ernst Schumacher (R. D. A.) — *«para abrir todos os teatros a todas as camadas do povo fracassaram, em princípio, se entendermos por abertura não só a entrada, mas também o acesso ás ideias e a tomada de posse espiritual (sem falar da crise de posse real)...»*

A estas opiniões, B. Poirot-Delpech, crítico francês, propõe uma conclusão:

...«Devemos limitar-nos a dar a células autónomas os meios de promover uma cultura que se pareça com o povo, que lhe pertença...»

...«Onde tentativas para atingir o público popular foram feitas», diz Rudy Engelander (Holanda), falando do teatro universitário, *«o objectivo foi sempre tornar as coisas claras para o público. Por exemplo de que género de estruturas é ele prisioneiro... Poder-se-ia chamar a isso um teatro pré-revolucionário, um teatro que mostra o que não anda bem numa certa sociedade e o que pode ser feito para o remediar...»*

Na América Latina, Enrique Buenaventura (Colômbia) lança sobre esse público um olhar mais sombrio mas apaixonado:

«O trabalhador não conhece senão as distracções de massa. O sistema trata-o como massa - ele tem necessidade das organizações de massa para se defender e para atacar. Mas o teatro não é um espectáculo de massa. O teatro questiona os comportamentos individuais a fim de permitir lutar colectivamente — o teatro coloca os problemas de consciência no interior dessa luta e das condições engendradas pelo par massa-indivíduo. A própria expressão «trabalhador manual» põe em evidência um facto que o teatro nega: a divisão entre «trabalho material» e «trabalho intelectual»... É muito difícil criar a necessidade de uma diversão, profunda e complexa como o teatro, entre os operários e os camponeses, dado que eles são inundados de diversões de massa que têm por objectivo diluir, negar e alienar a personalidade... A única preocupação que nos guia no trabalho com o público popular é o contacto, a necessidade de penetrar na sua vida, e a certeza de que são eles, os homens sem privilégios, que podem transformar a vida.»

nós escolhemos

Veiga Simão

«Cedo senti», declarou pela TV o ministro da Educação na sua recente comunicação ao País, «que se tornava necessário proceder, com urgência, a uma extensa e profunda reforma do sistema educativo português».

Melhor, se diria que o actual detentor da pasta da Educação foi mandatado para a reforma.

Após a subida de Marcello Caetano ao poder houve um interregno. Janeiro de 70 assistiu à chegada do novo ministro prof. Veiga Simão, autor da «participação» na Universidade de Lourenço Marques, lançava ombros á tarefa de rever toda a estrutura do Ensino em Portugal — contra gregos e troianos, isto é, contra «conservadores» e «revolucionários».

Que esta reforma é uma das condições básicas do êxito de projecto reformista da actual administração é sabido: ministros, industriais, financeiros, professores e intelctuais «progressistas» dizem-no aos quatro ventos. A industrialização do rectângulo exige «quadros» e não são as actuais escolas — feitas para uma sociedade agrária, patriarcal e conservadora — que os podem fornecer. O desenvolvimento do modo de produção vigente em Portugal passa pela reforma do Ensino.

O deputado liberal Miller Guerra coloca o dedo numa ferida real ao afirmar no Parlamento que «as idéias reformativas do prof. Veiga Simão e dos seus colaboradores» são «um dos vértices da nossa história da Educação, seja qual for o destino que tiverem». Tudo reside, de facto, em saber qual será esse destino. O reformismo tem o campo aberto em Portugal, num momento em que a industrialização e as necessidades de aumento do mercado interno originam a criação de novos empregos e uma «redistribuição» de rendimentos. Nessa medida, alguns êxitos são de prever para as políticas e para os políticos reformistas — do centro ou da «esquerda». O desenvolvimento das contradições próprias do modo de produção vigente pode ser adiado. Pelo menos enquanto a situação em África se mantiver estacionária.

Este pano de fundo vale para todo o quadro da política portuguesa, com excepção talvez da política educativa. Neste campo as tensões são mais fortes e menos recuperáveis. A capacidade de resistência das classes meramente conservadoras é aí mais forte do que noutros sectores; e se é certo, como declara o actual ministro, que alguns «privilegiados» estudantes não podem arvorar-se em «defensores dos trabalhadores portugueses» (enquanto não estão a eles ligados) não é menos certo que podem pelo menos opor uma resistência «selvagem» á sua transformação em «quadros».

A. L. S.